

DANIELA APARECIDA FRANCISCO

**O PROJETO ESTÉTICO NA OBRA DE
BARTOLOMEU CAMPOS DE
QUEIRÓS**

**TRÊS LAGOAS
2013**

DANIELA APARECIDA FRANCISCO

**O PROJETO ESTÉTICO NA OBRA DE
BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Letras, (Área de concentração: Estudos Literários) do Campus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientador: Profº. Drº. José Batista de Sales.

**TRÊS LAGOAS
2013**

TERMO DE APROVAÇÃO

DANIELA APARECIDA FRANCISCO

O PROJETO ESTÉTICO NA OBRA DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de mestre no Curso de Pós-graduação em Letras, Área de concentração em Estudos Literários, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Campus de Três Lagoas, pela seguinte banca examinadora:

Banca examinadora

Prof. Dr. José Batista de Sales (UFMS/CPTL) – Presidente

1º examinador: João Luís Cardoso Tápias Ceccantini (UNESP/ASSIS)

3º examinador: Clara Ávila Ornellas (UFMS/CPTL)

Três Lagoas – MS
15 de março de 2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu avô Antonio Passini, que precisou partir dias antes do começo deste projeto, mas que tenho certeza que me acompanhou em cada passo.

A ele, minha dedicatória e minha eterna saudade.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Joelma, Rosana, Fabrina, Karina, Janaína e a todos meus companheiros mestrandos —, por todas as vezes que me ajudaram, por todas as vezes que compartilhamos dúvidas, anseios e gargalhadas;

aos meus pais e a minha irmã, por sempre estarem ao meu lado, nos momentos bons e ruins;

ao Carlos Henrique, por sempre me apoiar, segurar minha mão e não me deixar jamais desistir;

ao Emerson e a Paula, por toda amizade e pelo auxílio;

aos meus alunos, por me oportunizarem ricos momentos de debate e crescimento como educadora e como ser humano;

aos meus professores, por seus tão valiosos ensinamentos;

e especialmente ao professor José Batista de Sales, por toda paciência, dedicação e cobranças que me permitiram desenvolver esta Dissertação de Mestrado; a ele minha eterna gratidão!

EPÍGRAFE

Certas Palavras

Certas palavras não podem ser ditas
Em qualquer lugar e hora qualquer.
Estritamente reservadas
Para companheiros de confiança,
Devem ser sacralmente pronunciadas
Em tom muito especial
Lá onde a polícia dos adultos
Não adivinha nem alcança.
Entretanto são palavras simples
Definem
Partes do corpo, movimentos, atos
Do viver que só os grandes se permitem
E a nós é defendido por sentença
Dos séculos.

E tudo é proibido. Então, falamos.

Carlos Drummond de Andrade

RESUMO

Há alguns anos, a discussão acerca da literatura infanto-juvenil nos meios acadêmicos tem superado a dimensão meramente pedagógica como único critério ou qualidade presente nas obras dos autores contemporâneos, principalmente após o advento da criação lobatiana. Por outro lado, a produção em massa desse tipo de literatura, suas relações com o mercado consumidor, além do seu caráter moralista e utilitário, traz ao cenário nacional uma discussão sobre outras características dos textos destinados ao público infanto-juvenil e sua inserção no meio escolar. Acredita-se assim ser relevância para a área um estudo histórico-crítico sobre o conjunto da obra de Bartolomeu Campos de Queirós, escritor renomado no cenário moderno nacional, com o objetivo de apontar elementos norteadores de sua produção e a recepção que tem merecido nos meios acadêmicos e escolares. Para atingir este objetivo, realizamos a análise dos elementos textuais e imagéticos de duas de suas obras: *Foi assim...* (2008) e *ABC... até Z* (2009).

Palavra-chave: literatura brasileira, literatura infanto-juvenil, narrativa infanto-juvenil, fortuna crítica.

ABSTRACT

A few years ago, the discussion of infant-juvenile literature in academia has surpassed the purely pedagogical dimension as the sole criterion or quality present in the works of contemporary authors, especially after the advent of creation lobatiana. On the other hand, mass production of this type of literature, its relationship with the consumer market, beyond its moralist character and utility, it brings to national scene a discussion about other characteristics of texts intended for children and youth and their insertion in the environment school . It is believed therefore, be an important contribution to the area a historical-critical study of the whole work of Bartolomeu Campos de Queiroz, a renowned writer in modern national scenario, with the goal of pointing guiding elements of his production and the reception that which has deserved in the academic and school environments.

Keywords: brazilian literature, infant-juvenile literature, juvenile narrative, critical fortune.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – O conjunto da obra de Bartolomeu Campos de Queirós	
- Explicação Prévia.....	19
1.1 Entre poesia, educação, ficção e memórias.....	21
1.2 PRODUÇÃO ATIVA.....	21
1.2.1 Obras poéticas.....	21
1.2.2 Prosa Poética.....	26
1.2.3 Memórias.....	31
1.2.4 Artigos em livros.....	33
1.2.5 Ensaios.....	37
1.2.6 Participação em coletâneas.....	39
1.2.7 Organização de livros.....	40
1.3 PRODUÇÃO PASSIVA.....	40
1.3.1 Produção sobre a obra de Bartolomeu Campos de Queirós.....	40
1.3.2 Livros.....	41
1.3.3 Artigos em livros.....	42
1.3.4 Teses.....	47
1.4 Observações importantes.....	48
CAPÍTULO 2 – Abordagem estética e pedagógica das obras de Bartolomeu Campos de Queirós	
2.1 Sobre o conjunto da obra de Bartolomeu Campos de Queirós.....	50
2.2 <i>Foi assim...</i> (2008).....	51
2.2.1 <i>Foi assim...</i> (2008) e sua matéria literária.....	54
2.3 <i>ABC...até Z!</i> (2009).....	63
2.3.1 <i>ABC...até Z!</i> (2009): núcleo temático, linguagem, imagens, leitor ou ouvinte.....	64
2.4 Literatura infantil e juvenil contemporânea.....	67
CAPÍTULO 3 – <i>Foi assim</i> (2008) e <i>ABC... até Z</i> (2009), uma análise	
3.1 A literatura infantil e juvenil brasileira.....	71
3.2 <i>Foi assim...</i> (2008).....	73
3.2.1 Plano verbal.....	73
3.2.2 Plano imagético.....	81
3.2.3 Algumas considerações sobre <i>Foi assim...</i> (2008).....	83
3.3 <i>ABC... até Z!</i> (2009).....	85
3.3.1 Plano verbal.....	85
3.3.2 Plano imagético.....	88
3.3.3 Algumas considerações sobre <i>ABC ... até Z!</i> (2009).....	90

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS.....	97
BIBLIOGRAFIA.....	105
APÊNDICES	108
Apêndice 1 – Bartolomeu Campos de Queirós: o homem além dos livros.....	109
Apêndice 2 - Bibliografia <i>de e sobre</i> Bartolomeu Campos de Queirós.....	128
ANEXOS.....	140

INTRODUÇÃO

Meus primeiros contatos com a literatura foram na escola, especificamente com a literatura infantil. Quando aluna do 1º grau, atual ensino básico, a biblioteca escolar era um dos locais que minhas professoras sempre nos levavam. E lembro-me exatamente do alvoreço e da emoção sentidos quando estávamos lá, em contato com aquele monte de livro colorido. Ano após ano, eu frequentei aquela biblioteca e quando ela já não satisfazia meu desejo por algo novo e diferente, associei-me a Biblioteca Pública Municipal de minha cidade. E foram estas duas bibliotecas que sempre saciaram minha sede por leitura.

Quando chegou o momento de iniciar o 2º grau, atual ensino médio, optei pelo magistério e, naquela época, o CEFAM (Centro Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério) foi quem me oportunizou a entrada no mundo da educação, mas agora como professora e não apenas aluna. Saindo do magistério, iniciei o curso de Pedagogia. Sempre gostei de ler e carreguei comigo este prazer também para a faculdade. Quando algo realmente faz sentido em nossas vidas e torna-se extremamente necessário, como um alimento mesmo para a mente, é impossível abandoná-lo.

Da faculdade para as salas de aulas. Agora o meu papel era outro. Eu continuava leitora, mas agora precisava formar leitores. E eu percebia que a minha vontade de ler estendia-se aos meus alunos. Percebia neles o desejo em folhear e conhecer autores e histórias. Também pude notar que alguns livros agradavam mais, outros menos e outros nunca eram solicitados. Então, comecei a me questionar: qual o fator que desperta o interesse do aluno por determinado livro? O tipo das ilustrações, o tamanho das páginas, a disposição das letras me ofertavam alguns indícios do que eles gostavam ou não.

No entanto, com o tempo, apenas a observação destes fatores de ordem material não me satisfaziam. Iniciei mais uma pesquisa, inerente a minha função de professora. E assim, no meio de procuras e leituras, descobri o Congresso de Leitura do Brasil (COLE). Isso foi no ano de 2009 e foi lá que conheci o trabalho com a literatura infantil desenvolvido por diversos pesquisadores. Em 2010, inscrevi-me como aluna especial da disciplina de Literatura Infantil, ministrada pelo professor Doutor José Batista de Sales, na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, no campus de Três Lagoas.

Com a participação nesta disciplina, conheci diversos autores de literatura infantil e alguns teóricos que abordavam esta temática. As discussões em sala e os estudos particulares me auxiliaram a estabelecer alguns critérios entre o que era realmente literatura de qualidade e aquela que eu deveria ter um olhar mais atento para poder realmente ler nas entrelinhas. Um destes livros com alta qualidade literária que nos foi apresentado pelo professor, foi *Cavaleiro das sete luas* (1985), de Bartolomeu Campos de Queirós.

A partir deste primeiro contato com o autor, comecei a observar a presença de diversos títulos de Queirós na biblioteca da escola onde trabalhava, agora como coordenadora pedagógica. Realizei algumas pesquisas sobre o escritor e percebi sua importância e engajamento na causa pela leitura no país. Desde então, Bartolomeu Campos de Queirós tornou-se objeto de minha curiosidade e também de minha leitura.

Apesar do meu apreço inicial pelos livros deste escritor, a questão da qualidade literária continuou me intrigando. Será que, por um autor ser extremamente conhecido e renomado, toda sua obra possui um caráter literário ou as questões teóricas devem ser observadas e pensadas em relação a cada livro? Questionando isto e continuando a refletir sobre as ideias apresentadas por diversos teóricos, surgiu a vontade de investigar mais a fundo as obras deste escritor e elegi seus livros como objeto de estudo do meu projeto de mestrado.

Considerando então, a curiosidade teórica inerente a minha função de professora e posteriormente, de coordenadora pedagógica, além do interesse despertado em mim pelas obras de Bartolomeu Campos de Queirós, realizei algumas leituras e reflexões embasadas no pensamento de diversos teóricos, que apresento abaixo.

Regina Zilberman e Ligia Cadermatori Magalhaes, em *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação* (1987), apontam o afastamento das crianças em relação aos livros. Segundo as autoras, os objetivos pedagógicos estão sempre presentes na literatura infantil, com algumas exceções. Na teoria pedagógica, a concepção de criança projeta um modelo a ser alcançado, um dogma. Esse fator focou a atenção do meio intelectual e da pedagogia para a literatura infantil: exame de relação livro-leitor e dos textos destinados à infância que não se distanciaram da arte literária.

Em *Literatura infantil brasileira: histórias e histórias* (1991), Zilberman e Lajolo denunciaram o fato de que a literatura infantil foi atrelada ao processo de industrialização e que devido a isto, [...] textos foram escritos segundo o modelo da produção em série e o escritor foi reduzido à situação de operário, fabricando, disciplinarmente, o objeto segundo as exigências do mercado.” (p. 119). Afirmam, também, que

[...] o texto infantil contemporâneo busca romper com a esclerose a que o percurso escolar e o compromisso com a pedagogia conservadora parece ter confinado o gênero. A ruptura acarreta ainda a produção de textos autoconscientes, isto é, de textos que explicitam e assumem sua natureza de produto verbal, cultural e ideológico. Reside aí o ponto de radicalidade mais extrema a que chega o texto infantil nas duas últimas décadas. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 161).

As estudiosas também demonstram aspectos referentes ao “escrever para crianças e fazer literatura.” Segundo as autoras, há uma “desconfiança de setores especializados da teoria e da crítica literária, quando confrontados à literatura infantil: “[...] De um lado, porque tantas concessões interferem com frequência demasiada na qualidade artística dos textos; de outro, porque denuncia que, sem concessões de qualquer grau, a literatura subsiste como ofício.” (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 19).

Não apenas Lajolo, Zilberman e Cadermartori abordam estas questões em suas produções, porém muitos outros realizaram estudos que se relacionam a essa temática. Dentre esses, destacam-se: Sosa (1978); Lourenço Filho (sem data); Perrotti (1986), Arroyo (1988). A seleção destes escritores orientou-se devido ao fato de que seus textos foram as primeiras contribuições teóricas sobre o tema que ganharam destaque no país.

Um dos primeiros autores que trouxe contribuições importantes sobre o tema foi Jesualdo Sosa, em seu livro *A literatura infantil*, publicado em 1978. Sosa questiona se existiria uma literatura infantil propriamente dita ou se a literatura infantil seria apenas um aspecto da literatura, dentre várias modalidades artísticas. Segundo ele, a literatura infantil é “truculenta e malsã”, quer agradar ao gosto infantil, mas não agrada ao apetite intelectual da criança, pois são muito pueris e moralizantes. Para Sosa, a literatura infantil não desperta o interesse da criança, pois a moral está sempre presente em qualquer conhecimento que se queira passar à criança, está junto às demais disciplinas como parte integrante da literatura. É importante ressaltar o fato de Sosa ter escrito seu livro referente a uma literatura anterior a que temos hoje, analisando livros publicados antes das profundas transformações ocorridas com a literatura infantil, especialmente a brasileira.

No prefácio de uma edição da obra de Leonardo Arroyo, Lourenço Filho define literatura infantil como um conjunto de publicações, sem conteúdo especificamente didático, destinado às crianças. Para o autor, a literatura infantil está relacionada à cultura de um povo, a sua tradição oral. A literatura infantil seria uma conotação geral da cultura, com uma caracterização evolutiva.

Em *O texto sedutor na literatura infantil*, (1986), Edmir Perrotti objetiva “[...] assinalar o surgimento de uma nova tendência discursiva nas manifestações literárias dirigidas a grupos infantis e juvenis no país.” (PERROTTI, 1986, p. 11). Segundo Perrotti, os escritores nacionais pretendem ser considerados como artistas e reclamam que suas obras sejam vistas como objetos estéticos e não mais objetos com o papel moralista ou pedagogizante. Resumidamente, o autor aponta que “[...] estudiosos da arte e da literatura aceitam a ideia de ser a arte dotada de caráter instrumental, mas recusam sua redução ao utilitarismo que, em

nome da “causa”, oblitera as formas artísticas, a “escritura”, única maneira de oposição a várias formas de poderes inerentes a todo ato de linguagem.” (PERROTTI, 1986, p. 40).

Leonardo Arroyo, em seu livro *Literatura Infantil Brasileira: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes* (1988), afirma que a literatura infantil possui variações, mas sua natureza seria invariável. Mudam-se as formas, o revestimento, o veículo de comunicação (língua). O autor também demonstra duas características marcantes da má literatura: puerilidade exagerada e o tom moralizante das histórias.

Arroyo, além de definir o que seria a literatura infantil aponta a questão da má literatura. A literatura infantil sendo usada para formar a criança. As histórias são atreladas a moral que se quer inculcar nos pequenos. Para o autor,

[...] A conceituação de literatura infantil tem variado muito no espaço e no tempo, tão íntima é a relação, em sua natureza, com a pedagogia. E tão imponderáveis são também os critérios constituídos para o estabelecimento de um conceito definido que, as mais das vezes, ou geralmente, atendem apenas a determinadas explicações históricas, sociais e, sobretudo pedagógicas. (ARROYO, 1988, p. 34).

Mediante observação das obras acima citadas, é possível perceber pelo menos um aspecto comum: a literatura infantil ainda possui dificuldades em sua gênese, pois não é concebida apenas como literatura, mas sim como um instrumento capaz de moldar o público ao qual se destina, com objetivos utilitaristas e não estéticos.

Do ofício de escrever para as crianças e adolescentes, sobrevivem vários escritores no cenário nacional, sendo muitos deles consagrados. Muitas das obras desses escritores são premiadas por instituições artísticas e/ou literárias e muitas outras chegam às escolas por meio de projetos do governo de fomento a leitura e a literatura¹, o que pode ser visto como ponto positivo. No entanto, a quantidade de obras não está relacionada diretamente a qualidade destas.

Neste projeto de trabalho demos enfoque a um escritor em especial: Bartolomeu Campos de Queirós (1944-2012), justamente por ser um escritor renomado no cenário moderno nacional e com vasta publicação de obras destinadas ao público infantil e juvenil. Considerando a produção deste escritor brasileiro e a sua recepção crítica, notadamente os prêmios recebidos e a sua popularidade nos meios escolares, optou-se por realizar uma pesquisa bibliográfica e documental sobre o autor, utilizando-se de processos de identificação, localização, seleção e leitura de fontes diversas. A partir desta pesquisa inicial, analisamos

¹ Alguns exemplos: PNBE – Programa Nacional Biblioteca na Escola; FNDE – Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação.

suas obras com o objetivo de contribuir para a produção de pesquisas literárias que envolvam a temática da literatura infantil, auxiliando na formação de uma bibliografia crítica sobre o tema em questão.

Bartolomeu Campos de Queirós é um escritor presente no cenário nacional, possui uma vasta coleção de obras publicadas e é também um dos mais destacados autores brasileiros no âmbito da literatura para crianças e jovens. Como escritor, estreou em 1971 com o livro *O peixe e o pássaro*. De lá para cá, publicou mais de 40 títulos, traduzidos em vários idiomas, e foi diversas vezes distinguido ao longo de sua carreira literária com prêmios como o Cidade de Belo Horizonte (1971), O melhor para a criança (da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil) (1979), o Jabuti (da Câmara Brasileira do Livro) (2004, 2005), o diploma de honra do International Board on Books for Young People (IBBY, Londres), prêmio francês Quatrième Octogonal², prêmio O melhor para jovem – *Hors Concours* (2004), prêmio Ibero Americano Fundação SM (2008), finalista do prêmio Hans Christian Andersen (2010), prêmio São Paulo de Literatura (2012)³.

Quando iniciamos as pesquisas, porém, percebemos a enorme dificuldade, senão impossibilidade de realizar uma pesquisa exaustiva, considerando o número de obras publicadas deste escritor e o tempo hábil para isto. Foi necessário, então, realizar um recorte dentre suas publicações para que os objetivos desta dissertação fossem alcançados. Após pesquisas iniciais, optamos por dois livros dentre todos os que foram localizados: *Foi assim...* (2008) e *ABC... até Z!* (2009). A seleção destes dois livros deu-se pelo fato de acreditamos ser interessante a escolha de livros de gêneros diferentes, sendo narrativa e poemas, respectivamente. Além disso, ambos foram publicados sequencialmente – 2008 e 2009, mas possuem estilos totalmente diferentes, inclusive nas ilustrações.

Delimitado o objeto, formulou-se o seguinte problema inicial: o conjunto das obras de Bartolomeu Campos de Queirós pode realmente ser considerado como uma literatura infantil, ou seja, os livros do autor deixam de lado o aspecto pedagogizante, moralista e utilitário das histórias, para se prenderem apenas aos elementos estéticos da literatura? Para responder esta questão, analisamos os aspectos verbais e imagéticos dos livros *Foi assim...* (2008) e *ABC...até Z!* (2009), identificando aspectos estéticos ou utilitaristas presentes nas publicações do autor, além de refletir sobre sua importância no cenário literário nacional, especificamente relacionado ao público infantil e juvenil.

² Apesar dos esforços despendidos, não foi possível localizar as datas destas premiações do escritor.

³ Retirado do site: <<http://www.pluricom.com.br/clientes/grupo-sm/noticias/2010/03/bartolomeu-campos-de-queiros-e-finalista-do-premio-hans-christian-andersen>>. Acesso em mar/2011.

Foi assim... (2008) foi publicado pela Editora Moderna e possui ilustrações de Sandra Bianchi. Em formato narrativo, Queirós conta a história do menino Edu e do processo de aprendizagem deste, no que tange a leitura e a escrita. Já *ABC... até Z!* (2009) foi editado pela LAROUSSE Júnior e ilustrado por Júlia Bianchi. Este, em formato de *Larousse*, é composto por 26 poemas, da letra “a” até a letra “z”. O *larousse* é um livro com características enciclopédicas, como um dicionário ou uma coletânea para estudo de determinados ramos do conhecimento.

Com a análise dos dois livros, objetivou-se esclarecer em que posição Bartolomeu Campos de Queirós pode ser classificado. Seria uma literatura que já se libertou ou uma literatura ainda atrelada aos ideais pedagógicos que assume um caráter de produto verbal, cultural e ideológico? Além disto, o estudo do conjunto das obras de Bartolomeu Campos de Queirós nos auxiliou na identificação de aspectos estéticos ou utilitaristas presentes nas publicações do autor, corroborando a importância do projeto estético de Bartolomeu Campos de Queirós no cenário literário nacional, especificamente relacionado ao público infantil e juvenil.

Considerando a vasta produção literária de Bartolomeu Campos de Queirós, inicialmente foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre todas as suas obras publicadas no Brasil, o que inclui narrativas, poemas, livros de memórias e artigos sobre diversos temas. Além desta, denominada de produção ativa, também localizamos diversos artigos que abordam a produção de Queirós, a qual denominamos de produção passiva. Utilizamos dos processos de identificação, localização, seleção e leitura das diversas fontes localizadas. A reunião deste material constitui o primeiro capítulo desta dissertação.

No capítulo seguinte, já realizada a seleção das obras que serão abordadas, realizamos um trabalho de descrição do enredo de *Foi assim...* (2008) e das características poéticas de *ABC...até Z!* (2009) e como estas são desenvolvidas pelo escritor. Para a narrativa, elencamos aspectos relativos à matéria literária e aos seus dez fatores estruturantes: narrador, foco narrativo, história, efabulação, gênero narrativo, personagens, espaço, tempo, linguagem ou discurso narrativo, leitor ou ouvinte. (COELHO, 2000). Já para a descrição da poesia, apoiando-nos também em Nelly Novaes Coelho (2000), observaremos os aspectos relativos ao núcleo temático, linguagem, imagens, leitor ou ouvinte. Os elementos apontados neste capítulo servirão, no capítulo seguinte, para uma análise minuciosa acerca da relação que estabelecem dentro das obras analisadas.

Sendo assim, o terceiro capítulo apresenta as análises da narrativa *Foi assim...* (2008) e dos poemas de *ABC...até Z* (2009), como os projetos estéticos destas obras foram

organizados e quais as características destes em relação a literatura infantil. Outro ponto analisado neste capítulo foram as ilustrações dos livros. Como afirma Odilon Moraes: “[...] o projeto gráfico do livro pode não estar visível na narrativa, mas interfere sutilmente na leitura.” (MORAES, 2008, p. 55). Por isso, também a abordagem das ilustrações, acreditando que os livros atuais de literatura infantil apresentam um duplo trabalho estético: verbal e imagético.

Apresentamos nossas Considerações finais, que não esgotam o assunto, mas apresentam elementos que acreditamos ser de extrema importância no estudo da literatura infantil e juvenil brasileira, já que trazem observações sobre o autor e a obra de Bartolomeu Campos de Queirós e sobre a questão da qualidade literária, dos livros destinados às crianças e do papel destes na formação do leitor.

Após as referências e a bibliografia, apresentamos uma pesquisa biográfica sobre Bartolomeu Campos de Queirós: informações pessoais, artísticas, profissionais e como os pensamentos do escritor dialogam com os de críticos literários, escritores e especialistas da área da literatura e ou da literatura infantil e juvenil. Estas auxiliaram na percepção de Queirós como grande escritor nacional, além de nos ajudar na compreensão das características de suas obras. Esta pesquisa está como apêndice ao final da dissertação. Há também um apêndice com tabelas organizativas das produções de e sobre Queirós – produção ativa e passiva – organizadas por categorias, ano de publicação, título e editora. Por fim, anexamos algumas das imagens mencionadas no texto desta dissertação.

CAPÍTULO 1
O CONJUNTO DA OBRA DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS

Explicação prévia

O escritor mineiro Bartolomeu Campos de Queirós (1944 – 2012) deixou-nos uma vastíssima obra composta de narrativas infantis e juvenis, prosas poéticas, livros de memória, ensaios, organização de livros e participações em coletâneas com diversos autores sobre temas variados e estudos sobre seus livros.

Neste capítulo, tentamos organizar uma categorização de toda obra *de* e *sobre* Bartolomeu Campos de Queirós. Infelizmente, ainda não foi possível precisar o ano da primeira edição de todos os livros publicados. Por esta razão, algumas publicações indicam a edição localizada. Outro problema constatado inicialmente liga-se a participação do escritor em obras de terceiros. Citamos algumas, mas é possível que haja outras, não localizadas neste trabalho.

1.1 – ENTRE POESIA, EDUCAÇÃO, FICÇÃO E MEMÓRIAS

Bartolomeu Campos de Queirós alcançou grande prestígio no campo literário. Suas produções agradam leitores de todas as idades e não apenas os no campo da literatura infantil e juvenil. Dono de uma prosa poética de excelência, “[...] suas narrativas – de aparente simplicidade – revelam o profundo carinho pelo idioma nacional, principal veículo de interlocução autor e leitor.” (OLIVEIRA, 2003, p. 14).

Ele inicia suas atividades com a prosa poética *O peixe e o pássaro*, no ano de 1971. Dois anos depois lança *Pedro*, livro também em forma poética. No ano seguinte, 1982, é publicada sua primeira narrativa infanto-juvenil, *Onde tem bruxa tem fada*. Neste mesmo ano, participa de uma coleção organizada pelo governo de Minas Gerais e publica *Considerações sobre a educação artística*. Em 1989 é publicado *Indez*, primeiro trabalho de uma série sobre as memórias da infância do autor.

Com essas primeiras publicações, que abrangem um período de aproximadamente duas décadas, podemos dividir a produção de Bartolomeu Campos de Queirós entre poesia, educação, ficção e memórias. Na categoria poesia, encontramos 32 obras, publicadas entre os anos de 1971 e 2006. Na categoria educação, além deste primeiro ensaio, *Considerações sobre educação artística* (1982), é possível encontrar artigos do autor sobre arte, leitura, escrita, literatura, pecados capitais e seu livro *O fio da palavra* (2012), publicação póstuma sobre o ofício de escrever, dentre outros. Na terceira categoria, dedicada à obra ficcional, há uma vasta produção, entre 1982 e 2012. E por último, os livros relativos às memórias do autor, em um total de sete publicações entre 1989 e 2010, incluindo *Vermelho Amargo* (2010).

A partir da década de 1980, surgem as primeiras referências sobre as suas obras, devido ao *boom* da literatura infantil e juvenil brasileira na década anterior. Como Queirós, diversos outros escritores iniciam suas publicações na década de 1970 e vão, paulatinamente, ganhando espaço no cenário literário nacional, chegando não somente ao público, mas tornando-se também objeto da crítica especializada.

Atualmente, a produção de estudos sobre o escritor é muito vasta, incluindo livros, artigos em livros e em periódicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Estudiosos da literatura infantil e juvenil encontram nos escritos de Bartolomeu Campos de Queirós diferentes assuntos a serem abordados, refletidos e resignificados.

Para os nossos objetivos, dividimos nosso *corpus em* quatro (4) categorias: poemas, educação, prosa e memória. A seguir, analisaremos as características e as produções incluídas

em cada uma delas, além de uma análise da produção sobre o autor. O documento elaborado com a produção ativa e passiva de Bartolomeu Campos de Queirós poderá ser consultado nos apêndices desta dissertação.

1.2 – PRODUÇÃO ATIVA

1.2.1– Obra poética

O escritor Bartolomeu Campos de Queirós inicia sua produção literária no ano de 1971⁴, com *O peixe e o pássaro*, premiado, no mesmo ano, pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – Prêmio Literatura Infantil. Dois anos depois publica *Pedro* e em 1985 é publicado *Ah!mar...* Daí em diante, sua produção literária é intensificada e o autor continua editando obras poéticas com certa regularidade (apêndice 1).

Suas obras foram sempre reconhecidas e premiadas, como *Pedro* (Prêmio Prefeitura de Belo Horizonte, Selo de Ouro – Fundação Nacional do Livro Infante Juvenil (FNLIJ), *Coração não toma sol* (Prêmio 1ª Bienal do livro de Belo Horizonte – 1986, Prêmio Orígenes Lessa - FNLIJ / 1987, Selo Altamente Recomendável – FNLIJ), *Apontamentos* (Selo Altamente Recomendável - FNLIJ, obra indicada no ano de 1990 ao prêmio de melhor autor e melhor ilustrador), *Papo de pato* (Selo Altamente Recomendável – FNLIJ), selecionado para o Projeto Meu Livro Meu Companheiro – FNLIJ), *Minerações* (Grande Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte, Prêmio Orígenes Lessa da FNLIJ, selecionado para o Prêmio "Les Quatrièmes Octogonales", concedido pelo Centro Internacional de Estudos de Literatura para Jovens – França, indicado para o Prêmio Jabuti) e muitos outros.⁵

O grande número de premiações e indicações das obras de Bartolomeu Campos de Queirós é resultado de sua sensibilidade expressa em muitos de seus livros, exemplos de criatividade e alta qualidade literária. Em *O peixe e o pássaro*, por exemplo, a paixão de um peixe por um pássaro e a impossibilidade desta relação, observada por um narrador reflexivo, encanta a todos sem exceção. Já *Pedro*, o menino com o coração cheio de domingo, nos conta a história de um garoto que são tantos outros garotos e de seus encantos ao redor das borboletas.

⁴Todas as datas indicadas serão da primeira edição de cada obra. No entanto, nem sempre foi possível localizar estas primeiras edições. Devido a isto as citações podem ser das edições seguintes.

⁵ Informações retiradas do site: <<http://www.caleidoscopio.art.br/bartolomeucamposdequeiros/livros.htm>>. Acesso em 08 abr 2012.

E não apenas *Pedro* nos surpreende. *Mário*, com uma prosa poética envolvente, apresenta-nos o menino poeta, que tinha mar e rio em seu nome e que era feito das águas. Já *Raul* (1978) gosta da lua, é menino que pode ter nome escrito de duas maneiras diferentes. Raul é também luar. Ele ama o luar e também por ele é amado.

Diário de classe pode ser considerado mais um sucesso de leitura, pois foi adotado por diversas escolas como livro de cabeceira. É um livro poético publicado em 1992. Criando acrósticos com os nomes, Queirós realiza uma brincadeira poética a cada página, a cada rima, de A até Z. Como o próprio autor escreve no prefácio:

Se olho para uma palavra, descubro dentro dela, outras palavras. Assim, cada palavra contém muitas leituras e sentidos. O meu texto surge, algumas vezes, a partir de uma palavra que, ao me encantar, também me dirige. E vou descobrindo, desdobrando, criando relações entre as novas palavras que dela vão surgindo. Por isso digo sempre: é a palavra que me escreve. (QUEIRÓS, 2003, p. 3).

Nos anos de 1999 e 2000, respectivamente, Bartolomeu publica, pela Editora Miguilim, *Os cinco sentidos* e *Para criar passarinho*. O primeiro aborda como “suspeitamos o mundo” por meio dos sentidos e como cada sentido faz parte do corpo todo, morando um no outro. *Para criar passarinho*, escrito em prosa poética, expõe o que se deve fazer para criar passarinho, mas não passarinho preso em gaiola, e sim como criar um passarinho livre, solto para voos e para a liberdade.

No ano de 2004, a autor publica uma coleção com quatro (4) trabalhos pela Editora Moderna, *Série Eu sei de cor*. Os títulos desta coleção são: *De letra em letra*, *Formiga amiga*, *O guarda-chuva do guarda* e *O pato pacato*. Segundo informações no site da editora, esta coleção contém livros destinados às crianças que estão sendo iniciadas na leitura e os textos possuem elementos do universo infantil, como o humor, a fantasia, a rima e o inusitado, objetivando transformar o ato de ler e escrever em um prazer infantil⁶. Para isto, o autor escreveu quatro livros ritmados, que brincam com os sons e as rimas e que possuem um trabalho com a fonologia das palavras.

Rimas, sons e ritmos também são o alvo de outros oito livros: *As patas da vaca* (1985), *História em três atos* (1986), *Pé de sapo e sapato de pato* (1989), *Bichos são todos...* (2001), *Piolho* (2003), *O ovo e o anjo* (2007), *Anacleto* (2008) e *Papo de pato* (2008). Apesar de serem temas distintos em cada obra, a brincadeira fonológica é utilizada

⁶Informações encontradas no site:

<http://literatura.moderna.com.br/literatura/ficcao/verColecao?id_colecao=131>. Acesso em 28 mar 2012.

objetivando despertar o interesse de seus leitores. Com palavras e às vezes enredos confusos e misturados, Queirós cria versos diferentes e desafiadores ao leitor.

Nesta mesma linha de criação, temos o livro *ABC... até Z* (2009). O livro, considerado um “Larrouse Junior”, como o título já nos conta, possui versos com as letras do alfabeto. A cada letra, versos diferentes, com predominância de letra correspondente para iniciar as palavras. Na página ao lado de cada verso, a ilustração de objetos e animais iniciados com a letra em questão. Observem a letra A:

Na balada
da casa da macaca
a jararaca ataca de faca,
rasga a casaca da arara.

Na farra,
paca, vaca, pata e gata,
– nada de armas e casacas –
dançam valsas, sambam valsas
na varanda da barraca.
(QUEIRÓS, 2009, p. 8).

Ao lado dos versos, na página 9, as palavras aquário, avestruz e ânfora seguidos por suas devidas ilustrações, no estilo enciclopédico. E como o título esclarece, os versos e as palavras vão de A até Z.

Retomando os textos líricos de Queirós, temos outro livro escrito em prosa poética, *Coração não toma sol*, de 1986. O livro está dividido em quatorze partes, enumeradas em algarismos romanos. Para explicar sobre esta obra, citaremos a poetiza Henriqueta Lisboa, texto na capa de trás do livro:

Este seu novo livro *Coração não toma sol* (porém sim amor), comprova e documenta sua íntima força lírica, seu infalível bom gosto e sua original capacidade inventiva, em estilo que se distingue pela singeleza. Tal poema, pela mesma autenticidade e espontaneidade, não possui destinatário. É como o azul do céu, propício a todos. Tem o dom de atrair a criança pela graça ingênua da narrativa; e o adulto afeiçoado à naturalidade das origens, pelo que oferece de transparente.

[...]

Com moderação e segurança, o ritmo participa fundamentalmente desse processo criador. O enredo, mais do que tênue, pleno de sugestões e não de peripécias fantasiosas, flui pelas entrelinhas em atmosfera de penumbra, aqui e ali pontilhada de rápidas lucilações, entre uma lâmpada que se acende e o mistério que se protege. Dessa forma, o leitor é conduzido a um estado de espírito que será, para a criança um toque de alvorecer; e para o adulto, uma aura de serena meditação. (LISBOA, 1981)

Destoando um pouco dos poemas, mas também incluído nesta categoria, temos *Cavaleiros das sete luas* (1985). Trata-se de poema narrativo, escrito em verso e com excelente qualidade estética. Com ilustrações de Paulo Bernardo Ferreira Vaz, conta a “saga” e aventura de cavaleiros para o leitor que se debruça sobre ela. Vera Maria Tietzmann Silva (1995), afirma: [...] *Cavaleiros das sete luas* é um texto que se organiza privilegiando a forma circular, o que se manifesta, por exemplo, na circularidade da imagem da lua, reiterada no texto verbal e no projeto gráfico à exaustão. (SILVA, 1995, p. 77).

Nas obras de Bartolomeu Campos de Queirós, alguns temas são correntes. Muitos livros abordam temáticas comuns. É o caso, por exemplo, de *Escritura* (1990). Nesta obra poética temos a presença do tema religioso, uma releitura do nascimento de Jesus Cristo. Assunto que também encontramos em narrativas, como *Menino inteiro* (2008) e *O livro de Ana* (2009). Ambos serão explorados no tópico referente à produção prosa poética do autor.

Outro tema que encontramos tanto em suas obras poéticas como em suas obras narrativas é o da natureza. Os elementos naturais são muito valorizados nos escritos de Bartolomeu. Explícita ou implicitamente, eles se encontram em livros como *O peixe e o pássaro* (1971), *Pedro* (1973), *Mário* (1982), *Ah! mar...* (1985), *Raul* (1978), *Minerações* (1991), *Rosa dos ventos* (2000) e *Flora* (2001). Neste último, em especial, a natureza é narrada com toda a sua força e o seu mistério:

Flora sentia desejo de aventurar-se a cantar. Mas seu ouvido – atento aos segredos – preferia apreciar os recados contínuos de todos os filhos homenageados a terra-mãe com voos, trinados e danças. Por ser assim, Flora convertia seu impulso de cantar em caladas orações vestidas de sussurros e arcanjos. (QUEIRÓS, 2004, p. 33).

Em *Ah! Mar...* (1985) também utiliza-se dos elementos presentes na natureza e faz uma descrição da vida do homem que morava na montanha e era apaixonado pelo mar, que muda-se para perto de seu amado, com elementos fantásticos e poéticos. Mais um texto difícil de classificar entre poesia ou narrativa, pela presença da prosa poética de Bartolomeu Campos de Queirós:

Eu queria ser marinheiro, amparado no colo das águas. Mas deixaram-me as montanhas, onde antes estava o mar.

Minha mãe costurou meu desejo em fantasia de carnaval. E eu, menino marujo, vestido de branco e âncoras, pés trincados de poeira, pensava ser tudo engano. Ser marinheiro é ter leme, barco, mar e mais um transitório caminho tracejado no coração.

Meu pai trouxe uma fotografia dizendo-me retrato do mar. Mas junto não veio o vento, nem o cheiro, menos ainda o canto.

Não podiam ser o meu mar as águas aprisionadas em quadrado de papel. O mar do meu marinheiro era solto, além do horizonte, não suportava cadeias.

Eu não conhecia o amado, mas sabia a quem amava. (QUEIRÓS, 1985, p. 11).

Em *Minerações* (1991), os elementos da natureza são os temas dos versos do livro. Ao final do livro encontramos algumas palavras de Ângela Vaz Leão, que explicitam claramente o projeto desta obra:

[...] Obra participante no sentido mais alto da palavra, porque comprometida com o Homem e seus anseios de Liberdade, sintonizada com a Natureza e sua ânsia de Vida.

O Poeta se afina, corpo e alma, “até o último sempre”, como instrumento sensível que é. E, afinado, capta a música do mundo – as ressonâncias do silêncio, os acordes do inaudível. Capta a dança do mundo – os ritmos latentes, os frêmitos imperceptíveis do espaço-tempo. Capta a poesia do mundo – os sons da vida em segredo, os sussurros inaudíveis do eterno.

Mas não apenas capta, não apenas apreende a essência inapreensível. Afinado até a última corda, no fundo do ser – Alquimista que é – o Poeta decompõe e recompõe ritmos, imagens e sons, para criar uma nova música verbal, uma nova poesia. E do fundo do seu Eu demiurgo, brota um mundo novo, novinho como no primeiro dia da criação. Um universo reinventado. [...] (LEÃO, 1991)

Rosa dos ventos (2000), narrativa dividida entre Leste, Oeste, Norte e Sul possui versos sobre os elementos da natureza presentes em cada uma das direções e a estação do ano nelas representada.

Em *Correspondência* (1986) e *Apontamentos* (1988) os assuntos abordados são as leis do país. Este último livro refere-se à elaboração da Constituição Federal, a uma conquista realizada pela luta das palavras: “Por entre as palavras da lei o homem escreve sua paz.” (QUEIRÓS, 1988). Em *Correspondência*, várias pessoas vão trocando cartas e os direitos presentes na Constituição vão se espalhando por diversos cantos:

Caríssima Ana

No principio você deu palavras de presente a Mateus. Ele acordou outras e multiplicou as cartas. Agora muitas palavras moram acordadas em nosso sonho.

É tempo de escolher quem saiba somar nossas palavras em uma grande carta. Carta Maior, feita de pequenas cartas.

Que esses nossos representantes sejam Justos, Próximos e Verdadeiros. E que sejamos atentos, para não ficar uma só palavra esquecida.

Assim, as palavras vão sair do nosso sonho para viver entre nós – sempre.

Com muito amor,

João (QUEIRÓS, 1986, p. x)

Somos todos iguaizinhos (2005) é um trabalho que traz a indicação do destinatário: iniciantes de leitura. Com rimas simples e engraçadas, o livro conta a história de um pintinho e uma pintinha, que acabam enamorados. Interessante ressaltar que *Somos todos iguaizinhos* é uma reedição do livro publicado em 1986 pela Editora FTD, sob o título de *Pintinhos e Pintinhas*, com alterações nas ordens das estrofes, além de novas ilustrações e de ilustradores diferentes.

Bartolomeu Campos de Queirós fecha suas publicações na área da poesia infantil no ano de 2010, com o livro *Dois patas e um tatu*, publicado pela Editora Positivo.

1.2.2 – Prosa Poética

Como já citamos anteriormente, Bartolomeu Campos de Queirós possui uma prosa poética reconhecida e altamente valorizada por seu valor literário (apêndice 2). Segundo Maria Lilia Simões de Oliveira (2003), [...] na obra de Bartolomeu Campos de Queirós – prosa poética por excelência – a linguagem simbólica toma vulto e seus textos literários, como espaço de jogo, abrem-se para a história dos homens. (OLIVEIRA, 2003, p. 83).

Considerando estas características da linguagem, sua criação em prosa é inaugurada com *Onde tem bruxa tem fada* no ano de 1979, que recebeu o prêmio da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), na categoria o melhor para criança, em 1979. A produção narrativa foi constante a partir da primeira publicação e muitas foram premiadas. A finalização da obra narrativa ocorre apenas no ano de 2012, com o livro póstumo *A filha da preguiça*. Nesta categoria, foram publicadas vinte obras.

Nas obras de prosa poética de Queirós temos a presença de um olhar crítico do escritor em relação à sociedade, como é o caso de *Onde tem bruxa tem fada* (1979). O escritor adentra o mundo da fantasia com muito humor, uma prosa reflexiva e sutilmente aponta alguns problemas da sociedade atual, como o de perder a capacidade de sonhar e que, por outro lado, se preocupa muito com o consumismo que toma conta de todos. Também em *De não em não* (2001) temos um texto narrativo contando a triste saga de uma família contra a fome, personificada como uma presença constante. De não em não, a fome agarra-se a esta família de oprimidos, enquanto arma grandes banquetes aos seus senhores:

Porque a fome é forte e mata. Todos, quando pressentem sua chegada, buscam uma maneira de alimentá-la, sem demora. Perseguem trabalho, procuram campos, abandonam famílias, ganham calúnias, merecem suspeitas, assaltam, violentam. Pelo pavor da Fome devorar a vida, perder-se o limite dos muros. (QUEIRÓS, 2004, p. s/nº).

Continuando com os livros que denunciam a sociedade atual, lembramo-nos de *Mais com mais dá menos* (2002). Nesta história, um menino cresce com um “espírito empreendedor”, economizando, poupando, guardando. É admirado por todos e com o passar dos anos, torna-se o dono do mundo. Aqui, é o capitalismo personificado, o ciclo vicioso em que empregados trabalham apenas para enriquecer seus patrões:

O menino cresceu. Hoje se acha atarefado em planejar negócios para alcançar maiores lucros sem pagar juros. Presenteia com cestas básicas os seus empregados que menos reclamam. E tudo que os operários recebem, devolvem para ele. Compram remédios em seus laboratórios. Adquirem planos de saúde em suas empresas. São internados em seus hospitais. Pagam mensalidade dos filhos em suas escolas para apreenderem o conveniente para ele. Obtêm alimentos em seus supermercados. Pagam eternas prestações de suas casas em suas construtoras. Devolvem os vales refeições em seus restaurantes. E cada dia os homens mais trabalham e pagam, e o dono do mundo mais recebe e cobra. E tudo o que ganham ainda não dá para pagar o patrão. Ficam ainda devendo favor e gratidão. (QUEIRÓS, 2002, p. 22).

Outro tema presente em alguns trabalhos narrativos de Bartolomeu está relacionado às leis. Como em suas obras poéticas já citadas, por exemplo, *Correspondência e Apontamentos* (1988), temos aqui *Nascemos livres: a declaração universal dos direitos humanos em imagens* (2009). Na verdade, o papel do escritor foi o de adaptar o texto da declaração para uma linguagem simples e objetiva. São trinta artigos, cada um deles ilustrado por um profissional diferente, de diversas partes do mundo.

No mesmo ano da publicação de *Nascemos livres*, Bartolomeu também publica *Foi assim...* (2008). Com tema diverso dos anteriores, neste temos a história de um menino, Edu. Seus brinquedos favoritos eram as letras e desde cedo, quando sua mãe percebeu o interesse do filho pela leitura e escrita, o processo de alfabetização foi iniciado por meio da brincadeira, principalmente por meio da sopa de letrinhas. A narração nos conta, passo a passo, o processo de Edu aprender e apreender o sentido das letras e dos números com a ajuda de seus pais.

O amor pelas letras e pela ordem também é tema de *Vida e obra de Aletrícia depois de Zoroastro* (2003). Aletrícia, menina apaixonada pelas letras e pela ordem delas, conhece o par perfeito, Zoroastro, apaixonado pelos números. E o amor acontece da forma mais pura e singela, mas a vida, sempre dando voltas, faz com que Aletrícia fique sozinha após a morte do amado e, com o passar do tempo, tudo que era doce e ordeiro transforma-se em uma vida amargurada e metódica. A paixão pelo alfabeto subverte a vida de Aletrícia, que fica amarrada a uma ordem imposta por ela mesma.

Assunto também muito abordado por Bartolomeu Campos de Queirós é a natureza. Direta ou indiretamente, o tema está sempre entre suas obras. Em alguns casos a presença da natureza é diluída no transcorrer da história, em outros é explícito e abordado diretamente. É o caso, por exemplo, de *A árvore* (2010). É uma árvore que faz sombra na sala de um garoto, que também é o narrador. E nela, podemos encontrar passarinhos, borboletas, cigarras, grilos, lagartas, formigas e abelhas. A árvore é misteriosa e acolhe a todos. O narrador possui profundo respeito e admiração por ela e pela terra, a quem é grato. É na terra que a árvore busca sua vida. E esta árvore ensina-lhe lições sobre liberdade e generosidade:

Pelo muito que minha árvore me faz pensar, tenho por ela um respeito desmedido. Passo horas do meu relógio decorando as lições que minha árvore me ensina. Ela não sabe que é minha professora. Aliás, desconfio que minha árvore viva gratuitamente. Eu é que necessito dar sentido à sua existência. Com minha professora verde, eu aprendo que a liberdade me permite até viver num mesmo lugar, a vida inteira, contemplando uma árvore crescendo para o céu. (QUEIRÓS, 2011, p. 32).

O fluir do tempo também é aspecto presente nas obras de nosso autor. De maneiras diferentes, o assunto é abordado em *Até passarinho passa* (2003) que recebeu diversos prêmios, tais como Prêmio Altamente Recomendável pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ); Prêmio Academia Brasileira de Letras - Literatura Infantil; Prêmio O melhor para criança, “*Hors Concours*” (FNLIJ) e, no ano seguinte (2004), recebeu Menção Honrosa no Prêmio Jabuti; e *Tempo de voo* (2009).

Em *Até passarinho passa* (2003), há uma lembrança de tempos passados em uma casa que já não existe e o narrador recorda-se como observava os pássaros voando e, um pássaro em especial, que sempre aparecia em sua varanda. Até que, numa madrugada, encontra este passarinho morto. O narrador então compreende a brevidade da vida, o fluir incessante do tempo:

Deitei no fundo o corpo do meu amigo, agora sem canto ou voo. Cobri com terra, ternura e desalento. Encontrei uma pedra rolada e branca como um ovo e coloquei sobre o lugar. Prometi ao meu amigo nunca revelar sua partida nem sussurrar sobre nossa amizade. Guardaria só para mim tamanha saudade. Passei o resto do dia assentado no alpendre frio e limpo, sem olhos para mais nada. Meu coração estava cheio de vazio. Quando a noite chegou fui para a cama definitivamente só, sem ter a esperança como companheira. Nem futuro eu guardava. Com o cobertor enrolei o meu corpo por inteiro. E no escuro da primeira noite, em crua solidão, só um pensamento cruel e claro me acompanhava: até passarinho passa. (QUEIRÓS, 2003, p. 29).

Tempo de voo (2009) possui duas personagens: um velho e um menino. Com diálogos poéticos e emocionantes, o velho vai explicando para o menino como sua pele ficou toda trincadinha com o passar do tempo e como este mesmo tempo vai comendo tudo o que vê pela frente. Um livro sensível e de profunda reflexão sobre a vida e sua brevidade. Na cena abaixo reproduzida, podemos ter uma pequena amostra desta sensibilidade sem tamanho:

_ Se o tempo come tudo, deve ter uma barriga imensa.
 _ Nós moramos na barriga do tempo. Ela é mesmo vasta. Guarda até onde o olhar alcança e mais o depois da fantasia.
 _ Se o tempo tem barriga, deve ter coração. Tem?
 _ É difícil responder à sua pergunta. Cada um descobre se o seu tempo tem coração. Mas, se tem, traz amor e não medo.
 _ E você tem medo do tempo?
 _ Depende. Em dias de alegria, eu tenho; em dias de dor, não.
 (QUEIRÓS, 2009, p. 10-11).

O folclore é representado com *A Matinta Perera* (2002). O livro faz parte da Coleção Histórias do Rio Moju: relato de narrativas amazônicas. Bartolomeu reconta a história da Matinta Perera, personagem folclórica conhecida no país, por meio de sua narrativa envolvente:

Uma noite, o caçador, deitado em sua rede, aguardava o sono chegar. Quem sabe sonhando saberia quem era Matinta Perera. De repente a mulher apareceu, pisando mansinho, atravessou a sala bem devagarinho. Chegou à porta e voou na noite, entre batidas de asas e assobios. Ficaram na casa somente o escuro e o marido cismado, ouvindo o ronco de treze gatos. (QUEIRÓS, 2002, p. 30).

Menino de Belém (2003), *Menino inteiro* (2008) e *O livro de Ana* (2009) são narrativas contemporâneas que apresentam uma releitura de histórias religiosas. A primeira nos conta a vida de um menino que vivia muito próximo à natureza, com sua mãe Maria e seu pai. É invejado por sua coragem e sabedoria ao ler o mundo, é companheiro das águas, dos ventos, dos céus e dos voos. Menino que traz a paz e a espalha por onde passa. Já o livro *Menino inteiro* reconta o nascimento de Jesus. Com Maria e José em harmonia com a natureza, Bartolomeu narra o nascimento, a vida e a morte do menino inteiro, clara alusão ao menino Jesus:

O certo é que o menino nasceu e partiu. Deixou um recado para ser lido no cosmo infinito, no espelho da água, no silêncio da pedra, no percurso do voo, no silêncio das dúvidas. Mas só quem olha com os dois olhos pode decifrar.

[...]

Nas palavras que trocam a guerra pela paz, o amargo pelo doce, o nunca pelo sempre, sua visita breve fica mais confirmada. Mas ninguém contesta que há um

“antes” e um “depois”, e que houve uma noite feliz. (QUEIRÓS, 2008, p. 28 - 29).

Em *O livro de Ana*, o escritor conta a história de como Ana, representando Sant'Ana, aprendeu a ler. Na quarta capa do livro, há uma explicação sobre a curiosidade infantil de Queirós em saber o que estava escrito no livro que a imagem da santa traz nas mãos. Então, cria esta história, tentando compartilhar com o leitor a sua hipótese sobre a dúvida que sempre o assolou. Na narrativa, Ana fixa-se com tanta frequência no livro, pois é com ele que está descobrindo o mundo da leitura.

Com histórias diversas, mas igualando-se no humor, temos *Faca afiada* (1991) e *Isso não é um elefante* (2009). O primeiro apresenta um menino que, ao ouvir uma conversa entre os pais, começa a supor o possível assassinato da avó viúva, que mora com eles. E no segundo, utilizando-se de animais, Bartolomeu escreve um conto, em que uma formiga engole um elefante e fica com a sua forma.

Antes do depois (2006) possui um narrador que navega entre suas memórias, contando histórias desde o seu nascimento, batizado e infância, passando por vários personagens de sua meninice. Uma narrativa que se utiliza da intertextualidade com outros textos de Queirós, especialmente com alguns livros memorialistas do próprio autor. Entre fantasia e realidade, o narrador atualiza sua infância por meio da memória, mas também nos situa em seu tempo presente, recorrendo constantemente as analepses para retornar ao passado.

Finalizando os livros narrativos de Bartolomeu Campos de Queirós, temos *A filha da preguiça* (2012), publicado após o falecimento do autor. O nascimento de uma menina que não quis falar, que não quis brincar, que não quis fazer absolutamente nada porque sempre estava com sono e preguiça, porque, diziam, nasceu contrariada. Uma história criativa e envolvente, com um humor inteligente e perspicaz:

Os primeiros dias foram longos anos. Uns diziam que ela não queria nascer e veio contrariada. Devia saber que viver demandava muito trabalho. Ter que comer com a própria boca, olhar com os próprios olhos, andar com as próprias pernas, crescer, estudar, trabalhar eram coisas muito pesadas. Outros diziam que ela era lerda e que a mãe, durante a gravidez, ou tomou muita sopa de tartaruga ou devia ter bordado apenas caramujo e lesmas no enxoval da menina. E mais outros parentes, mais espiritualizados, cochichavam que era uma menina em quem o bicho-preguiça havia encarnado. (QUEIRÓS, 2012, p. 11).

1.2.3 – Memórias

Bartolomeu Campos de Queirós é um escritor que soube reelaborar suas memórias para que o leitor pudesse entrar neste universo revivido e revisitado. De acordo com Oliveira (2003), nos livros do autor, “[...] de conteúdo biográfico, flagramos o poeta escrevendo em cada texto o mesmo texto: a vida cotidiana de um menino do interior de Minas Gerais que, contada de maneiras diferentes, serve de documento da memória social [...]” (OLIVEIRA, 2003, p. 83). Para Ana Maria Clark Peres (1999), a escrita destes textos se caracteriza por um desejo insistente que Bartolomeu possui de visitar sua infância. Nesta categoria, apontamos *Ciganos* (1982), *Indez* (1989); *Por parte de pai* (1995); *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (1996); *O olho de vidro do meu avô* (2004); *Sem palmeira ou sabiá* (2006) e *Vermelho amargo* (2011) (apêndice 3).

O trabalho com as memórias da infância começa em 1982, em *Ciganos*, que recebeu o selo de Altamente Recomendável para Jovens - FNLIJ/1982, o Prêmio Jabuti de Literatura Juvenil – Câmara Brasileira do Livro (CBL) em 1983. Além disso, foi um dos cinco textos juvenis indicados para o Prêmio Bienal Banco Noroeste de Literatura e também selecionado para o Programa Cantinho de Literatura - SEE/1997-98. Neste livro, Queirós narra a vida de uma cidade interiorana e de um menino solitário que ao observarem a chegada dos ciganos, se movimentavam e se agitavam pelas possibilidades e mudanças na rotina trazidas por este povo clandestino:

Como num sonho, denso e distraído, os ciganos montavam suas tendas em terreno vago, sempre perto do descampado da igreja, enquanto pelas frestas de portas e janelas tantos olhos os vigiavam.

Nascia assim, de repente como a morte, uma vila colorida que se aninhava naquele povoado antigo. (QUEIRÓS, 1999, p. 2).

Indez, publicado em 1989, também recebeu diversos prêmios: Prêmio Orígenes Lessa - Melhor Livro Para Jovens – FNLIJ, Prêmio Jabuti - Melhor Autor de Livro Juvenil – Câmara Brasileira do Livro, Prêmio Internacional de Literatura Infantil, Lista de Honra do *International Board on Books for Young People* (IBBY) – "entre os 100 melhores do mundo" e *Brazilian Book Magazine - Best Book for children*. Esta narrativa conta desde a chegada do menino Antonio, nascido prematuro, fora de tempo, magro e cheio de doenças, cuja vida se desenrola, no interior, exigindo incessante cuidado. Pouco a pouco, Antonio vai aprendendo o que é o amor da mãe, o amor do pai, dos irmãos, dos avós, as perdas e ganhos da vida. A

narrativa acompanha o crescimento do garoto, até o dia de sua partida, para morar com o avô viúvo:

Antônio passou a desvendar os segredos daquele mundo onde vivia. E tudo construído de tantas surpresas a ponto de não pensar em outros lugares que, por certo, existiam depois das serras, onde só o pensamento tocava.

[...]

Crescido em idade e ganhando em esperteza, Antônio corria com os irmãos pelos matos, catando bozinhos-de-são-caetano, milho-de-grilo, pitanga, juá-doce, gabirola, maria-preta. (QUEIRÓS, 2004, p. 34).

Por parte de pai (1995), *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (1996), *O olho de vidro do meu avô* (2004), *Sem palmeira ou sabiá* (2006) também rememoram a infância de um garoto, que vai à escola, perde a mãe, cresce em meio a tradições e preceitos católicos, mora com o avô e por meio das pequenas experiências diárias e da reflexão sobre elas, vai aprendendo como é difícil viver e como a morte sempre está nos rondando. Denyse Cantuária, na quarta capa de *Sem palmeira ou sabiá* resume perfeitamente estes livros de Queirós:

Um novo livro de Bartolomeu Campos de Queirós é sempre um motivo de comemoração. Principalmente se ele desenha uma infância revisitada pela fantasia, criando um mundo paralelo num tempo mágico que só a escrita poética possibilita narrar.

Por equilibrar com delicadeza os encontros e desencontros vividos entre o antigo e o novo, o autor preserva os mistérios da palavra sem procurar decifrar seus múltiplos sentidos. (CANTUÁRIA, 2006).

As memórias de Bartolomeu, sempre reinventadas e revividas, cheias de doçuras e de amarguras, por meio do olhar do narrador de cada obra, nos fazem mergulhar em um mundo passado, mas que se torna a cada leitura presente e real.

Vermelho amargo finaliza o trabalho com as memórias, em mais um relato de momentos da infância do escritor:

Meu pai destemia o tempo. Seus olhos nos confirmavam isso. Ele derramava um olhar bêbado sobre nossa alegria. Tudo vencia como os ponteiros do relógio assaltam o tempo, continuamente. Media tudo, minuto a minuto e segundo a si mesmo. Cheguei a desejar meu pai um relojoeiro, interrompendo as horas de todos os relógios. Quem sabe, um dia, cheio de medo do sempre, ele nos outorgaria viver sem culpa por sermos felizes? (QUEIRÓS, 2011, 34).

Nesta obra, bem como nas outras de cunho memorialístico, podemos perceber claramente que não temos “[...] um adulto falando da infância para jovens, nem o adulto

teorizando sobre o mundo infantil; é a infância, que o adulto não deixou morrer, que emerge no discurso da memória, atualizando o perdido.” (OLIVEIRA, 2003, p. 118).

1.2.4 – Artigos em livros

A produção educacional de Bartolomeu Campos de Queirós está, em sua maior parte, relacionada ao ensino de arte e à qualidade da literatura infantil e juvenil (apêndice 4). Porém também encontramos a participação do autor em coletâneas sobre assuntos diversos, como o artigo “Preguiça”, que faz parte do livro *Pecados* (2001) ou “Não darás falso testemunho”, artigo do livro *Os Dezmandamentos* (2002). Os dois livros foram organizados por Eliana Yunes e Maria Clara Lucchetti Bingemer e publicados pela Editora PUC Rio e Edições Loyola.

O livro *Pecados* (2001), como o texto sugere, aborda o tema bíblico conhecido como os sete pecados capitais. Escrito por diversos profissionais, contém reflexões na área da teologia, da literatura, da psicanálise, da filosofia, da física e da sociologia. O trabalho escrito por Bartolomeu Campos de Queirós aborda o pecado da preguiça que deu o título ao artigo em questão.

No início do artigo *Preguiça*, o escritor afirma que sempre foi preguiçoso e que o convívio com o avô que ganhou na loteria e parou de trabalhar ajudou-o a pensar na preguiça, mas não como um pecado. Para ele, preguiça seria “[...] uma certa perplexidade do sujeito diante da intensidade da vida, que o imobiliza.” (QUEIRÓS, 2001, p. 149). Considerando a preguiça como uma imobilidade, uma depressão ao encararmos os mistérios e desafios da vida, Bartolomeu retira esse caráter de pecado capital e ainda afirma que o mundo moderno, com sua falta de tempo para tudo, nos fez acreditar que não ter tempo é elegante, estar ocupado significa importância. Logo, estar ocioso, preguiçoso, é um pecado contra a modernidade.

O segundo livro citado, *Os dezmandamentos* (2002), a partir de uma abordagem interdisciplinar, elenca os dez mandamentos do Velho Testamento e aponta algumas leituras e desleituras de cada um deles. Queirós participa com um artigo sobre o oitavo mandamento: *não darás falso testemunho*. O autor remete-se às suas lembranças da infância. Um tempo em que ele não possuía pecados, mas os criava no momento de confessar-se ao padre. Então, reflete sobre a complexidade e o poder da palavra, como ela é perigosa e cheia de trapaças. Assim, cria uma relação entre a ética da palavra e o falso testemunho. Segundo o autor, “[...] ao incorrer em falso testemunho o sujeito fere também a si mesmo. Observá-lo, assim penso,

é um cuidado que o homem tem com sua própria consciência.” (QUEIRÓS, 2002, p. 210). Logo, não dar falso testemunho envolve as atitudes éticas de escolhas diante da vida e do mundo, do cuidado constante diante das palavras.

Apesar destas contribuições referentes aos pecados capitais e aos dez mandamentos, a maior parte de artigos do autor está relacionada ao seu engajamento no ensino de arte que, entretanto, encontra-se espalhada por periódicos diversos, conforme podemos ler em informações localizadas no livro *Onde tem bruxa tem fada*:

[...] Funcionário da Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais, professor da DAP – Divisão de aperfeiçoamento do professor do MEC, o escritor teve todos os seus projetos voltados para o desenvolvimento da arte na educação [...]. Capaz de uma reflexão sensível e criativa sobre a produção artística e educacional, o escritor tem trabalhos publicados em diversos jornais e revistas especializados do país, bem como obras traduzidas, peças teatrais, poesias e antologias. (QUEIRÓS, 2002, p. 32).

Além dos artigos “Preguiça” (2001) e “Não darás falso testemunho” (2002), ele ainda participou de antologias diversas, abordando os temas mais variados como “... das saudades que não tenho” (1983); “Foram muitos os professores” (1997); “Menino temporão” (1997); “O livro é passaporte, é bilhete de partida” (1999); “Literatura: leitura do mundo, criação da palavra” (2002); “Leitura, um diálogo subjetivo” (2005); “Traíra sem espinhos” (2006); “Por ser criança” (2007), “Balanço” (2007) e um artigo sem título no livro *Caminhos da Literatura* (2008).

Os artigos “... das saudades que tenho” (1983) e “Foram muitos os professores” (1997) foram publicados inicialmente em coletâneas organizadas por Fanny Abramovich, respectivamente em *O mito da infância feliz* (1983) e *Meu professor inesquecível* (1997). Neste último, Queirós relembra sua primeira infância, cheia de solidão e silêncio, que eram vistos pelos adultos como sinônimos de virtude e não como angústias de um menino irrequieto em seus pensamentos. Já o artigo “... das saudades que tenho” (1983) nos traz relatos sobre a presença marcante do pai, que autorizava e desautorizava apenas com o olhar e características de sua mãe, mulher singular e sensível que acompanhava o menino Bartolomeu Campos de Queirós, seus tormentos de criança e os primeiros e significativos aprendizados na escola. No texto escrito para *Meu professor inesquecível*, Queirós narra como aprendia coisas diferentes em sua infância, no convívio com os avós, a empregada, seu irmão mais velho e seus pais. Cada um, a sua maneira, foi seu professor em algum momento. E a escola, reinventada na cabeça do menino, era um lugar de medo e dúvidas, que Maria do Carmo, sua primeira professora, ajudou a dissipar:

Ingênuo, supondo ser a vida um processo de soma, e não de subtração, juntei de cada um dos meus mestres um pedaço e protegi em minha intimidade. Concluo agora que, de tudo aprendido, resta a certeza do afeto como a primordial metodologia. Se Dona Maria me tivesse dito estar o céu no inferno e o inferno no céu, seu carinho não me permitirá dúvidas. (QUEIRÓS, 1997, p. 33).

“Menino temporão” (1997) é um artigo que faz parte da coletânea organizada por Graça Paulino no livro *O jogo do livro infantil*. Nele, Queirós revela que sua necessidade de escrever resulta da não vivência da infância no tempo correto, da escrita inicial para si mesmo até o momento em que suas publicações alcançam outros leitores e de como o escritor sente prazer em ter e conhecer estes leitores. Seus textos, apesar de serem muito apreciados pelo público infantil e juvenil, não são escritos direcionados a eles, pois o escritor não pretende traçar modelos ou cânones de escrita. O que o move é o prazer de escrever e ser lido. Para ele, a escola, se almeja uma educação permanente, não pode deixar este prazer pela literatura fora de seus domínios, pois sua função social é com a liberdade e com a revelação da realidade.

O estudo “O livro é passaporte, é bilhete de partida” faz parte de uma coletânea intitulada *A formação do leitor: pontos de vista*, publicada em 1999, organizada por Jason Prado e Paulo Contini. No prefácio, os organizadores esclarecem que o livro foi pensado por ocasião do 12º Congresso de Leitura (COLE) promovido pela Universidade de Campinas e conta com a colaboração de 30 profissionais dedicados à leitura em todas as instâncias. O artigo de Bartolomeu Campos de Queirós aborda o encontro entre público e escritor por meio do texto que é escrito justamente para ser dividido com o leitor, enquanto ler “[...] é somar-se ao mundo, é iluminar com a claridade do já decifrado.” (QUEIRÓS, 1999, p. 23). Além destas definições sobre o que é ler, o autor esclarece como o leitor deve ser preparado para ter a palavra e fazer bom uso dela.

No ano de 2002, participa da antologia *Pensar a leitura: complexidade*, organizada por Eliane Yunes. Este livro também faz parte da Coleção Teologia e Ciências Humanas, assim como o livro *Pecados* (2001). No artigo em questão, “Literatura: leitura do mundo, criação da palavra”, o escritor afirma que a criação pode mudar o mundo, alterá-lo. Para ele, a literatura é o encontro de dois mundos: o mundo dos jovens e o mundo dos adultos. Em suas palavras

[...] um mundo antigo só pode estar do lado de um mundo jovem na medida em que dialogamos por meio dos elementos que configuram o processo criador – neste caso a literatura. O mundo adulto só é possível para os jovens quando pode ser alterado, transformado, transferido para situações de seu interesse. (QUEIRÓS, 2002, p. 161).

Para *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?* Com a palavra o escritor, organizado por Ieda de Oliveira e publicado no ano de 2005, Campos Queirós escreveu o artigo “Leitura, um diálogo subjetivo” (2005). Expõe seu processo criativo e como se responsabiliza por este texto e toma cuidado com o leitor. Disserta sobre o que diferencia um texto literário de um texto didático e aponta as características necessárias ao primeiro. De acordo com ele,

[...] numa obra que procura ser também possível aos mais jovens existem elementos essenciais: adequação da linguagem sem empobrecer o texto, ritmo e sonoridade, busca do inusitado, capacidade de sedução a partir dos rompimentos com o linear. Mas tudo se concretiza pelo uso da palavra. (QUEIRÓS, 2005, p. 174).

Texto que destoa um pouco dos anteriores é “Traíra sem espinhos” (2006), um conto escrito para compor *O livro dos sentimentos*, organizado por Maria Isabel Borja e Márcio Vassalo, em que os sentimentos são abordados por textos literários de diversos autores. No conto do autor objeto desta dissertação, temos uma personagem com tanto medo da vida e do passar do tempo que se priva de tudo que a vida oferece, pois seu medo torna-se uma aversão ao pôr- do- sol, marca contínua da passagem da vida. E esta personagem, de tanto observar a melancia, cria uma relação de admiração e dependência desta fruta, que, presa por um pequeno fio à planta, cresce sem preocupações com o futuro corte: “[...] Sempre invejou a coragem de viver das melancias e sua liberdade de desafiar os inconvenientes. Miúdos em gestos, ele se contraía, se trancava, se encolhia, para não pesar ao mundo.” (QUEIRÓS, 2006, p. 101).

Outra proposta um tanto diferente das anteriores é o texto “Por ser criança” (2007), publicado em *A vida que a gente quer depende do que a gente faz*. Produzido pelo Instituto Ecofuturo, este livro compõe-se de propostas de sustentabilidade para o Planeta elaboradas por autores consagrados. O texto de Queirós faz um paralelo entre a vida das crianças e a vida dos adultos e todas as lições que poderíamos aprender com os menores para que o mundo renascesse em esperança, solidariedade, confiança, paz e amor.

“Balanço” (2007) faz parte de outra coletânea organizada por Jason Prado e Júlio Diniz: *Vivências de leitura*. Ao escrever seus textos, Bartolomeu Campos de Queirós objetiva que eles sejam lidos por todos, inclusive pelos leitores mais jovens. Lembra que seu primeiro trabalho como professor em uma escola experimental era o de criar a partir do que escutava. E ensinar consistia em auxiliar seus alunos a valorizarem o conhecimento, da mesma maneira que sua primeira professora o ensinou. Com uma relação entre real e fantasia,

as lições de sua infância foram importantes por toda sua vida e, como escritor, utiliza-se dos seus aprendizados e do que ganhou ao nascer: liberdade, espontaneidade, fantasia, inventividade e dúvidas.

O último artigo referido não possui título por ter sido uma palestra proferida em um evento organizado pelo instituto C&A e pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil que posteriormente integrou o livro elaborado pelos mesmos organizadores do evento e que se denominou *Nos caminhos da literatura* (2008). Neste artigo, ele disserta sobre a importância da leitura, o papel que a literatura tem na vida dos leitores e o diálogo entre leitor-escritor-obra, tão necessário para a atribuição de sentido no ato da leitura. Também enfatiza a potencialidade da palavra e a função da escola enquanto agência transformadora do mundo e fonte de nutrição da fantasia.

Pelo exposto e sem a certeza de completude desta coleta, fica evidente a variedade de assuntos abordados por Queirós, além da diversidade de meios em que suas produções circularam.

1.2.5 – Ensaios

Nesta categoria são considerados os textos escritos por Bartolomeu Campos de Queirós publicados individualmente (apêndice 5). São apenas quatro: *Considerações sobre Educação Artística* (1982), *Para ler em silêncio* (2007), *O fio da palavra* (2012) e *Sobre ler, escrever e outros diálogos* (2012).

Considerações sobre Educação Artística (1982) foi publicado pela Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais e de acordo com o autor o objetivo era a realização de “[...] uma reflexão poética capaz de sugerir meios para operacionalizar, de forma ampla, as possibilidades de tal matéria, garantindo tanto a concretização de seus objetivos específicos, quanto à melhoria da qualidade do processo de ensino.” (QUEIRÓS, 1982, p. 7).

Além de uma reflexão teórica sobre o ensino da disciplina, são inseridos poemas e ilustrações para enfatizar que a Educação Artística deve “[...] se tornar um espaço onde a criança cresça na compreensão das linguagens artísticas e nos seus significados.” (QUEIRÓS, 1982, p. 9).

Para ler em silêncio (2007), apesar de ser destinado ao público infanto-juvenil, aborda o processo de criação da palavra. O livro compõe a coleção A PALAVRA É SUA, uma coleção que objetiva levar o leitor a uma reflexão sobre a palavra e todas as possibilidades que ela nos traz. Neste livro, o autor alterna texto narrativo com texto poético, realizando uma

análise do processo de tornar-se escritor, abordando questões que envolvem seu desejo de escrever, as definições do que é escrever e o que significa o silêncio neste processo de criação. Para ele, narrar é reinventar o mundo. Apenas para exemplificar, abaixo transcrevemos trechos da obra:

Escrever é imprimir experiência do espanto de estar no mundo. É estender as dúvidas, confessar os labirintos, povoar os desertos. E mais, escrever é dividir sobressaltos, explicitar descobertas e abrir-se ao mundo na ilusão de tocar a completude.

Antes de iniciar meu trabalho, eu respiro o silêncio. No silêncio, leio, em mim, mais e melhor o que ainda está por dizer. O universo é um grande livro aberto e sem texto. Mas como a penumbra, ele se mostra a revelar. (QUEIRÓS, 2007, p. 12).

Assim como em *Para ler em silêncio* (2007), na publicação póstuma *O fio da palavra* (2012) também se abordam questões sobre o ofício de escrever. Bartolomeu Campos de Queirós recorre alternativamente a versos, prosa e ilustrações para demonstrar a comparação que o escritor faz entre seu processo de escrita e criação e o de uma aranha ao tecer sua teia. Daí o título *O fio da palavra*. Elementos como inspiração e memória são também citados, como neste parágrafo abaixo:

Busco no jardim da memória minha aranha sonhada. Deito sobre o papel vazio a minha aranha-de-prata. Ela se espicha, encolhe, alonga as agulhas. Fica em intenso silêncio esperando o desejo de tecer acontecer. Ela sabe que é preciso coragem para provar um papel em branco. Parece que a aranha precisa de muito silêncio para exercer sua trama. Precisamos de poderosa paciência para desenrolar o novelo. (QUEIRÓS, 2012, p. 20)

Por fim, a obra lançada em 2012, com organização de Júlio Abreu, *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. O livro faz parte da série CONVERSA COM O PROFESSOR. Abreu recolhe textos de periódicos e livros e os reúne em um único volume. Neste, há artigos sobre *Leitura e memória* e *Leitura e educação*. Alguns dos artigos abordados anteriormente também compõem o livro: “... das saudades que não tenho” (1983); “Foram muitos os professores” (1997); “Menino temporão” (1997); “O livro é passaporte, é bilhete de partida” (1999); “Literatura: leitura do mundo, criação da palavra” (2002); “Leitura, um diálogo subjetivo” (2005) e “Balanço” (2007). Segundo Júlio Abreu, a reunião destes diversos textos auxiliará na compreensão “[...] do pensamento crítico de Bartolomeu, sobretudo quando se trata de leitura, de educação e de seu ofício como escritor. Este material fornecerá, não apenas aos seus leitores, mas também aos estudiosos, informações que ampliarão o acesso às suas obras.” (ABREU, 2012, p. 8).

1.2.6 – Participação em coletânea

Campos Queirós participou de coletâneas com escritos infantis e juvenis, coincidentemente nos anos de 1991, 2001, 2002, 2003, 2008, além de outra publicação localizada, mas sem a data da edição (apêndice 6).

A primeira participação em coletânea de Bartolomeu Campos de Queirós foi *Ora bolas!* Para aprender a ler, publicado Editora FTD, mas sem referência ao ano de publicação. A publicação apresenta diversos textos e atividades para o desenvolvimento das habilidades de leitura dos educandos. Foi escrito e organizado por Bartolomeu Campos de Queirós, Maristella Miranda Ribeiro Gondim e Therezinha Casasanta.

Outra participação em coletânea foi *Dois em um*, publicado em 1991 pela Editora FTD, organizado também por Maristella Miranda Ribeiro Gondim e Therezinha Casasanta. Nele encontramos a seguinte indicação: leitura intermediária. A publicação conta duas histórias: *O ratinho roedor* e *O peixe-bola*. Cada texto começa por um lado diferente do livro. Após cada capítulo dos textos, há uma sequência de atividades muito parecida com as das cartilhas de alfabetização: questões sobre interpretação, divisão de sílabas, frases incompletas a serem preenchidas, dentre outras. Ao final da sequência de atividades há algumas orientações sobre o material e sobre como trabalhar com ele.

Em 2001, pela Editora Moderna, Bartolomeu participa da coletânea *Historinhas pescadas*, com o texto *Onde tem bruxa tem fada*. No ano posterior, outros textos de Queirós são incluídos em dois títulos: *Nem te conto!* (2002) e *Gotas de poesia* (2002). No primeiro é publicada a obra *Faca afiada* (1991) e no segundo *Diário de Classe* (1992). Estas duas últimas coletâneas foram também organizadas e prefaciadas pelo próprio escritor. Interessante observar que todas estas coleções fazem parte do programa do Ministério da Educação LITERATURA EM MINHA CASA, para levar mais literatura às crianças e aos jovens.

Também no ano de 2002, Queirós participa de uma obra coletiva publicada pela Editora Dimensão, *Olhar de bichos*. Neste, o autor participa com o texto “A ararinha-azul”. Texto ficcional que narra a história encantadora de um menino com seu avô e seu bicho de estimação: um papagaio. E a tristeza do papagaio em certa tarde, faz com que o garoto indague-se sobre o motivo desta melancolia, chegando a pensar que seria saudade de alguma ararinha azul do passado.

Pela Editora Franco, no ano de 2003, Bartolomeu publica na coletânea *7 cores, 7 autores*, livro que infelizmente não foi possível localizar.

A última participação do autor em coletâneas a qual tivemos acesso foi no livro *Diferentes heróis, diferentes caminhos*, publicado em 2008. Nesta obra, vários autores renomados participam com histórias adaptadas dos contos de Hans Christian Andersen. O livro é organizado por Paulo Condini e publicado pela Editora Leia Brasil, uma organização não governamental de apoio à leitura. Bartolomeu escreve “A nova fantasia do rei”, história análoga ao tão famoso “A roupa nova do imperador”, de Andersen.

1.2.7 - Organização de livros

O trabalho como organizador não foi muito comum na carreira do autor de *Onde tem bruxa tem fada*. Arriscamos dizer que o fato deste escritor ser atuante em diversas esferas, talvez o impedisse de ser mais ativo nesta área em particular. Apesar de infrequente, alguns livros foram por ele organizados (apêndice 7).

Pela Editora Moderna, ele organizou três antologias de poetas brasileiros:

- *Cecília Meireles*: as palavras voam (2005);
- *Manuel Bandeira*: para querer bem (2005);
- *Henriqueta Lisboa*: luz da lua (2006).

Outro livro organizado por Bartolomeu Campos de Queirós é *Branca flor e outros contos* (2006), uma coleção de contos da escritora portuguesa Ana de Castro Osório (1872 – 1935), publicado pela Editora Peiropolis. Além destes livros, temos os já citados no item anterior, que fazem parte do programa Literatura em minha casa: *Nem te conto* e *Gotas de poesia*, ambos de 2003.

1.3 – PRODUÇÃO PASSIVA

1.3.1 - Produções sobre a obra de Bartolomeu Campos de Queirós

Bartolomeu Campos de Queirós é considerado um dos autores modernos brasileiros mais importantes na produção literária para crianças e jovens. Por este motivo, frequentemente seu trabalho é referendado pela crítica especializada e torna-se objeto de estudo, por meio de artigos, dissertações de mestrados e teses de doutorado.

Tentamos mapear toda a produção sobre a obra do autor (bibliografia passiva). No entanto, como as informações estão dispersas, talvez não seja possível afirmar que este objetivo foi completamente alcançado, pois uma investigação mais profunda demandaria

maior tempo, o que não é compatível com o prazo de uma dissertação de mestrado. Dentro desta categoria, criamos subcategorias, já que foram encontrados diversos estudos sobre o autor: livros, artigos em livros e periódicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado.

1.3.2 – Livros

Até o momento foi possível localizar quatro livros publicados sobre as obras de Bartolomeu Campos de Queirós, sendo três deles editados pela Editora Miguilim, de Belo Horizonte – MG, e apenas um editado pela Editora RHJ, também de Minas Gerais (apêndice 8).

O primeiro deles intitula-se *Literatura sem fronteiras*: uma leitura da obra de Bartolomeu Campos de Queirós, de Ebe Maria de Lima e lançado em 1998 pela Editora Miguilim. O objetivo do trabalho foi enfatizar a produção cuidadosa do escritor, demonstrando como sua prática está pautada na reflexão e no conceito de literatura como arte e campo que abriga o homem e suas complexidades. Além disso, aponta como os escritos de Campos Queirós não possuem idade definida, destinatários específicos, ou seja, uma literatura que abrange a todos, uma literatura sem fronteiras. De acordo com a própria autora, este estudo “[...] mostra como a obra de BCQ derruba conceitos cristalizados e abre-se para novas perspectivas problematizadas pela literatura moderna e insinuadoras do pós-moderno.” (LIMA, 1998, p. 108).

Lima (1998) também afirma que Bartolomeu Campos de Queirós recusa as posturas convencionais em seus textos, sendo que o autor se desvencilha do ideal da pureza dos gêneros literários. A escrita de Queirós persegue uma prosa poética, comprovada pela seleção dos elementos que compõem seus livros e pela forma que resgata a memória de suas lembranças.

No ano de 1999, temos o lançamento do livro de Ana Maria Clark: *O infantil na literatura*: uma questão de estilo, também publicado pela Editora Miguilim, editado pelo próprio Bartolomeu Campos de Queirós. Com um viés nos estudos linguísticos, a obra objetiva, de acordo com a autora, trabalhar em interlocução com a psicanálise, “[...] explicitando uma nova relação literatura/criança, a partir da articulação dos conceitos de criança e estilo. A via dessa articulação será o estudo do *fantasma* na escrita de Bartolomeu Campos de Queirós e Romain Gary.” (CLARK, 1999, p. 68).

Clark (1999) aponta o fantasma presente na obra de Queirós e Gary, sendo que o fantasma seria aquilo que de mais infantil há em nós, resgatado por meio da memória. Queirós

demonstra esta presença do fantasma em suas obras pelo constante desejo de revisitar a infância, expressos nos livros memorialísticos, como *Ciganos*, *Por Parte de Pai*, *Indez* dentre outros.

Neste mesmo ano, Stella de Moraes Pellegrini publica *Caminhos e encruzilhadas: os percursos poéticos e políticos de Bartolomeu Campos de Queirós* – da formação do leitor à formação de leitores, pela Editora RHJ. Pellegrini demonstra a relação do poético com o político na obra do autor e como este concilia pensamentos críticos e lirismo dentro de suas produções.

Nas obras de Queirós, de acordo com Pelegrini (1999), os elementos simples se desencadeiam e dão impulso ao lírico. No cotidiano, na vivência diária, Queirós encontra o material para seu fazer poético, sem faltar receptividade e sensibilidade produtiva. Toda a obra do escritor é uma comprovação de sua capacidade ilimitada de receber o mundo, de aceitar os recados que a natureza lhe envia sem se colocar em uma posição passiva.

O quarto livro localizado é *A língua e o discurso da memória em Bartolomeu Campos de Queirós*, de Maria Lilia Simões de Oliveira, publicado em 2003 pela Miguilim e igualmente objeto da obra. Oliveira estuda a língua portuguesa com um recorte literário, tendo como suporte para análise os recursos linguísticos e discursivos recorrentes na obra memorialista deste escritor.

Oliveira (2003) demonstra em seus estudos, que o autor mascara-se, a princípio, procurando disfarçar o caráter biográfico de suas obras. No entanto, com o amadurecimento de sua produção, este fato tende a desaparecer e o EU torna-se presente em textos de onde narra de um lugar bastante confortável, familiar, suas experiências diretas que afloram.

Essas obras são o resultado de dissertações de mestrado e três delas foram orientadas por Eliana Yunes, na PUC do Rio de Janeiro e na Universidade Federal de Goiás. O único que destoa do grupo é o livro de Peres, orientado por Maria Luiza Ramos, na Universidade Federal de Minas Gerais.

1.3.3 – Artigos em livros

Até o momento localizamos nove obras que possuem artigos sobre a produção do escritor (apêndice 9) e não incluímos nesta seção os artigos que apenas se remetem ao autor, mas somente aqueles que abordam diretamente suas produções. No entanto, estas referências encontram-se no apêndice 10 desta dissertação.

A referência mais antiga que localizamos da obra de Queirós está no livro *Literatura infantil: teoria e prática*, de Maria Antonieta Antunes Cunha. Localizamos a terceira edição, publicada em 1985, porém a primeira edição data de 1983. Num dos oito capítulos em que se divide o livro, “Características da obra infantil”, a autora aborda questões importantes a serem observadas na literatura infantil, como a facilitação e redução artística que podem simplificar demasiadamente uma obra, a puerilidade e a moralidade que criam uma artificialidade exagerada e a importância de obras que mexem com a imaginação do leitor. Além disso, aborda rapidamente questões como ilustração, editoração dos livros. Após esta explanação teórica, a autora propõe atividades com algumas obras e entre eles *Pedro*, edição de 1980, de Bartolomeu Campos Queirós. Há um questionário a ser dirigido aos alunos para explorar algumas questões mais implícitas do texto.

Outra estudiosa dos textos de Queirós é Vânia Maria Resende. Além de professora universitária, Resende é também pesquisadora, escritora e uma das pioneiras na defesa da leitura literária. Possui artigos distintos sobre o autor em questão em dois de seus livros: *O menino na literatura brasileira* (1988) e *Literatura infantil-juvenil: vivências de leitura e expressão criadora* (1993).

O menino na literatura brasileira (1988) foi publicado pela Editora Perspectiva e faz parte da coleção Debates. O livro é desenvolvido com temas e autores específicos, analisando como a infância é evocada em cada um deles, como os símbolos da imaginação criadora e das imagens se fundem na realidade infantil. O artigo em questão intitula-se *A dimensão poética na narrativa de Bartolomeu Campos de Queirós*. Para Resende (1988), todos os livros de Campos Queirós

[...] me sensibilizam sempre, com a mesma intensidade, tantas vezes os leio. De uma forma diferente, me fazem penetrar no plano do imaginário, impregnado de ludicidade, mistério e poesia, porque esse plano é construído pelo escritor segundo a sua convicção de que ‘a busca de um mundo preexistente é que leva à Literatura’.
(RESENDE, 1988, p. 71-72).

A escolha de Resende pelos livros de Campos Queirós ocorreu pelo fato da obra deste não ser considerada apenas infantil ou juvenil, por não ser uma obra exclusivamente destinada a este público e, segundo a autora, porque a

[...] linguagem poética, com que ele tece a narrativa, não se fecha numa leitura linear e imediata, mas permite ao leitor mais perspicaz e sensível adentrar a camada subjacente à linha sintagmática da estória, que segue sequente ao nível da narração. Distanciando-se de uma tradução lógica e da transparência de uma discursividade conceitual, a sua linguagem, ora cria uma ambiência, que não se capta com a razão,

ora guarda críticas implícitas e mascaradas pela fantasia. (RESENDE, 1988, p. 74).

Para a análise das obras e identificação destas características, Resende seleciona alguns livros: *Raul, O peixe e o pássaro, Pedro, Onde tem bruxa tem fada, Mário, Ciganos e Ah! Mar...*. O artigo é concluído com a afirmação de que a dimensão poética dos livros de Queirós espelham limpidez e simplicidade. A realidade é apreendida em sua essência e a visão de vida do autor é escrita em seus livros.

O segundo livro de Vânia Maria Resende que aborda obras de Queirós é *Literatura infantil & juvenil: vivências de leitura e expressão criadora*, publicado em 1993 pela Editora Saraiva. Este livro traz experiências de formação de leitores no ensino fundamental, atividades que foram desenvolvidas com alunos até 8ª séries (atual 9º ano). Não há um capítulo específico sobre obras de Bartolomeu Campos Queirós, mas o autor é citado diversas vezes dentro do livro.

Ao ler o livro de Resende, encontramos diversas indicações sobre a obra do escritor. Na página 203, a estudiosa aponta a riqueza da produção literária brasileira e de que maneira esta pode servir de apoio para oficinas de vivências poéticas. Cita os acréscimos valiosos na poética infantil, com narrativas versificadas e efeitos poéticos realizados por diversos escritores, dentre eles Bartolomeu Campos de Queirós. Logo em seguida, na página 206, ao abordar a escrita de cartas, Resende (1993) recomenda a leitura de *Correspondência*. Em outro tópico, sobre a desmistificação de valores e de comportamentos, o livro indicado é *Onde tem bruxa tem fada*. Quando o tema é “dando ao lugar-comum uma dimensão incomum”, o trabalho indicado é *Minerações*. E, para criações coletivas, *O peixe e o pássaro*.

Em *Cinema comentado* (1990), de Sônia Viegas, também encontramos referências a Bartolomeu Campos de Queirós. O estudo de Viegas está dividido entre cinema, ensaio e literatura. E, em literatura, há dois artigos que nos interessam: “Indez” e “O peixe e o pássaro”. Em “Indez”, temos uma “Carta a Bartolomeu”, datada de 04 de março de 1989. Nesta correspondência, Viegas comunica ao autor a leitura que fez de seu livro *Indez*. A partir do conceito de memória de Bergson (1859-1941), Sônia Viegas realiza um estudo sobre a obra memorialística de Bartolomeu Campos de Queirós:

É assim, Bartô, que compreendo **Indez** um ovo inicial e iniciático, a fonte tardiamente revelada ao mundo, mas que sempre esteve na origem de sua poesia, unificando, compactando a criação. Ovo-memória. A imagem do ovo é, também, a imagem da síntese misteriosa, perfeita. (VIEGAS, 1990, p. 189).

O artigo seguinte, *O peixe e o pássaro*, possui uma indicação de publicação: artigo publicado no jornal **Estado de Minas** em 23 de abril de 1974. Nele, Viegas aborda também questões sobre a função da poesia e a função desta história de amor entre um peixe e um pássaro: “[...] A função da estória é apenas a de ensinar aos olhos a desposseção das coisas, a fim de que possamos enxergar o seu território invisível – a intimidade que lhes é própria e que jamais pertencerá às nossas mãos, à nossa linguagem ou à nossa imaginação.” (VIEGAS, 1990, p. 197).

Em 1991, Fábio Lucas, crítico literário e cientista social, publica *Mineiranças* pela Editora Oficina de Livros. O livro reúne os percursos do autor pela cultura mineira, nos campos da história e da literatura daquele estado. No artigo intitulado “Circuito Poético”, Lucas menciona escritores como Drummond, Paulo Mendes Campos, Adão Ventura e Bartolomeu Campos Queirós. Sobre este último, afirma a dificuldade em se determinar os limites de sua prosa e poesia. Para o crítico,

[...] o que há de invulgar na prosa de Bartolomeu Campos Queirós é uma leveza de expressão, uma transparência de imagens, uma sonoridade de ritmos que não se traduzem em superficialidade. Antes, constituem aberturas para regiões profundas da comunicação poética.

Daí sua manifestação conseguir ser, ao mesmo tempo, simples e densa. Ler o seu texto consiste em envolver-se de imediato com a magia das palavras. É seduzir-se pela beleza e musicalidade da prosa. Ou melhor: é alcançar a poesia que emana do texto. (LUCAS, 1991, p. 325).

Por fim, Fábio Lucas analisa rapidamente *Ah! mar...*(1985), livro que descreve a emigração do homem morador das montanhas para próximo do mar, e indica a presença da fantasia de criança nesta obra, pontilhada de poesia e encantamento.

Vera Maria Tietzmann Silva, no artigo *Economia e eficácia: o projeto gráfico de Cavaleiros das sete luas* (1995), aborda não apenas a estrutura desta obra, mas também como o projeto gráfico desenvolvido por Paulo Bernardo Ferreira Vaz associa-se ao texto e desafia o leitor, fazendo com que este embarque em uma aventura na busca de si mesmo. O texto faz parte do livro organizado por Tietzmann Silva, Ana Maria Lisboa de Mello e Maria Zaira Turchi: *Literatura infanto-juvenil: prosa & poesia* (1995).

A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil, (2001) organizado por Aracy Alves Martins Evangelista, Heliana Maria Brina Brandão e Maria Zélia Versiani Machado, traz vários artigos sobre a obra de Queirós. E na introdução do livro, lemos a seguinte explicação:

A **terceira parte** apresenta práticas distintas para reflexão dos professores. São diferentes recepções de um mesmo conjunto de textos literários: a produção de leitura literária da trilogia autobiográfica em prosa poética de Bartolomeu Campos de Queirós, realizada por leitores de diversas instâncias – aluno e professora de ensino fundamental, professores de ensino médio e professores universitários, especialistas em literatura. (EVANGELISTA; BRANDÃO; MACHADO, 2001, p. 15).

No ano de 2002, Maria Zaira Turchi e Vera Maria Tietzmann Silva organizam o livro *Literatura infanto-juvenil: leituras críticas* que traz o artigo *A memória da infância no discurso literário de Bartolomeu Campos de Queirós*, de Maria Lilia Simões de Oliveira, no qual aponta características da obra de Queirós, conforme podemos ler a seguir:

Cada livro de Bartolomeu Campos de Queirós poderia ser analisado pelos labirintos da semântica, pois essa estratégia discursiva compõe o estilo desse autor. Sua força expressiva está antes nos jogos de sentidos que na originalidade do tema. A memória da infância, a consciência do processo de aquisição da linguagem dão a este autor o estofo de que precisa para escrever seus textos. A comunidade mineira, pano de fundo da obra, foi a fonte das experiências vividas; a Filosofia, a Arte-Educação foram algumas das fontes do saber adquirido. Saber que se acumula, que amadurece seu texto e aguça sua sensibilidade. (OLIVEIRA, 2002, p. 138).

Outro livro que aborda a produção de Queirós é *Narrativas juvenis*: outros modos de ler (2008) num artigo escrito por Vera Teixeira de Aguiar, intitulado “A palavra na boca do tempo”, e que trata do livro *Por parte de pai* (1995), do escritor em questão. Aguiar tece observações sobre como as memórias descritas no livro nos trazem, “[...] através da memória do narrador, uma experiência integral de leitura vivida em sua primeira infância, que vai, seguramente, influenciar a formação do adulto.” (AGUIAR, 2008, p. 183). Por ser uma narrativa que retrata a evolução de uma criança até sua entrada na adolescência, a autora afirma que a leitura deste livro está mais diretamente relacionada ao público juvenil, apesar de, por sua qualidade literária, poder ser objeto de leitura de todas as idades.

É possível constatar, pelos comentários e análises apresentados acima, que a obra de Bartolomeu Campos de Queirós ganhou diversos espaços no campo acadêmico, especialmente entre estudiosos da literatura infantil e juvenil. Além disso, sua produção é sempre muito elogiada e apreciada, aparentemente sem nenhuma crítica ou incongruências, como podemos perceber pela abordagem dos nove livros citados. Assunto que abordaremos nos próximos capítulos.

1.3.4 – Teses

Por meio de pesquisas em sites de busca, assim como no banco de pesquisa da CAPES e nas bibliotecas das principais universidades nacionais, localizamos cinco dissertações de mestrado sobre a obra de Bartolomeu Campos de Queirós concluídas no período entre 1998 até 2012. No entanto, é importante lembrar que os quatro livros mencionados anteriormente, no item 2.1, foram inicialmente dissertações de mestrado e ou doutorado, o que já avoluma o número de teses localizadas (apêndice 11).

A primeira dissertação a que tivemos acesso foi defendida em 1998 na Universidade Federal de Minas Gerais. *A experiência da jovialidade: uma cruzada poética*, escrita por Viviane Almeida de Siqueira, aborda os limites da jovialidade rumo ao discurso do sagrado. Siqueira objetivou pesquisar o quanto de sagrado habita nas pessoas, especialmente entre a juventude. Para isto, estuda o livro *Escritura*, de Bartolomeu Campos de Queirós, analisando a junção da palavra e do sagrado.

No ano de 2003, Andréa Garcia Zelaquett apresenta sua dissertação de mestrado em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná. Nesta dissertação, denominada *O lúdico no discurso poético de Bartolomeu Campos de Queirós*, Zelaquett objetiva analisar os aspectos lúdicos do discurso poético de Queirós, que se encontram no jogo do movimento das metáforas dispersas por todo o conjunto textual que integram as narrativas deste escritor.

Quatro anos depois, em 2007, Gláucia Luiz apresenta sua dissertação de mestrado *A poética da delicadeza e do essencial: Roseana Murray, Bartolomeu Campos de Queirós e José Jorge Letria* ao programa de pós-graduação da Universidade de São Paulo. Gláucia Luiz analisa a poesia como a forma para a renovação do homem, o olhar como uma ponte entre palavra e leitor, entre o ser humano e o outro. Para isto seleciona algumas obras de Murray, Queirós e Letria, reafirmando então a necessidade de textos poéticos desde a mais tenra infância.

Bartolomeu Campos de Queirós semeador de memória e performance narrativa é o título da dissertação de mestrado de Juliana de Castro Millen, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora – MG, no ano de 2010. Millen (2010) realiza uma investigação da configuração do significado e da importância da obra contemporânea do escritor, enfocando suas produções que abordam memórias e capacidades narrativas.

A última, porém não menos importante, foi a apresentada por Rosane da Silva Gomes ao programa de pós-graduação da Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte

no ano de 2011 para obtenção do título de Doutor em Letras. Nesta tese, *Entre Guimarães Rosa, Manoel de Barros e Bartolomeu Campos de Queirós*: a criação de uma infância da escrita, Gomes faz uma reflexão sobre a infância, problematizando alguns conceitos, lançando propostas de leitura sobre o tema. Para alcançar seu objetivo, utiliza-se de contos de Guimarães Rosa, buscando convergências com os textos de Manuel de Barros e de Queirós, identificando nestes três autores o que denomina de poética da infância ou infância da escrita.

Além destas dissertações, encontramos referências a outras. No entanto, durante o desenvolvimento deste trabalho não conseguimos ter acesso a estas produções, o que impossibilitou suas leituras e outros estudos. Importante salientar o fato de que também nestas produções não foram localizadas críticas ou referências a possíveis incongruências na obra de Queirós.

1.4 – OBSERVAÇÕES IMPORTANTES

Neste primeiro capítulo realizamos o mapeamento das obras de Queirós. Apesar dos esforços dispendidos, a obra *Entretantos* (2004), publicado pelo Conselho Regional de Psicologia de Minas Gerais não pôde ser localizada, assim como a já citada *7 cores, 7 autores* (2003). Além destas, temos *Sei por ouvir dizer* (2007) e *Emoções em desalinho* (2010) que também não foram localizadas durante o desenvolvimento desta dissertação.

Devido à morte do autor, a Associação de Leitura no Brasil (ALB), juntamente com a Editora Moderna e a Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) editaram e publicaram um pequeno volume sobre Queirós, para homenageá-lo. *Bartolomeu Campos de Queirós: uma inquietude encantadora* (2012) foi distribuído durante o 18º Congresso de Leitura do Brasil (COLE).

Outro tributo ao autor foi prestado pela *Palavra*, Revista Sesc de Literatura, em sua edição de julho de 2012. A *Revista Palavra* publicou o “Dossiê Bartolomeu Campos de Queirós”, com diversos artigos sobre a vida e a obra deste escritor expoente da literatura infantojuvenil, como o denominaram.

Também tivemos conhecimento de que há um livro escrito por Ninfa Parreiras intitulado *De janelas abertas*. A obra trata das memórias de Bartolomeu Campos de Queirós, mas encontra-se ainda no prelo. Por este motivo, não podemos utilizá-lo neste capítulo.

Além destes, talvez haja obras com participação do escritor que não foram identificadas ou até mesmo textos que abordem o trabalho de Queirós, mas que não tivemos acesso.

CAPÍTULO 2
ABORDAGEM ESTÉTICA E PEDAGÓGICA DAS OBRAS DE
BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS

2.1 – SOBRE O CONJUNTO DA OBRA DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS

No capítulo anterior, realizamos um mapeamento das obras de Bartolomeu Campos de Queirós. Além da divisão em categorias e subcategorias (produção ativa e passiva), apontamos os principais temas abordados pelo autor e como estes são aproveitados e reaproveitados em diversas obras. Também elencamos alguns críticos que abordaram as obras do escritor, como Vânia Maria Resende, Vera Maria Tietzmann Silva, Maria Lilia Simões de Oliveira, dentre outros.

Como podemos observar pelos diversos estudos e abordagens da obra, seus livros são muito apreciados e valorizados. O escritor possui um alto poder de manusear a língua e com isto cria obras de elevado valor estético, principalmente para o público juvenil. Também era um militante da causa da literatura infantil de qualidade e justamente por isso seus livros normalmente apresentam um projeto estético de qualidade elevada, possuem aspectos que, como aponta Ricardo Azevedo, “[...] possibilitam que o leitor entre em contato com o potencial rico e expressivo de imagens subjetivas, metafóricas e ambíguas.” (AZEVEDO, 2005, p. 44).

Leo Cunha (2005), em seu artigo “Poesia e humor para crianças”, que faz parte do livro *O que é qualidade em literatura infantil?* (2005) menciona as emocionantes obras de Queirós: *Pedro, Coração não toma sol* e *Correspondência*. Sobre Bartolomeu, aponta as seguintes características: “[...] lirismo, delicadeza, expressividade, frequentemente um olhar reflexivo e filosófico sobre o ser humano, a natureza e as coisas do mundo. Tais qualidades de sua poesia saltam aos olhos do leitor.” (CUNHA, 2005, p.79).

Apesar destas questões acima levantadas e da nossa concordância em relação a elas, neste capítulo apontamos alguns pontos da obra de Queirós que possivelmente não tenham a mesma estética de criação de livros como *O peixe e o pássaro* (1971), *Cavaleiros das sete luas* (1985), *Tempo de voo* (2009), os elencados por Leo Cunha e muitos outros. Partimos da afirmação de Celso Sisto: “[...] um escritor muito conhecido e famoso, já anteriormente valorizado e até premiado pela crítica, também pode ter livros ruins!” (SISTO, 2005, p. 132). Considerando esta afirmação e não desmerecendo de forma alguma o trabalho de Queirós na maioria de seus livros publicados, abordaremos dois livros e algumas características destes para evidenciarmos alguns aspectos sobre a qualidade da literatura infantil. Os livros selecionados para análise são *Foi assim...* (2008) e *ABC... até Z!* (2009).

A seleção destas duas obras, como explicamos na introdução, deu-se por diversos fatores: escolha de livros de gêneros diferentes - narrativa e poesia, publicações sequenciais – 2008 e 2009, estilos alternados - inclusive nas ilustrações.

Neste capítulo, inicialmente, faremos uma descrição das obras: análise do enredo abordado em *Foi assim...*, das características poéticas de *ABC...até Z!* e como estas obras são desenvolvidas pelo escritor. No capítulo seguinte, nos adentraremos nas discussões que embasam esta dissertação. Para a narrativa, elencamos aspectos relativos à matéria literária e aos seus dez fatores estruturantes: narrador, foco narrativo, história, efabulação, gênero narrativo, personagens, espaço, tempo, linguagem ou discurso narrativo, leitor ou ouvinte. (COELHO, 2000). Já para a análise minuciosa da poesia, apoiando-nos também em Nelly Novaes Coelho (2000), observaremos os aspectos relativos ao núcleo temático, linguagem, imagens, leitor ou ouvinte. A escolha por este referencial teórico ocorreu devido ao grande papel que Coelho exerceu no estudo da literatura infantil e juvenil, além das constantes referências que a estudiosa faz em suas obras ao autor em questão.

Antes, porém, é interessante pensarmos, baseando-nos nos escritos de Edmir Perrotti, que o exame dos elementos da narrativa não são apenas para caracterizá-los, mas, como afirma o crítico, tem o objetivo de “[...] observar as relações mantidas entre eles, no sentido de configurarmos um outro nível de relação: a do narrador com o leitor ou do “discurso”, segundo Todorov.” (PERROTTI, 1986, p. 83). Sendo assim, os elementos apontados neste capítulo servirão, no capítulo seguinte, para uma análise minuciosa acerca da relação que estabelecem dentro das obras analisadas.

2.2 - FOI ASSIM... (2008)

Foi assim..., publicado no ano de 2008 pela Editora Moderna, possui ilustrações de Sandra Bianchi. O livro possui 63 páginas e faz parte da Coleção Girassol. No *site* da Editora Moderna encontramos a seguinte justificativa para esta coleção:

Aprender a ler pode querer dizer aprender a decifrar o que os sinais gráficos impressos no papel representam, mas também pode significar compreender e interpretar textos. A primeira é uma aprendizagem que se consolida nas séries iniciais do Ensino Fundamental; a segunda é uma aprendizagem que se inicia antes mesmo de sermos capazes de ler com autonomia, mas que, diferente daquela, nunca termina. Um livro que no início do ano escolar parecia exigir de um leitor recém-alfabetizado pode, no segundo semestre, ser lido com fluência. Além disso, um livro pode ser lido de diferentes maneiras por um mesmo leitor, em diferentes momentos de sua vida. Como escolher então? Um bom acervo contém tanto obras próximas ao grau de autonomia do leitor como também outras mais complexas, que podem

sinalizar novos horizontes, dialogando com aquelas que ele já consegue ler sozinho. Na escola, esse segundo grupo de obras encontra lugar privilegiado na leitura do professor para seus alunos ou com seus alunos. Como se aprende a ler lendo, as possibilidades que um leitor tem para ler dependem sempre do que já leu, de suas experiências anteriores. Uma criança que aprecia escutar a leitura de obras e que conversa sobre o que leu tem tudo para vir a ser um leitor autônomo. As categorias de leitor indicadas nas obras são sugeridas considerando a leitura autônoma, mas não devem ser tomadas de modo rígido. A régua deve ser sempre o próprio leitor.⁷

Com base nesta justificativa, podemos presumir que a Coleção Girassol seja, possivelmente, para leitores iniciantes, aqueles que estão descobrindo a leitura autônoma e ou compartilhada. Isto talvez justifique o projeto de *Foi assim...* (2008).

Outro ponto interessante, antes de iniciarmos a análise do livro, é o fato deste ter sido dedicado à Magda Soares, intelectual engajada na pesquisa sobre alfabetização e letramento, o que também corrobora a justificativa do livro: auxiliar no processo de alfabetização. Para Magda Soares (2004), alfabetizar é adquirir a compreensão do sistema convencional de escrita, enquanto letramento seria “[...] o desenvolvimento de comportamentos e habilidades de uso competente da leitura e da escrita em práticas sociais.” (SOARES, 2004). Os dois processos são distintos, pois possuem diferentes relações com os objetos de conhecimento, além da diferenciação em relação aos processos cognitivos e linguísticos de aprendizagem.

Foi assim... (2008) narra a história do menino Edu e seu movimento de aprendizagem das letras, da leitura e da escrita. Edu nos é apresentado por um narrador heterodiegético que se coloca na história ao nos informar que conheceu Edu, personagem principal da narrativa:

Conheci Edu. Ele se assentava ao meu lado numa carteira para dois meninos. [...] Edu sabia cantar a tabuada até o nove, sem gaguejar. Gostava da escola, do clube agrícola, do clube da leitura, dos auditórios. Inventava jogos no recreio e tirava dez nos exames de Língua Pátria e Aritmética. Mas Edu não escondia seu segredo de conhecer mais. Aprendeu muito com a mãe e o pai antes de entrar para o Grupo Escolar⁸. (QUEIRÓS, 2008, p. 9).

O narrador nos dá apenas uma ideia de quem seja Edu e a partir da página seguinte nos conta com detalhes esta história e quem é este menino: “[...] Seu nome é pequeno, menor que soluço de mosca. Sua curiosidade, grande, mais longa que canto de carro de boi. Edu, menino miúdo, contava de cor de 1 a 10: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8,9 e 10.” (QUEIRÓS, 2008, p. 10).

Edu é um garoto que se interroga sobre as letras. Estava intrigado pela ordem destas, pelos sons e por tudo que poderia escrever usando as vogais que lhe foram ensinadas:

⁷ Informações retiradas do site < http://modernaliteratura.com.br/moderna/colecao.php?id_colecao=6>. Acesso em 18 jul. 12.

⁸ Os itálicos, em todas as citações deste capítulo, foram mantidos de acordo com o livro *Foi assim...* (2008), de Bartolomeu Campos de Queirós.

Muitas vezes, ele tentava escrever as vogais no chão, usando um pauzinho ou um carvão. Aprendeu as vogais com o pai, com o apelido de cada uma:
 O *A* era um telhadinho.
 O *E*, uma escadinha.
 O *I*, um palito de fósforo.
 O *O*, uma bola de gude, futebol ou o mundo.
 O *U*, uma rede de dormir, sem gancho para dependurar. (QUEIRÓS, 2008, p. 12-13).

Auxiliado pela mãe e pelo pai, Edu é apresentado às letras que tanto aguçam sua curiosidade de menino e vai fazendo avanços em sua alfabetização. Inicia aprendendo-as por meio de sopa de letrinhas. Aprende a separar as vogais, a juntá-las. Aprende as demais letras, as consoantes. E começa a fazer junções de vogais e consoantes. Sempre permeado do carinho e da paciência de seus pais, que o guiam neste caminho para a alfabetização:

– Esse conjunto, como você já sabe, são as vogais: *A, E, I, O, U*. Todo o resto do pacote são as consoantes, as outras letras do alfabeto. Vou pegar apenas uma consoante e vamos brincar de somar com as vogais.
 [...]

 – Complicou – disse Edu.
 – Que nada! – respondeu a professora-mãe-cozinheira. [...] (QUEIRÓS, 2008, p. 23).

Edu gosta também de brincar com seus amigos e nestes momentos divide suas descobertas com as outras crianças. Mas nem sempre é compreendido, pois suas dúvidas de menino em processo de alfabetização ainda não são as mesmas dúvidas de seus companheiros:

Edu foi para a rua brincar com os amigos. Sempre se encontravam na praça para conversar, jogar, correr e trocar novidades.
 – Ontem comi sopa de letras – contou Edu.
 – Sua mãe fritou as palavras? – perguntou Cristiano, desacreditando.
 – Não. Ela cozinha as letras com tomate e cebolinha. A gente come de colher. Minha barriga fica roncando: *au, oi, ui* – respondeu Edu.
 [...]

 Ninguém se importou com a história de Edu. Continuaram balançando nos galhos das árvores, rolando na grama, apostando corridas. Mas Edu, mesmo brincando, só pensava nas vogais: *A, E, I, O, U*. (QUEIRÓS, 2008, p. 20).

Durante este processo de alfabetização, questões matemáticas também são apresentadas ao garoto: a infinitude dos números, a divisão e a multiplicação. No entanto, a matemática é abordada por meio de metáforas, como divisão de beijos, de abraços, multiplicação de carinhos etc. Mãe e pai auxiliam no aprendizado do filho por meio de lições:

– Além das palavras, meu filho, também podemos somar abraços, somar carinhos, somar alegrias. É bom somar para poder dividir. Se eu lhe dou muitos beijos, quando seu pai voltar do trabalho, você vai ter muitos beijos para dar a ele – falou a mãe. (QUEIRÓS, 2008, p. 18).

Em outras situações, mãe ou pai, continua a ensinar ao menino questões matemáticas, sempre lembrando a importância de dividir para poder multiplicar. Quando Edu reconhece os números e realiza algumas reflexões sobre a matemática, conhece todas as letras do alfabeto e consegue formar letras e frases, é enviado à escola para iniciar seu processo formal de alfabetização. A professora-mãe e o professor-pai já lhe deram toda a base para este processo:

E foi assim que Edu foi aprendendo. Aos pouquinhos. Cada manhã, tarde ou noite, pais e filho brincavam de escrever e ler. Um dia, pai e mãe disseram para Edu:
 – Filho, amanhã você vai para a escola. Já compramos seu uniforme, seu material e fizemos sua matrícula.
 – Mas eu já sei tanto – falou o menino.
 – Não – disse a mãe. Você só sabe o começo. Tem muito a aprender ainda. Agora, com a professora, você vai mais longe. Em casa continuaremos brincando, lendo, descobrindo, mas é preciso estudar outras coisas. (QUEIRÓS, 2008, p. 58-59).

A finalização do livro ocorre após o menino ser enviado à escola e aprender a produzir textos. O narrador, que no início se identifica como um aluno que estudou com Edu, afirma que não soube mais do menino, mas tem certeza que este foi acompanhado pelo gosto da descoberta e do saber que carregava na infância:

Não sei por onde Edu anda hoje. Depois de tantos anos, posso fantasiar sua felicidade entre outros amigos e novos tempos. Deve continuar estudando, lendo, trabalhando e sabendo contar além de 100.000.000... Mas guardo uma certeza: Edu sempre toma sopa de macarrão de letras – engolindo o mundo temperado e cheio de saudades. (QUEIRÓS, 2008, p. 60).

2.2.1 – *Foi assim...* (2008) e sua matéria literária

A partir de agora, tentaremos identificar os dez itens relativos à matéria literária, denominação que Nelly Novaes Coelho (2000) dá aos elementos que compõem a narrativa. Além de Coelho, nos apoiaremos também em outros críticos literários que abordaram as teorias da narrativa em suas obras. Começaremos pelo narrador, configurando seu estatuto neste livro de Bartolomeu Campos de Queirós e qual o seu papel nesta obra.

De acordo com Coelho (2000), “[...] o narrador é responsável pela enunciação ou pela dinâmica que concretiza a narrativa, isto é, que produz o discurso literário.” (COELHO, 2000,

p. 67). Toda narração acontece em um tempo. Em *Foi assim...* (2008), o tempo da narrativa é ulterior à história narrada: “[...] Não sei por onde Edu anda hoje. Depois de tantos anos [...]” (QUEIRÓS, 2008, p. 60). Lopes e Reis, em seu *Dicionário de Teoria da Narrativa* (1988), definem narração ulterior, como sendo aquela narração que aconteceu após o fato narrado, sendo que o narrador se situa em uma posição posterior e inequívoca, já que conhece as ações que ocorreram e que já estão terminadas. Justamente pelo narrador estar situado além da história, ele pode manipulá-la da maneira que desejar, uma vez que os eventos narrados foram encerrados.

Não só o tempo da narrativa pode ser distinto do tempo da história, como o próprio narrador pode ser de diferentes categorias. No texto de Queirós, pela maneira como flui a narrativa, temos um narrador demiurgo ou onisciente, um recriador da história, domina todos os fatos e acontecimentos, conhece o interior das personagens, sabe o que pensam, o que fazem, fizeram ou irão fazer. O que transmite ao leitor é uma verdade inquestionável.

O narrador de *Foi assim...* (2008) coloca-se em um universo diegético e inicia seu relato conhecendo a totalidade dos eventos que narra. Denominado de demiurgo ou onisciente por Coelho (2000) é o narrador heterodiegético, de acordo com Genette (s/d). Um narrador que não integra diretamente a história, mas tem pleno domínio dos fatos sucedidos. Podemos perceber a presença deste narrador em vários momentos do texto:

[...] Quando sentia sono, Edu buscava cochilar pensando. Se a mãe ou o pai não podiam ler histórias de viagem ou terror – como a do soldado que comia sopa de unhas, e as unhas faziam cócegas em sua garganta -, ele imaginando-se deitado na rede do U, cantava para si mesmo [...]
Edu cantava, resmungava, dormia. Sonhava com distantes terras, caindo de montanhas, com desconhecidos amigos. (QUEIRÓS, 2008, p. 13).

Em *Foi assim...* (2008), o narrador inicia o relato colocando-se na história. Ele conheceu o menino Edu, personagem principal e por isso presenciou o que irá narrar. Por ter conhecido Edu, este narrador tem total domínio dos acontecimentos e do tempo da narrativa:

Conheci Edu. Ele se assentava ao meu lado numa carteira para dois meninos. A carteira de madeira tinha um buraquinho, do lado direito, para, no futuro, a gente firmar o tinteiro, molhar a pena e escrever com tinta. Com tinta, a palavra não se apaga nunca. [...]
Mas Edu não escondia seu segredo de conhecer mais. Aprendeu muito com a mãe e o pai antes de entrar para o Grupo Escolar. Sempre nos contava como era bom tomar sopa de macarrão de letras. E nós, seu colegas, ficávamos com a boca cheia d’água e com a inveja escondida. (QUEIRÓS, 2008, p. 9).

Como podemos perceber pelo trecho acima, o narrador sentava-se ao lado de Edu na escola e este fato o autoriza a narrar a história. Ele conhece Edu, sua vida e todos seus pensamentos e desejos: “Edu fez a tarefa. Olhou para o conjunto das letras. Colocou as turmas em ordem e em fila: A, E, I, O, U. Queria ir à escola, mas faltava idade. Ah! Como seria bom ler um livro inteiro como seu pai – sonhou o menino.” (QUEIRÓS, 2008, p. 16).

Identificado o narrador, examinaremos agora outro ponto da matéria literária extremamente importante dentro do processo narrativo. Estamos nos referindo ao foco narrativo ou focalização. Este “[...] indica o olhar através do qual são vistos todos os incidentes do que é narrado. Ele revela a posição em que se encontra o narrador em relação ao que ele conta. Posição que por sua vez determina o grau de conhecimento que ele tem dos fatos ou das situações que ele vai desvendando.” (COELHO, 2000, p. 69).

Há diversas possibilidades para o posicionamento do foco narrativo. Em *Foi assim...* (2008) identificamos o foco onisciente, justamente do narrador onisciente, demiurgo. Neste foco narrativo os acontecimentos são apreendidos perfeitamente, inclusive o interior das personagens (COELHO, 2000):

Marina foi até o armário, pegou um novo pacote de macarrão e pediu que Edu separasse novamente as vogais. O menino, em silêncio, passou o resto da manhã fazendo montinhos de vogais. A mãe olhava o filho com o rabo do olho – aflita – esperando o menino terminar. Ela também gostava de brincar. Escrever é brincar. (QUEIRÓS, 2008, p. 22).

O narrador, por meio de um foco narrativo onisciente, reafirma seu poder de domínio entre as personagens e sobre os eventos narrativos, o que pode ser observado no trecho acima transcrito. Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes (1988), no *Dicionário de Teoria da Narrativa*, assim definem focalização onisciente:

Por focalização onisciente entender-se-á, pois, toda a representação narrativa em que o narrador faz uso de uma capacidade de conhecimento praticamente ilimitada, podendo, por isso, facultar as informações que entender pertinentes para o conhecimento minudente da história; colocado numa posição de transcendência em relação ao universo diegético [...], o narrador comporta-se como entidade demiúrgica, controlando e manipulando soberanamente os eventos relatados, as personagens que os interpretam, o tempo em que se movem, os cenários em que se situam etc. (REIS; LOPES, 1988, p. 255).

Na focalização onisciente, como podemos perceber, o narrador é quem dá voz ou não às personagens. Logo, durante toda a narrativa de *Foi assim...* (2008) os diálogos são por

meio do discurso indireto ou quando há diálogos, estes são sempre mediados pelo narrador, não sendo possível encontrar nenhuma cena dentro da obra.

A postura do narrador, como tentamos explicitar, não é tão simples de ser compreendida. Neste livro, apesar do foco narrativo onisciente, há dois momentos na história que nos deixam confusos em relação ao narrador. No início e no fim da narrativa, o narrador coloca-se como participante real e não apenas como narrador da história de Edu. No entanto, como a maior parte do texto há a sua onisciência, optamos por caracterizá-lo desta maneira.

Observado o foco narrativo, partimos agora para a análise da história, ou seja, o que acontece na narrativa. (COELHO, 2000). A história surge a partir de uma situação de desequilíbrio, até sua resolução e volta à normalidade. Genette utiliza o termo *diegese* para remeter-se a história. *Diegese* seria a “[...] sucessão de acontecimentos reais ou fictícios que constituem o significado ou conteúdo narrativo [...]” (LOPES;REIS, 1988, p. 49).

Em *Foi assim...* (2008) o interesse de Edu pelas letras e sua ânsia de aprender criam o clima para o desenvolvimento da história, que nos conta o processo de apropriação do conhecimento pelo qual passa a personagem e avança até o momento em que o garoto, já na escola, aprende a manipular a linguagem e a produzir textos. Interligada à história temos a *efabulação*, local em que a trama é encadeada, sequenciada e as estruturas narrativas criam a dependência das ações. Nesta obra de Queirós temos uma *efabulação* linear, com eventos que se sucedem com princípio, meio e fim. No entanto, é importante lembrar que o narrador posiciona-se após o fim da história e deste posicionamento *efabula* linearmente a narrativa.

Outro elemento da matéria narrativa ficcional é o gênero narrativo ao qual a obra pertence: “[...] sua escolha pelo autor nunca é gratuita ou casual. Obedece à visão de mundo que ele pretende transmitir ao leitor e corresponde a *estruturas* distintas.” (COELHO, 2000, p. 71). O gênero escolhido por Queirós para o desenvolvimento de *Foi assim...* poderia ser o romance, pois a história desenvolve-se em torno de um único eixo dramático. Há muitos acontecimentos, mas todos estão diretamente ligados e fazem parte de um eixo central que é a história de Edu. Não existe nenhum evento narrado por si só. Todos eles estão inter-relacionados. (COELHO, 2000).

No entanto, ao pensarmos em romance, precisamos observar outras definições do termo. Cândida Vilares Gancho, em seu livro *Como analisar narrativas* (2006), define romance da seguinte maneira: “é uma narrativa longa, que habitualmente envolve um número considerável de personagens [...], maior número de conflitos, tempo e espaço mais dilatados. (GANCHO, 2006, p. 9). Já Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes definem o termo romance atrelado à definição de composição, que designa, de uma maneira genérica, a organicidade da

obra artística. O romance seria, então, um tipo de composição que contém diversos problemas, devido a sua extensão, quantidade e diversidade de elementos diegéticos, como as personagens, os espaços e as ações (REIS; LOPES, 1988).

Neste trabalho, como estamos abordando uma narrativa direcionada às crianças e aos adolescentes, e considerando as diversas discussões acerca da definição da palavra romance, optamos pela não caracterização de *Foi assim...* em uma categoria definitiva. Sobre o gênero narrativo romance, Nelly Novaes Coelho faz a seguinte afirmação: “[...] sua natural extensão narrativa, centrada em um problema eixo, exige um leitor com relativa capacidade de concentração e atenção. Daí que a forma romanesca seja frequente na literatura para adolescentes e adultos.” (COELHO, 2000, p. 73). Apesar das informações de Coelho (2000), optamos por caracterizar esta história como narrativa, pois há certa dificuldade de enquadrá-la como romance, devido às características deste.

Outro ponto importante para a matéria literária é a personagem, ou seja, aquela que vive a ação. É o elemento decisivo, pois sem personagem a efabulação perde sentido, é na personagem que o leitor foca seu interesse. (COELHO, 2000). A personagem é uma categoria fundamental dentro da narrativa, pois é ela o eixo sobre o qual a ação se desenvolve e é em função dela que a narrativa se organiza. (REIS; LOPES, 1988).

Em *Foi assim...* há apenas três personagens centrais: a mãe Marina, o pai Mário e o filho Edu. São três personagens que não apresentam comportamentos diferentes do que o leitor espera. A mãe sempre amorosa e paciente, o pai que trabalha fora e o menino que sempre se comporta e que tem como desejo o aprendizado. Podemos concluir que são três personagens tipo, ou planas, pelas características apresentadas. As demais personagens, amigos de Edu, são pouco citadas e não desempenham papel importante.

Para definir melhor Edu e seus pais, novamente nos utilizaremos das caracterizações de Reis e Lopes (1988). Segundo estes pesquisadores, as personagens planas “são construídas em torno de uma única ideia ou qualidade [...]”. (REIS; LOPES, 1988, p. 218). Já o personagem tipo “[...] pode ser entendido como personagem-síntese entre o individual e o coletivo, entre o concreto e o abstrato, tendo em vista o intuito de ilustrar de uma forma representativa certas dominantes (profissionais, psicológicas, culturais, econômicas etc.) [...]” (REIS; LOPES, 1988, p. 223).

A personagem tipo ou plana “[...] são personagens estereotipadas: não mudam nunca suas ações ou reações. [...] É a categoria de personagem mais encontrada na literatura popular e na literatura infantil.” (COELHO, 2000, p. 75). Na obra de Bartolomeu Campos de

Queirós representam funções sociais: a mãe amorosa e cuidadora do lar, o pai que provê o sustento da família e o filho obediente e grato:

– Além das palavras, meu filho, também podemos somar abraços, somar carinhos, somar alegrias. É bom somar para ter o que dividir. Se eu lhe dou muitos beijos, quando seu pai voltar do trabalho, você vai ter muitos beijos para dar a ele – falou a mãe.

Naquela noite, Edu demorou a dormir. Somou tudo o que tinha feito durante o dia. Pensou na sopa, nas vogais, nas palavras e descobriu que tinha muitas coisas. Sonhou saber escrever, mas não podia ler. E assim, crescia no menino a vontade de ler e escrever. (QUEIRÓS, 2008, p. 18).

Afirmamos que as personagens de *Foi assim...* são planas e tipos justamente pelas características estáticas que apresentam. Seus comportamentos são esperados e em nenhum momento o leitor se surpreende, já que as personagens agem de acordo com as características elencadas acima. Edu, em momento algum desacata seus pais, irrita-se, enfada-se ou faz alguma má criação, assim como seu pai ou sua mãe estão sempre alegres e solícitos para com o filho, vestindo realmente os tipos que lhe são designados: pai e mãe de uma família perfeita e feliz.

Mais um elemento da matéria narrativa é o espaço. Segundo Antonio Dimas, “[...] o espaço pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa [...]” (DIMAS, 1985, p. 6). Cândida Vilares Gancho também define este termo. Segundo ela, o espaço seria, por definição

[...] o lugar onde se passa a ação numa narrativa. [...] O espaço tem como funções principais situar as ações das personagens e estabelecer com elas uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelas personagens. (GANCHO, 2006, p. 27).

Na definição de Reis e Lopes (1988),

[...] O espaço constitui uma das mais importantes categorias da narrativa, não só pelas articulações funcionais que estabelece com as categorias restantes, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam. [...] O espaço integra, em primeira instância, os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da ação e à movimentação das personagens [...]; em segunda instância, o conceito de espaço pode ser entendido em sentido translativo, abrangendo então tanto as atmosferas sociais (espaço social) como até as psicológicas (espaço psicológico). (REIS; LOPES, 1988, p. 223).

Considerando então a importância do espaço e analisando o espaço em *Foi assim...* podemos localizar apenas quatro locais diferentes em que a trama narrativa ocorre: a casa da

família, a rua onde Edu brinca com seus amigos, o supermercado em que Edu acompanha a mãe às compras e por fim a escola em que Edu formaliza seu aprendizado. Os espaços, dentro das narrativas, são os locais onde as cenas se desenvolvem, locais em que as circunstâncias darão realidade e verossimilhança ao enredo (COELHO, 2000).

Os espaços em que acontece a história de *Foi assim...* são sempre espaços sociais, construídos pelo trabalho do homem: a casa, o quintal, o supermercado, a rua, a escola. As escolhas destes locais específicos para cenário não é desconexa, tem uma função pragmática implícita: ajuda a caracterizar as personagens. No caso, a caracterização desta família nuclear: pai, mãe e filho. Os três estão frequentemente em casa, juntos e o pai apenas sai do lar para o trabalho. Além disso, mesmo estando no quintal com os amigos, Edu está sempre com a mãe por perto. No supermercado, também acompanhado pela mãe, há diversos diálogos com fins instrucionais. O outro espaço mencionado, a escola, ambiente que também possui adultos e que restringe as ações da personagem Edu. O único local que denotaria maior liberdade à personagem central seria a rua. Mas, quando Edu está nela com seus amigos, não transgride normas ou faz peripécias, muito pelo contrário. Na rua, Edu conta aos amigos o que está acontecendo em sua casa, ou seja, o menino está imbuído da atmosfera do lar e não se desvencilha dele.

A importância do espaço nesta obra fica evidenciada justamente pelos cenários escolhidos por Bartolomeu e corroboram a ideia de família unida e preocupada com o filho, que sempre está sendo vigiado por adultos ou por sua própria consciência. Ou seja, o espaço também delimita as atividades de Edu e de seus pais, como podemos observar no exemplo abaixo:

“[...] O quintal da casa era coberto de terra. Edu, que sabia riscar amarelinha, ficava agora juntando letras e formando palavras. A mãe, cuidando do jardim, namorava o menino, que já ensinava para os amigos as palavras que conhecia.” (QUEIRÓS, 2008, p. 31).

Edu, mesmo fora do espaço fechado da casa, não está sozinho com os amigos. A presença da mãe é apontada, já que esta cuidava do quintal.

Todas as ações das personagens, dentro de um cenário, acontecem em um tempo determinado - o tempo da narrativa, que difere do tempo em que a história está sendo contada - o tempo da enunciação. Benedito Nunes, parafraseando Ducrot e Todorov, afirma que “[...] o texto narrativo possui encadeamento de ordem temporal, conforme a sucessão dos fatos que o discurso evoca” (NUNES, 1995, p. 14). No caso da história de *Foi assim...*, o tempo da

narrativa é um, mas não é o mesmo tempo da enunciação, ou seja, o narrador está em um tempo futuro, além do tempo em que a história se passa. A história narrada já aconteceu, já se findou.

Na narrativa de *Foi assim...*, temos um tempo cronológico e linear, ou seja, um tempo exterior, físico. As ações sucedem-se após dias e noites, de maneira natural. Apesar disto, o tempo desta narrativa não é contemporâneo, pois o narrador nos informa, no início do livro, que é uma história passada, já acontecida. Porém, por meio da analepse, o narrador insere a história no curso da narrativa, ou seja, nos traz a história de Edu como algo atual, que está acontecendo e não como algo que já se sucedeu.

Apesar da narrativa aparentemente estar acontecendo, temos que ressaltar o fato de nenhuma cena ser aberta, ou seja, todos os diálogos são intermediados pelo narrador. Não há um único diálogo livre entre as personagens. O narrador controla toda a história e seu tempo:

[...] – Pai, quantas letras eu aprendi? – perguntou o menino.
 – Vinte e três – respondeu o pai.
 – Quero aprender a contar até vinte e três – pediu Edu.
 – Vai ser agora – disse Mário, que se pôs a contar e o filho a repetir.
 [...] (QUEIRÓS, 2008, p. 48).

Podemos concluir, sobre o tempo, que no discurso utilizado pelo narrador os episódios dos acontecimentos são lineares, formando um todo significativo, lógico e inteligível. Não há a presença de anacronias ou prolepses que dificultam a compreensão da narrativa pelo leitor infantil ou juvenil.

Além dos itens já analisados acima – narrador, foco narrativo, história, gênero narrativo, personagem, espaço e tempo –, temos dois outros pontos importantes a analisar: a linguagem narrativa e o leitor/ouvinte a quem a obra se destina (COELHO, 2000). Iniciamos então a análise da linguagem narrativa.

De acordo com Nelly Novaes Coelho (2000), a escolha da linguagem narrativa depende da intencionalidade da obra. A linguagem do livro em questão é uma linguagem denotativa, próxima ao real. Nas palavras de Coelho, a linguagem que “[...] reproduz uma experiência vivida (ou passível de ser vivida) no mundo real cotidiano ou natural, que é o nosso.” (COELHO, 2000, p. 82). Já sabemos, pelo desenvolvimento das análises dos pontos anteriores, que a história narrada foi uma história presenciada pelo narrador, pois em momento algum há o uso de elementos do maravilhoso ou *nonsense*.

Ao observarmos atentamente também a linguagem de *Foi assim...*, podemos perceber o domínio da linguagem culta, sem utilização de gírias ou presença de expressões

coloquiais. Na história, tanto Edu quanto seus pais, comunicam-se por meio da norma padrão, inclusive, é claro, o próprio narrador:

[...] Na manhã seguinte, Edu entrou na cozinha e viu a mãe fazendo café. Foi logo dizendo: A, B, C, D, E, F, G, H, I. A mãe tomou um susto e logo perguntou:
 _ Quem lhe ensinou esse tanto?
 _ Foi meu pai. Eu pedi – respondeu Edu.
 _ Quero seu caderno agora. Vou lhe ensinar mais ainda. (QUEIRÓS, 2008, p. 43).

Chegamos então a uma questão primordial: a quem esta obra se destina? Quem é seu leitor/ouvinte? Quem é o interlocutor deste narrador onisciente? A resposta não é tão simples e tão direta. A quem o discurso do narrador atinge? A história de Edu, história do processo de alfabetização de uma criança está direcionada a uma outra criança em processo de alfabetização? Talvez, mas temos que ter em mente que há um intermediário para a leitura: o adulto. Com isso, há uma dificuldade em afirmar com absoluta convicção que *Foi assim...* é destinada aos iniciantes de leitura ou a qualquer outro leitor. Porém, podemos perceber que temos um modelo de criança e um modelo de família que está sendo dividido com o interlocutor. A questão torna-se outra agora: o leitor iniciante será influenciado por esta leitura? Que tipo de leitura temos em *Foi assim...*? Questões complexas e que deverão ser analisadas com muito cuidado no próximo capítulo.

Além disso, trata-se de uma estratégia liminar, em que a idealização da personagem, igualmente a idealização de seus sonhos e comportamentos (menino feliz, bem educado, no seio de uma família padronizada), atinge todo o sistema escolar e seus objetivos: a criança, ao se alfabetizar, é inserida num ambiente harmônico e onde a felicidade e a paz são elementos triviais.

2.3 – ABC... até Z! (2009)

Publicado em 2009 pela Editora Larousse do Brasil, *ABC...até Z!*, foi ilustrado por Júlia Bianchi. Como podemos perceber pela editora de publicação, o livro é considerado um Larousse e possui o selo de Larousse Junior. Possui 61 páginas. Esta obra é uma espécie de dicionário temático, com poemas, no qual o poeta escritor criou versos para cada letra do alfabeto. A cada página alguns versos e na página ao lado ilustrações de objetos iniciados com a letra em questão.

São 26 pequenos poemas com quantidades de estrofes e versos variados. Algumas letras, como K, X, W, Y e Z, possuem apenas uma estrofe e outras possuem quatro estrofes: C, D, G, R, T. As letras B, E, I, N, P, S e V possuem três estrofes e as demais letras duas estrofes: A, F, H, J, L, M, O, Q e U.

Abaixo, reproduzimos poemas de letras diversas, para exemplificarmos como se deu a construção do livro. Relembramos que na página posterior a cada poema, há uma pequena relação de palavras iniciadas com cada letra. E muitas vezes as palavras não estão relacionadas ao poema, assim como demonstramos abaixo:

A

Na balada
da casa da macaca
a jararaca ataca de faca,
rasga a casaca da arara.

Na farra,
paca, vaca, pata e gata,
- nada de armas e casacas –
dançam valsas, sambam salsas
na varanda da barraca. (QUEIRÓS, 2009, p. 8)

B

Boi bonito e bobo
O boi Bonaparte:
 Bate-bola
 Bate-bolo
 Bate-boca
brinca de boi-bumbá,
bomba de bailarino.

O bode Benjamim
- batizado de baiano –
berra e berra
nas barbas do Bonaparte.
Bode besta o Benjamim:
boicota o Bonaparte
e baba no bobó do boi.

Bonaparte, boi boboca, Benjamim,
bode biruta,
brigam de brincadeira. (QUEIRÓS, 2009, p. 10)

C

A cobra Catarina,
coberta com cobertor,
- com o chocalho calado –
cochila de camisola
na cama de Cassiano.

A cobra Catarina,
coitada, coitadinha,
caiu da cama
- caramba –

De cara cheia no chão.

Catarina compridona
carrega com cautela
o chocalho chocalhando
na coluna colossal.

E Cassiano, cismado,
- com a covarde Catarina –
Corre chorando e cabreiro,
com o chiado de Catarina
cruel cobra cascavel. (QUEIRÓS, 2009, p. 12)

K
O Kó-cheng-chong do kit
do kibutz
é kitsch. (QUEIRÓS, 2009, p. 28)

Para acompanhar os versos relativos a cada letra, temos as palavras por elas iniciadas. Por exemplo: letra A, acompanhada das ilustrações de aquário, avestruz, ânfora e ave. Letra K, acompanhada das ilustrações de kilt, kiwi e kart. Os desenhos encontrados na página seguinte as estrofes não possuem relação direta com os versos, pois relacionam-se apenas pela letra inicial.

Como podemos perceber, os versos são irregulares, cada poema possui uma métrica própria. Além disso, a quantidade de versos em cada poema varia muito, sendo que o menor deles possui três versos (letras K e Y) e o maior possui dezenove (letra C).

2.3.1 – ABC... até Z!: núcleo temático, linguagem, imagens, leitor ou ouvinte

ABC...até Z! (2009) é mais um livro de poemas. Considerando a especificidade de seu núcleo temático, que se delinea em torno de animais envolvidos em situações inusitadas que se tornam, por isso mesmo, engraçadas e também outros seres nomeados também passando por situações um tanto quanto incomuns: Iara, Irene, Iago, Nara, Nereu, xerife, Yuri. Há uma antropomorfização dos animais na maioria dos poemas, fator que corrobora a intenção humorista do escritor.

A linguagem apresentada por Bartolomeu Campos de Queirós neste livro é permeada por rimas e figuras de efeito sonoro. Identificamos nos versos: aliterações, assonâncias e repetição de palavras. Abaixo, transcrevemos versos que exemplificam cada uma das figuras indicadas:

Aliteração:

Malvino,
mico manhoso,
mora na mata
e morre de medo
do macaco maldoso.

Milagre!
o macaco mafioso
melou-se em mel
e morreu melado
na maior meleca. (QUEIRÓS, 2009, p. 32)

Assonância:

Iara,
irada,
impede Irene
de ir à ilha
no iate de Iago.

Irene
– irmã indefesa –
imagina a infiel Iara
improvisando iê-iê-iê
no inferno!

Irene agora
o imenso ibope de Iago
nas ideias de Iara. (QUEIRÓS, 2009, p. 24)

Repetição de palavras

A vaca valente
vai a Vitória
visitar Violeta
verdinha no vaso.

No vaso
da vaca Vitória
vivem verdinhas
as violetas valentes.

A Violeta
vê a vaca vexada
– e vergada –
Visitando o vaso.
Ah, vaca! (QUEIRÓS, 2009, p. 50)

Podemos perceber, pelas figuras de efeito sonoro, que a brincadeira com o som é constante nestes poemas. É a sonoridade que desperta a atenção do leitor e o faz perceber as

anormalidades expostas por Bartolomeu Campos de Queirós. Além disso, as rimas criam um parentesco fônico entre a maior parte das palavras, outro recurso que prende a atenção do leitor infantil. Rimas internas e externas dão o efeito musical à maioria dos versos:

Damião – o demônio –
dedo duro,
dedurou o Dragão.

O delegado Durval
Delegou ao detetive Dinossauro,
descobrir o delito do Dragão.

O detetive Dinossauro
desconfiou de Damião
e disse ao delegado:
– Damião, o delator dedo duro,
é doido de doer.

O Dragão degolou
as dores de Dolores. (QUEIRÓS, 2009, p. 14)

Outro recurso constante nos poemas deste livro são os *enjambement*. A incompletude de alguns versos demonstra uma construção sintática que necessita de complemento para ter sentido. Cria-se uma tensão na sonoridade e no próprio sentido dos versos:

O lobo,
lambuzado de luar,
se lava no leito do lago.
Livre,
o lobo lambe a lua
lameada de lodo.

Na luz da lua,
Lia
– lágrima e lenço –
lê nas letras do livro
lentas lembranças.
Lamenta a lonjura da lua,
A lonjura do lobo
E longe, longe, o lar. (QUEIRÓS, 2009, p. 14)

Quanto ao nível semântico, podemos perceber a quase ausência do uso de figuras de similaridade (comparações, metáforas, alegorias e sinestésias), contiguidade (metonímias, sinédoques) e ou oposição (antíteses). Possivelmente a opção por não utilizar estas figuras deve-se ao fato do poema estar direcionado a um público infantil, o que talvez direcionou as escolhas do escritor pretendendo criar um texto de fácil compreensão e alto grau de musicalidade.

Recurso também importante para a compreensão deste livro é a leitura de suas imagens. Há uma proposta de interação texto/ilustração nesta obra de Bartolomeu Campos de Queirós? Nas mesmas páginas onde encontramos os pequenos textos também temos pequenas ilustrações, que causam estranhamento ao que o texto poético diz. Na página ao lado de cada verso há ilustrações diversas, sempre objetos, animais, plantas e outros substantivos iniciados com a letra em questão. Na página 48, por exemplo, temos o texto com a letra U e na página seguinte, 49, é possível vermos a imagem de um urubu, um cacho de uva, urucum e um urso. Além da ilustração, o substantivo está abaixo, nomeando cada um deles. Interessante registrar que as palavras estão escritas em letra corrida, ou letra de mão, como nos referimos normalmente. Também é relevante registrar que todas as páginas possuem um fundo colorido, ou seja, a página do texto e a página dos desenhos nomeados são sempre da mesma cor. Há diversas cores, sendo uma tonalidade diferente a cada duas páginas.

Em *literatura infantil: teoria, análise, didática* (2000), Nelly Novaes Coelho afirma que pesquisas psicanalíticas realizadas no âmbito da pedagogia, descobriram que “[...] a linguagem das imagens era um dos mediadores mais eficazes para estabelecer relações de prazer, de descoberta ou de conhecimento entre a criança e o mundo das formas – seres e coisas – que a rodeiam e que ela mal começa a explorar.” (COELHO, 2000, p. 186). Considerando estas informações, questionamos se as imagens do livro em questão conseguem estabelecer este tipo de relação com o leitor, já que estas imagens são, em sua maioria, apenas substantivos desconectados do poema, mas que estabelecem relações entre si por iniciarem com a mesma vogal ou a mesma consoante.

Considerando todos os aspectos acima observados (núcleo temático, linguagem e as imagens selecionadas para ilustrar os poemas) acreditamos que o livro *ABC... até Z!* possui um destinatário implícito, que seria o leitor iniciante. Musicalidade, sonoridade e rimas constantes demonstram o interesse em prender a atenção deste leitor que ainda precisa da presença de um adulto (facilitador, motivador e leitor) para ter acesso total ao texto, sendo então destinatário do texto, seus leitores indiretos, as crianças.

2.4 – Literatura infantil e juvenil contemporânea

Após observar estas primeiras análises dos livros *Foi assim...* (2008) e *ABC... até Z!* (2009), há um questionamento: qual o objetivo destas elucubrações? Tentaremos responder esta questão, e para isto traremos novamente uma contribuição de Nelly Novaes Coelho:

O que hoje define a contemporaneidade de uma literatura é sua intenção de estimular a consciência crítica do leitor; levá-lo a desenvolver sua própria expressividade verbal ou sua criatividade latente; dinamizar sua capacidade de observação e reflexão em face do mundo que o rodeia; e torná-lo consciente da complexa realidade em transformação que é a sociedade, em que ele deve atuar quando chegar a sua vez de participar ativamente do processo em curso. (COELHO, 2000, p. 151)

Além desta primeira contribuição, trazemos também uma afirmação de Maria da Glória Bordini em relação à poesia infantil:

[...] propriedade importante da poesia infantil: sua aparente falta de lógica e a consequente comicidade que o ilogismo produz com efeito de leitura. Rompendo ficcionalmente com os nexos com que a realidade é aprendida, o poema infantil permite aquele desafogo das tensões inconscientes de que fala Freud a propósito do riso; ao mesmo tempo, traz ao leitor mirim a segurança interior de que seu próprio modo de lidar com o mundo, através do que se chama pensamento mágico e egocêntrico, é possível, mas deve ser vencido pela inserção gradativa no modo adulto do pensamento lógico e reflexivo.

[...]

Cabe indagar, porém, se a insistência histórica do poema infantil no ilogismo e na comicidade não traz em si uma forte dose de traição à criança. Seria demais suspeitar que os produtores adultos lhe outorgam poemas ilógicos para mantê-la no estágio mágico e não lhe abrir as portas para as prerrogativas adultas da racionalidade? (BORDINI, 1986, p. 20).

Com estas afirmações e indagações, podemos perceber a importância atribuída à literatura infantil e seu papel na modernidade. A análise dos livros de Bartolomeu Campos de Queirós quer poder compreender qual o papel destas obras dentro do contexto da literatura infantil e juvenil atual. Serão livros que querem apresentar um contexto lógico e reflexivo, acreditando no potencial do leitor iniciante ou apenas mais dois livros que transbordam o mercado editorial e que, na ânsia de serem vendidos e adotados por escolas e pedagogos, esqueceram seu papel literário, de objeto estético e artístico?

No livro *A imagem e a letra* (1999), Tânia Pellegrini, após diversas pesquisas, afirma que o mercado editorial brasileiro é constitutivo da produção literária, o que acarreta a profissionalização do escritor e consequentemente, a necessidade constante de publicação. O livro torna-se um produto como outro qualquer e possui a necessidade de ser consumido nas mãos do leitor. Sendo assim, a especialização do mercado divide seu público também em faixas etárias e produz produtos para eles. Além do mercado, os próprios escritores, em algumas situações, acabam rendendo-se ao jogo mercantil, justamente devido a sua profissionalização.

Outro fator apontado por Tânia Pellegrini seria a excessiva atenção à produtividade e à demanda, o que poderia prejudicar os processos artísticos de amadurecimento da obra, pois

estes não seguem a mesma velocidade do mercado editorial. Para a estudiosa, “[...] é muito difícil, dentro das facilidades que o mercado oferece e da pressa que impõe, manter uma constante reflexão sobre a própria obra. Daí os riscos dos descuidos, das mesmices, chulices e obviedades que vêm permeando a literatura contemporânea. (PELLEGRINI, 1999, p. 172).

Ao abordarmos a situação do mercado editorial brasileiro, não estamos afirmando que Queirós se encaixa neste quadro, estamos apenas elucidando possibilidades. No capítulo três, apontando as características literárias esperadas de um bom texto infantil e fazendo um paralelo com as análises realizadas neste capítulo, tentaremos encaminhar as discussões para responder a mais estas indagações.

CAPÍTULO 3

FOI ASSIM... (2008) E ABC... ATÉ Z (2009), UMA ANÁLISE

3.1 – A LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA

A literatura infantil e juvenil brasileira, assim como os livros destinados à infância e à juventude, na maioria dos países, nasceu atrelada a um ideal: ensinar. Daí a dificuldade imensa que muitos escritores possuem de separar duas questões: literatura e educação. Nos últimos anos, muito se tem feito para superar essa dualidade a qual muitos livros são acorrentados e o número significativo de publicações com alta qualidade estética e literária apontado por especialistas neste segmento nos comprova isto. Neste capítulo, faremos alguns apontamentos a respeito desta problemática, com o objetivo apenas de nortear as discussões e análises presentes no conjunto da dissertação.

Apesar do avanço na qualidade estética e literária das publicações, o estatuto da literatura infantil e juvenil ainda sofre constantes bifurcações: escrever para ensinar ou apenas escrever para crianças e jovens? Qual a diferença? Quais questões estão imbricadas neste ato, consideradas por alguns tarefa simples e de menor importância? Para Maria Zaira Turchi (2002), o problema poderia ser observado pelo viés da literatura infantil e juvenil enquanto arte:

Considerar o livro infantil e juvenil um objeto estético é reconhecer-lhe a condição de literatura e não de livro paradidático e, entendendo-o como arte, avaliar sua capacidade de constituir um espaço textual plurissignificativo do homem diante do mundo. (TURCHI, 2002, p. 23).

Pensando, então, o livro destinado à criança e ao adolescente como objeto estético – como arte e literatura – não podemos nos esquecer das palavras de Antonio Candido (1989) ao definir o que é a literatura:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. (CANDIDO, 1989, p. 112)

Como podemos perceber pelas observações de Candido (1989), literatura é a criação com toque poético, independentemente da complexidade ou elaboração como é criada. Logo, a literatura infantil e juvenil alcança este estatuto também de literatura, desde que possua este toque poético, comum à arte. Este é o primeiro e principal aspecto a ser considerado, em qualquer obra publicada. Porém, ao nos remetermos especificamente a esta produção literária

infantil e juvenil, alguns outros pontos precisam ser analisados quando objetivamos detectar a qualidade destas. Para pensarmos nestes outros aspectos, citamos Eliana Yunes (2002):

No fundo, como em qualquer obra, ela precisa refletir a articulação de muitos elementos e pautar-se por um outro critério: o do respeito à inteligência e à sensibilidade que as crianças têm. Em todo caso, a obra deve poder ser considerada em diferentes níveis e convidar o leitor à releitura. Uma boa história satisfaz as necessidades mais insuspeitas de quase todo leitor, sem diferenças de idade. Pode não dizer se o mundo real é bom ou mau, porque nele coabitam a imaginação e o cotidiano, mas a obra oferece um distanciamento político e poético para contemplá-lo. Ela é um instrumento de libertação pela linguagem [...] (YUNES, 2002, p. 20).

Candido (1989) e Yunes (2002) nos auxiliam a compreender os aspectos pertinentes à literatura de uma maneira geral, e então, repensarmos as características que deverão estar presentes nas obras literárias infantis e juvenis.

Os aspectos apontados por estes críticos – Candido e Yunes - nos auxiliaram na análise do plano verbal. No entanto, considerando a especificidade da obra infantil que frequentemente apresenta também um trabalho pictórico, realizamos a análise também do plano visual, ou seja, uma leitura da relação que o texto verbal estabelece com o texto imagético, considerando que ambos possuem função comunicativa.

Maria Nikolajeva e Carole Scott, em *Livro ilustrado: palavras e imagens* (2011), afirmam que as imagens não podem ser vistas apenas como decoração ou simplesmente ignoradas, principalmente em livros infantis. Segundo as autoras, “[...] os estudos literários em geral negligenciam o aspecto visual ou tratam as imagens como secundárias.” (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 17). Por concordarmos com estas estudiosas, acreditamos ser necessária esta dupla leitura dos livros e não nos restringiremos às suas características verbais.

Ciça Fittipaldi, em seu artigo “O que é uma imagem narrativa?”, pertencente ao livro *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil, com a palavra o ilustrador* (2008), apresenta ideias sobre a imagem no livro infantil. Para esta ilustradora, quando uma imagem ilustra um livro literário, não deve ter a pretensão de superá-lo, mas sim de tornar-se colaboradora de seu texto verbal, aderindo a ele e amplificando suas vozes, possibilitando maiores voos da imaginação do leitor e mais prazer na leitura e no uso do livro. (FITTIPALDI, 2008).

Ao abordar o tema da ilustração dos livros infantis, Nelly Novaes Coelho (2000) apresenta alguns dados originários da psicologia, ao referir-se às pesquisas desta área, e

afirma que “[...] a linguagem das imagens era um dos *mediadores* mais eficazes para estabelecer relações de prazer, da descoberta ou de conhecimentos entre a criança e o mundo das formas – seres e coisas – que a rodeiam e que ela mal começa a explorar.” (COELHO, 2000, p. 186).

O escritor e crítico Luis Camargo, em seu artigo *A criança e as artes plásticas* (1990), faz a seguinte afirmação: “[...] o livro é uma forma de expressão artística – é um legítimo veículo do fazer artístico. Ilustração é arte. Pura e simplesmente. Menor é o modo de realizá-la, nunca o veículo.” (CAMARGO, 1990, p. 167). Se a ilustração também é uma arte, também possui características que merecem ser observadas e analisadas. Além disto, Camargo também nos diz que, no caso específico da ilustração – imagem que acompanha um texto – não podemos realizar uma leitura isolada desta, pois sozinha não tem função: “[...] é só em conjunto com o texto que passa a tê-la, estabelecendo uma *relação semântica* entre os dois códigos, o visual e o verbal.” (CAMARGO, 1998, p. 74)⁹.

Considerando os estudos de Rego (2002) referentes aos aspectos necessários para a análise de uma obra literária, as afirmações de Nikolajeva e Scott (2011), de Fittipaldi (2008), de Coelho (2000), além das contribuições de Camargo (1990, 1998) e conscientes dos empecilhos inerentes a este desafio, tentaremos, a partir de agora, analisar as obras *Foi assim...* (2008) e *ABC...até Z* (2009), observando aspectos relativos ao projeto estético, entendido aqui como “[...] as relações internas do texto: foco narrativo, personagens, tempo, espaço, relação histórica que pressupõe a chamada visão de mundo do autor.” (KHÉDE, 1986, p. 7). No plano imagético, o objetivo é explicitar a relação texto visual e texto verbal, como estas duas linguagens se interpõem ou se complementam nos livros em questão, apontando convergências e divergências entre um e outro.

3.2 – *FOI ASSIM...* (2008)

3.2.1 – Plano verbal

Foi assim... (2008), como já descrito no capítulo anterior, apresenta-nos uma personagem principal, Edu, em pleno processo de aprendizagem da leitura e da escrita. O menino, auxiliado por seus pais, vai pouco a pouco descobrindo as letras e formando palavras, num processo contínuo de desenvolvimento. Apesar disto, não podemos perceber uma

⁹ Grifos do autor.

fragmentação nesta personagem central, o herói da narrativa. Considerando a personagem literatura infantil e juvenil Khéde (1986) afirma:

O herói moderno traz em si a ambivalência de valores, agora relativizados. [...] Um personagem poderá se apresentar fragmentariamente porque representa a crise de identidade, a busca de um novo papel social ou o desconcerto diante de valores velhos e novos que lhe parecem igualmente válidos. (KHÉDE, 1986, p. 57).

Edu é um menino obediente aos pais e que está se alfabetizando. Não há traços de ambivalência em suas posturas e ideias. Além dele, as demais personagens da trama não apresentam traços de ambiguidade, já que a família é sempre presente, solícita, paciente e demonstra grande amor pelo filho. Apesar de Edu ser uma criança, o que caracteriza um processo de desenvolvimento, o garoto cresce sem passar por angústias ou dúvidas. Sua única inquietação refere-se ao seu processo de alfabetização. Considerando estas características do personagem, podemos afirmar que se trata de um personagem tipo, de acordo com a conceituação de Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes:

[...] podendo considerar-se uma subcategoria da *personagem*, o *tipo* pode ser entendido como personagem-síntese entre o individual e o coletivo, entre o concreto e o abstrato, tendo em vista o intuito de ilustrar de uma forma representativa certas dominantes (profissionais, psicológicas, culturais, econômicas etc.) [...]. (REIS; LOPES, 1988, p. 223).

Talvez não tenha sido a intenção de Queirós criar um personagem tipo, mas podemos perceber que Edu não passa por conflitos psicológicos ou dilemas, está sempre feliz e sem preocupações. O garoto representa o estereótipo da criança, como se sua única preocupação fosse o brincar. Apenas em alguns momentos, após discursos da mãe sobre o mundo, a divisão e multiplicação das coisas, dentre outros assuntos, Edu repensa no que lhe foi dito, sem que isso se torne realmente problemático e incômodo.

As inquietações apenas referentes ao seu processo de alfabetização e demais atitudes de Edu são descritas por um narrador heterodiegético, localizado além da história, mas que domina todos os acontecimentos. Este narrador dificilmente apresenta o ponto de vista da criança leitora. Suas narrações são de um menino ideal, educado e inteligente, que apenas deseja aprender a ler e a escrever. Todas as ações desta personagem estão relacionadas a estes objetivos. E o leitor desta obra consegue identificar-se com a personagem descrita por este narrador tão distante dos leitores? Ao analisar o narrador do livro *A Ilha Perdida*, de Maria José Dupré, Regina Zilberman (2003) faz algumas reflexões pertinentes ao narrador daquela

obra, mas que acreditamos também serem adequadas ao narrador deste livro de Bartolomeu Campos de Queirós:

[...] o discurso provém de um narrador impessoal e onisciente. Ele bloqueia não apenas a manifestação das personagens, que se comunicam pelo discurso indireto, como também a interpretação do leitor, pois todos os atos são explicados, não deixando margens a dúvida. (ZILBERMAN, 2003, p.109).

As descrições da obra *Foi assim...* (2008), realizadas no capítulo anterior, apontaram a presença deste narrador onisciente, que tudo sabe e tudo vê e que mediando as relações entre as personagens, não as autoriza ao discurso direto. Todas as ações são intermediadas por ele, que não permite uma interpretação própria ao leitor, pois suas interferências limitam a compreensão individual do destinatário.

No mesmo livro de Zilberman, *A literatura infantil na escola* (2003), há outras afirmações que, apesar de não se remeterem diretamente ao livro que analisamos, corrobora muitas de nossas ideias acerca deste. O trecho abaixo nos remete às informações já explicitadas neste capítulo, além de trazer outras que deverão ser analisadas:

[...] a obra literária pode reproduzir o mundo adulto: seja pela atuação de um narrador que bloqueia ou censura a ação de suas personagens infantis; seja pela veiculação de conceitos e padrões comportamentais que estejam em consonância com os valores sociais prediletos; seja pela utilização de uma norma linguística ainda não atingida por seu leitor, devido à falta de experiência mais complexa na manipulação da linguagem. (ZILBERMAN, 2003, p.23).

Considerando as palavras de Zilberman e as observações no livro que analisamos, podemos refletir melhor sobre o narrador de *Foi assim...* (2008). No livro, não localizamos censura às ações da personagem, justamente porque a personagem age de acordo com padrões adultos. É um menino educado, que não contesta, que não realiza nenhuma ação que possa caracterizar-se como um desvio da norma estabelecida. Suas ações não causam surpresa, pois são todas lineares, relativas ao desejo pela aprendizagem.

Outro aspecto apontado por Zilberman no fragmento acima é o que se refere à linguagem. A autora aponta a manipulação da linguagem como outro fator que interfere na identificação do leitor infantil e ou juvenil com a obra, já que o uso de padrões linguísticos ainda não alcançados pela criança ou jovem seria também um recurso para a divulgação do mundo adulto por meio da literatura. Ao nos remetermos à linguagem utilizada em *Foi assim...* (2008), podemos identificar justamente isto: linguagem culta do narrador e da personagem principal, menino por volta de seis ou sete anos de idade. Não há manipulação da

linguagem como matéria viva e passível de experimentação. É o que podemos exemplificar com uma das falas de Edu: “[...] – Não. Palavra apimentada deve ser palavrão – resmungou o menino.” (QUEIRÓS, 2008, p. 20).

O verbo resmungar, conjugado nesta situação de resposta, torna-se relevante se pensarmos em seu significado conforme o dicionário Aurélio. A palavra tem o sentido de “[...] pronunciar confusamente, por entre dentes e com mau humor: resmungar invectivas. Falar baixo, geralmente com rabugice; rezingar”¹⁰. Ato que Edu faz ao ser incitado para o uso de palavras de baixo calão e que não acontece nas dependências de sua casa.

O uso do narrador adulto e a opção por uma linguagem culta, além do domínio da normal adulta dentro do texto, tornam-no distante dos leitores aos quais se destina. Os interesses da personagem principal podem ser os interesses de alguns leitores no início de seus processos de alfabetização, a ânsia por querer aprender a ler e escrever rapidamente. No entanto, a maneira como os fatos se desenrolam impede que haja uma relação de verossimilhança texto-destinatário. O menino Edu, educado, que não fala palavrões e não desobedece aos pais é muito mais um modelo idealizado de criança do que propriamente uma criança real.

A utilização de uma personagem criança objetiva estabelecer justamente um vínculo narrador-destinatário. Porém, podemos perceber que a junção destes dois elementos não é satisfatória em *Foi assim...* (2008), já que o binômio possui um terceiro elemento que o descaracteriza: as relações com a pedagogia. O texto reforça as relações familiares, assume um papel normativo e indica comportamentos adequados e preferenciais. (ZILBERMAN, 2008).

Não podemos nos esquecer de que, além desta personagem infantil principal, Edu, o texto também apresenta personagens secundárias, mas que auxiliam na sua decifração. O menino Edu é amparado por seus pais nesta busca do conhecimento. A mãe, Marina, está sempre em casa e o pai, Mário, não se encontra em casa apenas nos momentos em que sai para trabalhar. Ambos, pai e mãe, são sempre muito atenciosos e carinhosos com Edu. Em nenhum momento apresentam-se agressivos ou cansados, estão constantemente dispostos a esclarecerem as dúvidas do filho e a ampará-lo. Temos aqui uma família idealizada, sem conflitos, composta pela figura feminina da mãe cuidadora do lar e a figura masculina do pai provedor. Esta proximidade permanente com a família é utilizada justamente para transmitir

¹⁰ <http://www.dicionarioaurelio.com/Resmungar.html>. Acesso em 19 jan. 2013

normas e pensamentos, podando a autonomia do garoto e demonstrando sua dependência em relação aos pais.

Outro aspecto importante no tocante aos pais de Edu é a maneira como o narrador se refere a eles. Durante a narrativa, ambos tiveram seus respectivos nomes apresentados: Marina e Mário. No entanto, o narrador refere-se a eles utilizando seus nomes apenas 18 vezes no caso da mãe e 11 vezes para o pai, sendo que em algumas dessas situações o nome é utilizado apenas para a escrita pelo menino. Na maioria das vezes, ao referir-se aos adultos pais de Edu, o narrador apenas utiliza os termos do parentesco – mãe, esposa, mulher e pai – justamente para tornar as personagens universais, demonstrando e valorizando a relação existente entre eles.

Retomando a questão da dependência de Edu aos pais, podemos inferi-la na caracterização dos espaços em que a narrativa se desenvolve. O menino Edu passa a maior parte do tempo em casa, com a mãe ou o pai. Até mesmo no quintal, a mãe está por perto, observando a criança com os amigos. E nos raros momentos em que está apenas com outras crianças, sem a presença de um adulto, a temática abordada continua sendo a mesma: a busca de Edu pelo aprendizado da leitura e da escrita. Com os amigos, Edu tenta socializar o que está aprendendo, mas as outras crianças parecem não o compreender. Fato que nos remete novamente a família: lugar de acolhimento e compreensão.

Edu e Marina deslocam-se da casa para o espaço externo, indo ao mercado para comprar alguns itens. Como na maioria das situações, a ida ao supermercado também possibilita aprendizagens, como podemos observar na transcrição do diálogo entre mãe e filho:

Na porta do mercado, a mãe parou. Apertando a mão do filho, ela disse:
 — Veja, Edu, quanta cor, quanta forma: azul, amarelo, preto, verde-claro, verde-escuro; redondo, oval, grande, pequeno, liso, áspero. E tudo tem um nome, cada coisa é uma palavra.
 O menino ficou em silêncio, com cuidado para entrar. E a mãe continuou:
 — Tudo que você vê, foi a terra que produziu. Veja como a terra é generosa e capaz de inventar. Cria cada coisa com um gosto, uma forma, uma cor. E nós damos os nomes. A terra não para de trabalhar nunca, alimenta todos os homens e as mulheres.
 — E por que tem fome no mundo? – retrucou o filho.
 — Porque não aprendemos a dividir – lamentou a professora. (QUEIRÓS, 2008, p. 50).

O diálogo, iniciado pela mãe, responde a questão que inicialmente Edu não havia levantado. Por fim, a mãe é transformada em professora, como podemos perceber ao final da

citação acima. Mudam-se os espaços, mas as situações de aprendizagens continuam ocorrendo.

Ao retornar do mercado, Edu vai para seu quarto. É nele as únicas referências a Edu estar sozinho. E são nestes momentos que o garoto sonha, pensa, questiona-se. No início da narrativa, ao se deitar, Edu sonha: “[...] sonhou saber escrever, mas não podia ler. E assim, crescia no menino a vontade de ler e escrever.” (QUEIRÓS, 2008, p. 18). No momento em que retorna das compras com a mãe, Edu está refletindo sobre o tema abordado pela mãe: “[...] pensava, se pergunta, sonhava.” (QUEIRÓS, 2008, p. 51). O sonho, possivelmente a presença da fantasia na narrativa, não é explicitado. Não sabemos o que o menino sonha ou o que pensa, além é claro, do sonho de saber ler e escrever. Mesmo sozinho, as ideias e pensamentos de Edu não estão expostos e libertos.

Apesar de não possuírem elementos fantasiosos, fora do real nesta obra, os sonhos de Edu podem ser associados à fantasia. Seria o espaço onde o garoto se liberta e age de acordo com seus desejos mais íntimos. Para Antonio Candido, “[...] ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença do indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade.” (CANDIDO, 2004, p. 174).

Seguindo esta linha de raciocínio de Candido, Edu tem o espaço do sonho para fabular. No entanto, este espaço não é utilizado, dentro da obra, como momentos de escape. Os sonhos do Edu são relacionados aos seus desejos reais e outros apenas mencionados. São exatamente estes sonhos não descritos que nos abrem a possibilidade de refletir sobre o que Edu sonhava, são estes sonhos não explorados que asseguram a presença da fantasia na narrativa, mesmo que em apenas alguns momentos.

Retornando a Edu, ao sair do quarto, dirige-se a outro espaço: a praça. Sai para encontrar seus amigos, sozinho. Na praça, Edu continua pensativo, reparando no ambiente ao seu redor. Observado por um de seus amigos e questionado, Edu responde que “está cheio de mundo”, pois “[...] o mundo é grande e não cabe em mim [...]” (QUEIRÓS, 2008, p. 18). O menino realiza aqui um questionamento interessante sobre o mundo e sobre ele mesmo. Possivelmente são estas ideias que Edu, sozinho em seu quarto, tentava responder. Estes questionamentos, retrocedendo um pouco na narrativa, advêm da conversa que o garoto travou com a mãe, no supermercado, mas que não são retomados no curso da narrativa.

Outro espaço que aparece ao final da narrativa é a escola. Agora, Edu está em um ambiente diferente, também na presença de um adulto: a professora. Mas Edu gosta de estar na escola devido ao seu desejo de aprender. Logo, em todos os espaços que a narrativa se

desenvolve, o menino Edu está na presença de um adulto e no único momento em que não está, relatado no parágrafo anterior, é incompreendido.

Destes fatos, podemos concluir que os espaços presentes na obra restringem a ação do menino que, sempre vigiado, age de acordo com as normas adultas: obediente, responsável e apaixonado pela escola, espaço muitas vezes cerceador da liberdade e individualidade das crianças. E mesmo nos momentos em que não está sob o olhar de um adulto, Edu comporta-se de maneira exemplar, indagando-se sobre leitura, escrita ou sobre o próprio mundo em que vive, explicitado somente pela perspectiva e pelo olhar da mãe.

O desenvolvimento da história é finalizado justamente quando Edu adentra o ambiente escolar. Não há espaços a serem preenchidos pelo leitor. Todas as respostas são explicitadas pelo narrador. O livro finaliza-se e não há um “grande final”, pois o desenvolvimento do enredo torna-se linear, sem apresentação de eventos que possam desestabilizar a história. O último parágrafo da narrativa é um pensamento do próprio narrador:

Não sei por onde Edu anda hoje. Depois de tantos anos, posso fantasiar sua felicidade entre outros amigos e novos tempos. Deve continuar estudando, lendo, trabalhando e sabendo contar além de 100.000.000... Mas guardo uma certeza: Edu sempre toma sopa de macarrão de letras – engolindo o mundo temperado e cheio de saudades. (QUEIRÓS, 2008, p. 60).

Com esta última frase, um leitor mais experiente levanta uma dúvida: o narrador é Edu? Um narrador que domina todos os acontecimentos, que conhecia Edu muito bem, mas que atualmente não sabe por onde ele anda. Por que não possui contato com Edu ou por que sua infância se perdeu em algum lugar do passado? Mas, considerando o modelo narrativo utilizado e a maneira como a história foi contada, será que estes detalhes sutis são percebidos pelas crianças, que chegam ao final da narrativa sem terem contato com aquilo que mais gostam na ficção: a fantasia.

Gustavo Bernardo, no artigo *A qualidade da invenção* (2005), aborda, como o próprio título já sugere, as características que qualificam a ficção. Para Bernardo:

[...] a ficção é boa, se e somente se, não tiver ‘tudo a ver’ com a realidade, mas se, ao contrário, souber nos apresentar a suposta realidade sob nova perspectiva, sob nova face.
[...] os melhores livros são aqueles que, deixando um forte gosto de ‘quero mais’, parecem-nos incompletos. Na verdade, cabe-nos completá-los. (BERNARDO, 2005, p. 17).

Em *Foi assim...* (2008), a realidade é constante e a ordem não é subvertida em momento algum. Tudo se passa no plano do real, sem fantasias ou novas perspectivas da realidade. Nova dúvida: a fantasia não se faz presente por estar narrando uma memória ou a presença desta não condiz com o objetivo da obra? Infelizmente, não possuímos respostas a estas perguntas levantadas.

Continuando a observar os critérios de qualidade apontados por Bernardo (2005), trazemos agora uma citação deste escritor acerca da catarse:

O processo de catarse é, na verdade, o processo de reconhecimento de si mesmo como alguém que há pouco não se era, isto é, um processo de produção dinâmica, permanente, infinita, de si mesmo. O leitor não se identifica propriamente com o personagem, mas sim o personagem é que se oferece ao leitor uma identidade. (BERNARDO, 2005, p. 20).

Tendo em vista esta obra de Bartolomeu Campos de Queirós, descrevendo um menino que faz parte de uma família nuclear perfeita - de acordo com os padrões burgueses, além de este menino não realizar nenhuma peripécia, nenhuma ação divergente dos modelos adultos de criança perfeita e educada, será que ela consegue fazer o leitor entrar num processo de catarse? Sabemos que são apenas mais questões das quais não obteremos respostas, porém, são questões pertinentes à análise qualitativa da obra em questão.

A fim de reiterar o que acabamos de mencionar, recorreremos ao ponto de vista de Ricardo Azevedo sobre os livros de literatura infantil e juvenil, pois para o reconhecido ficcionista, “[...] eles possibilitam que o leitor entre em contato com o potencial rico e expressivo de imagens subjetivas, metafóricas e ambíguas.” (AZEVEDO, 2005, p. 44). Estas possibilidades não parecem condizentes com o projeto estético da obra *Foi assim...* (2008), que ao direcionar a narrativa, peca na qualidade literária. Será que temos aqui, usando uma expressão da escritora Ana Claudia Ramos, “uma história pedagógica disfarçada de literatura”?

Com esta questão em mente, refletiremos agora sobre a ilustração deste livro, realizada por Sandra Bianchi. Para esta reflexão, consideramos também a afirmação de Luís Camargo de que: “[...] a literatura infantil que circula no suporte material livro é constituída, em sua maior parte, por textos híbridos, verbais e visuais, em que dialogam texto e ilustração.” (CAMARGO, 2012, p. 204). Analisando então as imagens de *Foi assim...* (2008), observaremos como se dá esta relação texto verbal e visual na obra de Queirós.

3.2.2 – Plano imagético

Como mencionamos acima, *Foi assim...* (2008) possui ilustrações de Sandra Bianchi, profissional graduada em Desenho e Gravura pela Escola de Belas Artes e com pós-graduação em Arte Educação, conforme informações localizadas na quarta capa do livro.

As ilustrações de *Foi assim...* (2008) iniciam-se já na capa (anexo 1). De acordo com Nikolajeva e Scott (2011), “[...] as capas de livros ilustrados sinalizam o tema, o tom e o caráter da narrativa, além de sugerir um destinatário.” (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011, p. 70). A ilustração apresenta Edu observando uma tigela de sopa, com um leve sorriso nos lábios. Usa camiseta listrada de azul, vermelho e branco e é possível notar seus suspensórios na cor marrom. O menino possui pele branca e cabelos loiros. Nikolajeva e Scott (2011) acreditam que a escolha dos ilustradores por loiros e brancos acontece devido ao estereótipo associado ao padrão nórdico de beleza.

O livro, além da capa ilustrada, possui outras dez páginas com imagens. Estas são representativas da realidade, com traços que em muito se parecem com fotografias. Nelas, encontramos sempre Edu – sozinho ou acompanhado pelos amigos e ou pais –, descrevendo as cenas narradas na história.

Peter Hunt, em seu livro *Crítica, teoria e literatura infantil* (2011), ao tratar da ilustração no livro infantil, afirma “[...] os livros-ilustrados também podem fixar as palavras numa interpretação restritiva, prosaica.” (HUNT, 2011, p. 236). Ou seja, as ilustrações podem ampliar o leque de interpretações ou restringi-las ao trazer imagens que, ilustrando a história tal como é narrada, acabam podando a imaginação do leitor. Peter Hunt ainda recorre a Jane Doonan, conforme reproduzimos abaixo:

Quer a ilustração corresponda ao texto ou se desvie dele, o leitor-espectador será capaz de produzir mais sentidos se não presumir que as ilustrações meramente reforçam o tema das palavras e permitir que as imagens falem por si próprias. Perdemos muito em qualquer obra de arte se apenas procuramos por aquilo que esperamos encontrar, em lugar de nos abirmos para o que ela tem a oferecer. (DOONAN in HUNT, 2011, p. 250-251).

Hunt (2011) citando ainda Jane Doonan aponta também o papel das ilustrações na leitura da obra. As imagens podem ampliar a leitura ou apenas reforçar o que o texto escrito já diz. Neste caso, o leitor perde a possibilidade da construção de vários sentidos. Considerando o realismo e a representação estritamente relacionados ao texto escrito de *Foi assim...* (2008), o seu projeto gráfico é restritivo, pois não abre possibilidades de interpretações variadas.

Para exemplificarmos o que acabamos de afirmar, utilizaremos a primeira imagem de dentro do livro (anexo 2). No primeiro parágrafo, o narrador recorda-se de sua infância e afirma que conheceu Edu e que este se sentava ao seu lado na escola. A imagem na página ao lado, é justamente de dois meninos vestindo camisetas brancas, sentados em carteiras antigas de madeira, daquelas com um orifício onde era colocada a tinta para caneta. Edu escreve com o lápis em uma folha branca, enquanto o menino ao lado, com os braços cruzados sobre a mesa, observa-o. Se relacionarmos a imagem descrita com a interrogação que levantamos anteriormente sobre o narrador ser o próprio Edu, perceberemos que esta imagem elimina qualquer pensamento do leitor em considerar esta possibilidade. A afirmação do narrador vem acompanhada por uma ilustração exata do que foi dito.

Outra ilustração que representa fielmente o texto verbal está localizada na página 53 e refere-se a um trecho transcrito anteriormente, quando abordamos os espaços frequentados por Edu (anexo 3). Quando está sozinho em seu quarto, Edu torna-se pensativo devido ao diálogo tido com a mãe na porta do supermercado. A ilustração possui um fundo branco, representando a parede do quarto. Nela há uma imagem oval, na cor prata, de um anjo envolvendo um ser menor, aparentemente um menino. Abaixo, temos uma cama de solteiro, coberta com uma colcha verde. Edu está sentado ao lado, no chão de tabuas marrom, trajando um macacão azul escuro e sapatos marrons, mas em tons mais escuros que o chão. O menino tem os braços semi cruzados, apoiados no joelho e um olhar sem rumo certo, demonstrando estar em um momento pensativo. A ilustração vaza para a página anterior (página 52), mas apenas o chão, onde Edu está sentado. Nesta página, há um pião abandonado com sua corda próxima, mas o brinquedo não chama a atenção do garoto, demonstrando que este está tão absorto em seus pensamentos que perdeu inclusive o interesse pelos brinquedos.

Além da personagem Edu, sua mãe é representada nas páginas 33 e 37 (anexos 4 e 5, respectivamente). Na página 33, Marina está ao fundo da imagem, com uma saia estampada em vermelho e uma blusa marrom escura. Mexe nas folhagens e observa as crianças que estão brincando com Edu, no primeiro plano da ilustração. Na página 37, Marina abraça Edu com uma das mãos e com a outra auxilia o menino a brincar com letras móveis. A mãe usa um vestido azul claro, com algumas estampas e detalhes brancos na gola. Possui cabelos curtos e castanhos. Edu está com um macacão escuro e camiseta branca.

A única personagem que não apareceu caracterizada foi o pai, Mário, talvez justamente para demonstrar a ausência constante da figura paterna, que como provedor do lar, necessita ocupar outros espaços para trabalhar.

Nas páginas finais – 60 e 61 – juntamente com o trecho final do narrador, há algumas imagens interessantes. Na página 60, Edu está próximo a uma mulher loira, de óculos o que nos sugere ser sua professora, considerando que a mãe já foi caracterizada. Abaixo, na mesma página, Edu está em pé, com outras roupas e da sua direção saem as vogais A, E, I, O, U que rumam para a tigela de sopa ao lado. Por fim, na página 62, temos um homem com cabelos castanhos grisalhos, sentado e lendo o livro *O olho de vidro de meu avô*, também de Bartolomeu Campos de Queirós, ilustração que nos remete ao menino sentado ao lado de Edu no início do livro, devido à cor do cabelo (anexo 6).

Como podemos perceber pelas descrições das ilustrações, há uma tentativa de representar exatamente a história narrada. Camargo (1998) aponta que na existência da literalização de um texto verbal para um texto visual, ou seja, quando o escrito é ilustrado “ao pé da letra”, corre-se o risco de contradição, pois a literalização retira o sentido de uma metáfora, por exemplo. Isto fica exemplificado se pensarmos que no texto verbal há relativa incerteza sobre quem narra a história ser ou não o próprio Edu. Esta questão cai por terra quando encontramos a representação de meninos diferentes para os trechos ambíguos, ou seja, a ilustração encerra a possibilidade de a criança divagar sobre este tema.

Além disto, as ilustrações não criam novas possibilidades ao texto verbal, mas ocorre o contrário. Quando não o limita, como exemplificamos acima, acaba apenas sendo redundante, ilustrando exatamente as palavras do narrador. Não encontramos imagens que não estejam representando exatamente situações do enredo, fato que empobrece a obra.

Considerando ainda as imagens acima descritas, podemos relacioná-las também a uma afirmação sobre ilustração de Marcelo Ribeiro (2008). Este nos diz que “[...] o ilustrador deve, na verdade, seguir uma orientação interna do texto como coerência da linguagem, ou seja, sua poesia, sua intensidade, e não sua relação direta com a palavra ou a frase.” (RIBEIRO, 2008, p. 136). Percebemos, pelas imagens do livro em questão, que as ilustrações não complementam o texto, não dialogam com ele. São representações exatas de suas palavras.

3.2.3 – Algumas considerações sobre *Foi assim...* (2008)

Tendo em vista as características textuais e imagéticas desta obra, indagamo-nos sobre qual a razão de um escritor, tão comprometido com as questões relacionadas à leitura e à sua qualidade, publicar um livro menor, comparado a tantos outros com altíssimo teor literário e projeto estético. Aqui talvez seja interessante nos remetermos a um fato comum e recorrente

no meio literário: a questão mercadológica. Em alguns momentos, o privilegiar livros que vendam e que por oferecer uma “utilidade” para pais e professores, alcançarão maiores lucros, acaba seduzindo editoras e conseqüentemente seus escritores.

Ana Maria Machado, em *Contracorrente: conversas sobre leitura e política* (1999), traz uma reflexão pertinente ao que discutimos aqui:

[...] quando começa a escrever tendo em mente o alvo de um grande número de leitores abstratos, o autor está perdido. Ser lido pelo maior número possível passa a ser mais importante do que expressar aquilo que está pressionando, de dentro. E a independência criativa vai para o espaço. (MACHADO, 1999, p. 40).

Não podemos afirmar que foi realmente isto que aconteceu com Queirós ao publicar *Foi assim...* (2008). No entanto, o livro destoa dos demais livros pertencentes ao conjunto de sua obra, sempre preocupada com a qualidade estética da literatura infantil e juvenil. Mas, como bem nos lembra a própria Ana Maria Machado (2001), a verdadeira literatura infantil é “[...] aquela que não fica querendo ensinar nada nem dar aulinha, mas faz questão de ser uma exploração da linguagem, matéria-prima de toda obra literária de qualidade.” (MACHADO, 2001, p. 199).

No primeiro capítulo desta dissertação, ao abordarmos as características das narrativas de Queirós, apontamos a presença constante dos elementos poéticos mesmo nestes textos. No livro *Foi assim...* também encontramos alguns indícios de prosa poética, mas em menor escala se compararmos com outros livros do mesmo gênero publicados. É o que podemos perceber no diálogo abaixo:

_ E as palavras não choram quando você mastiga? – gozou Pedro.
 _ Não. Ficam felizes por passar a morar dentro da gente – falou Edu.
 (QUEIRÓS, 2008, p. 20).
 _ Mãe, descobri o que é consoante. É uma letra que não gosta de morar sozinha – gritou bem alto. – Eu sou uma consoante. Não gosto de ficar só. (QUEIRÓS, 2008, p. 24).

Além destes exemplos, podemos encontrar outros no livro. Mesmo esta obra destoando das tantas outras publicações do autor, é possível encontrar traços de seu estilo, de sua prosa poética. Sendo assim, retornamos a questão: qual a razão da publicação de *Foi assim...* (2008)?

Sabemos que para as diversas questões levantadas neste tópico não encontraremos respostas definitivas. Porém, são justamente as perguntas que nos movem à procura de um

caminho e uma explicação, que se não concreta, ao menos plausível. Por isso, retomaremos as questões nas próximas páginas, numa tentativa de elucidação.

3.3 – *ABC... até Z!* (2009)

3.3.1 – Plano verbal

ABC...até Z, como já informamos anteriormente, é um livro de poemas publicado no formato de Dicionário LAROUSSE, mas júnior, ou seja, destinado ao público infantil. Suas ilustrações são de Júlia Bianchi.

Trata-se de uma coletânea de poemas sobre os mais diversos temas, bastante musicais e engraçados, características da poesia de Queirós. A cada letra do alfabeto é dedicado um poema, como já explicitamos, e seguindo sua linearidade. Com esta formatação, a nossa questão é: será que, ao alterar a forma de publicação de seus poemas, transformando-os em um dicionário LAROUSSE, Bartolomeu Campos de Queirós didatiza esta produção literária? Ao fazer isto, o autor estaria descaracterizando sua literatura e a fazendo perder um pouco de sua essência, de seu sentido?

Observemos os poemas abaixo transcritos, sem nos esquecermos dos que foram transcritos no capítulo anterior:

O elefante Eliseu
esquecido e esquisito
escreveria a estória
da ema enamorada.

A ema elegante
encostada na estrada
– emocionada –
encontrou e encantou Emanuel,
esquisito espião espanhol.

A estória da ema encantada
E Emanuel enrolado,
embolou.
O elefante esqueceu
a esferográfica na escola. (QUEIRÓS, 2009, p. 16)

Uai!
– Urubu urbano de urucubaca?
– Urso ululante uivando?
– Urutu urrando e usando as unhas?
Ufa! Um ultimato ultraterrestre! (QUEIRÓS, 2009, p. 48)

Podemos perceber por estes e pelos demais poemas citados que a brincadeira musical e a criação de situações inusitadas e impossíveis geram uma poesia destinada ao público infantil que não se descaracteriza dos demais poemas de nosso autor. O que Queirós faz nestes poemas é o que fez em outros, como em *As patas da vaca* (1985) e *História em três atos* (1986). Usando as palavras de Leo Cunha (2005), podemos perceber que “[...] o autor investe na graça que surge da sonoridade melodiosa, ou inusitada, das palavras, muitas vezes até em detrimento do sentido, ou seja, daquilo que é inteligível.” (CUNHA, 2005, p. 83).

E o que é ininteligível não é próprio para a criança? E quando falamos de poesia para criança, o que melhor as contemplaria? Alfredo Bosi (2000), citando Vico, nos diz que “[...] o trabalho mais sublime da poesia é dar senso e paixão às coisas sem sentido, e é próprio das crianças tomar coisas inanimadas entre as mãos e, brincando, falar-lhes como se fossem pessoas vivas.” (VICO apud BOSI, 2000, p. 240). Se considerarmos estas habilidades das crianças e a função da poesia, podemos concluir que a poesia infantil, ao propor um jogo de palavras ininteligível, oferece ao leitor infantil a possibilidade de atribuir o sentido que desejarem, mais uma brincadeira, mas agora com a linguagem poética.

Justamente pelas características de sua poesia - lirismo, sensibilidade e humor - muitos críticos literários abordam a produção poética de Bartolomeu, e normalmente tecem elogio a qualidade estética de suas obras, como o já mencionado escritor Leo Cunha, que ao comparar três poetas nacionais de literatura infantil e juvenil faz a seguinte afirmação:

Cecília, Roseana e Bartolomeu (assim como outros que seguem linhas semelhantes) apresentam, sem dúvida, várias diferenças entre si, mas neste momento me interessa sublinhar algumas semelhanças: lirismo, delicadeza, expressividade, frequentemente um olhar reflexivo e filosófico sobre o ser humano, a natureza e as coisas do mundo. Tais qualidades de sua poesia saltam aos olhos do leitor. Por isso, sem nenhuma pretensão de rigor teórico, poderíamos chamar estes autores de ‘poetas poéticos’ [...] (CUNHA, 2005, p.79).

Pelas observações acima, é possível ter certa dimensão da competência literária de Queirós quando o assunto é poesia infantil, ou seja, produção permeada de ludismo e humor poético. A poesia de Bartolomeu Campos de Queirós possui os elementos que Ana Maria Lisboa de Mello (1995) considera importante para que o leitor infantil seja atingido: jogos de palavras que exploram a sonoridade da língua. E este efeito é conseguido pela utilização das diversas figuras fônicas, como aliterações, assonâncias e a repetição de palavras e ou fonemas.

Os poemas de Queirós neste livro atendem as características da poesia infantil também defendidas por Alice Áurea Penteadó Martha no artigo *Pequena prosa sobre versos* (2012).

Para Martha, um aspecto relevante da poesia infantil é o fato de jogar com as palavras, criando uma ordem harmoniosa nos versos, permeando-a de mistério de tal maneira que cada imagem torna-se a solução de um enigma. Além disso, a poesia para crianças deve ser uma brincadeira com diversos recursos formais imprescindíveis: “[...] onomatopeias, rimas, repetições, paralelismos, contrassensos, jogos sonoros entre outros mais [...]” (MARTHA, 2012, p. 47).

Segundo Ricardo Azevedo (2005), diante da poesia é necessário abandonar o campo da linguagem utilitária e passar a vê-la como matéria viva, passível de invenção e grande experimentação. Acreditamos que não há utilitarismo nestes versos de Queirós, mas como já apontamos anteriormente, e também podemos perceber que este faz exatamente o que Azevedo aponta como necessário a criação poética ao transformar seu texto em uma linguagem viva.

Vânia Maria Resende (1988), ao abordar as narrativas poéticas do escritor, escreve sobre o jogo entre ludicidade e fantasia criado por Queirós. Além disso, “[...] distanciando-se de uma tradução lógica e da transparência de uma discursividade conceitual, a sua linguagem, ora cria uma ambiência, que não se capta com a razão, ora guarda críticas implícitas e mascaradas pela fantasia.” (RESENDE, 1988, p. 74). Resende, com as afirmações acima, explicita a extrema competência que Bartolomeu Campos de Queirós deixa derramar sobre seus textos poéticos.

Apesar de tantos aspectos positivos apontados e localizados nos poemas de Queirós não podemos ignorar o fato de muitas das palavras incluídas neste livro serem difíceis para as crianças, o que compromete o ato interpretativo deste leitor, precisando frequentemente da orientação de um leitor mais experiente.

Com as elucubrações acima, com um texto poético de qualidade na obra *ABC...até Z* (2009) – apesar da seleção das palavras não ser de fácil compreensão para os pequenos leitores –, não podemos nos esquecer que deve haver um casamento, um entrelaçamento do texto poético com o texto imagético. A combinação de ambos enriquece ou empobrece a obra. Qual o papel desempenhado pelas ilustrações, especificamente nesta obra de Queirós? A partir de agora, tentaremos responder a esta questão.

3.3.2 - Plano imagético

As ilustrações deste livro são de Júlia Bianchi, profissional graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal de Minas Gerais e ex professora de desenho. Esta informação sobre a ilustradora nos auxilia a entender a escolha das imagens presentes neste livro de Queirós:

[...] acredita que o desenho é a ferramenta que lhe possibilita criar imagens e universos e a faz despertar para o mundo à sua volta. Para este livro, ela produziu um inventário de coisas das quais gosta muito. Objetos pessoais, animais de estimação e outras coisas participam deste conjunto de suas referências afetivas. (QUEIRÓS, 2009, p. 60).

As ilustrações de *ABC...até Z* (2009) iniciam-se também na capa (anexo 7). O título do livro está centralizado na página, com uma moldura florida. Nas folhagens há um pássaro à direita e outra à esquerda, além de uma joaninha na parte inferior. O fundo é na cor chumbo, o que ressalta as cores das imagens. Ao redor da moldura, há ilustrações quase imperceptíveis, pois realizadas na mesma cor chumbo do fundo. Por estas imagens da capa, podemos ter uma leve ideia da abordagem que teremos nos poemas: jacarés, besouros, nós de corda, lápis, pincel e caracóis. Apesar dos desenhos representarem apenas seres do mundo real, o *non sense* fica representado também pela presença da joaninha, pois seu tamanho, considerando as ilustrações em escala, é significativamente maior que o dos pássaros.

As ilustrações no interior do livro são realizadas em folhas duplas, mas possuem um espaço limitado na página da esquerda, enquanto na página à direita temos somente ilustrações. Cada página esquerda começa com uma letra capitular. A cada letra, um poema e para cada poema uma imagem com 20 cm de comprimento e apenas 4,5 cm de largura, ou seja, uma pequena vinheta com formato retangular destinado a conter a ilustração. Na página ao lado, há imagens de animais e ou objetos que começam com a letra em questão. Exemplo: para o poema com a letra B, temos a ilustração na mesma página, que se refere ao poema e que tem medidas extremamente reduzidas e na página ao lado encontramos a imagem de um balão, uma bota e um babuíno. Além da imagem, o desenho vem nomeado, com letra cursiva. Os fundos das páginas possuem cores e a numeração ao canto, esquerdo e direito, respectivamente. As ilustrações não possuem margens, o que caracteriza um convite ao leitor para que adentre na imagem (NIKOLAJEVA; SCOTT, 2011).

A maior parte das vinhetas possuem ilustrações de animais. Das 26 letras, apenas oito são de imagens que não contêm nenhum animal. Estes animais apresentam características de antropomorfização. Na letra C, por exemplo, temos uma cobra enroscada na letra capitular,

com o restante do corpo em cima de uma cama. Na letra E, um elefante segura um lápis com a tromba e escreve a letra capitular. Na imagem da letra F (anexo 8), uma foca olha-se ao espelho. Em outras imagens, os animais realizam ações que nos dão a impressão de estarem pensando, como uma vaca olhando para um vaso de flor, como se o admirasse e também um urso olhando atentamente para o voo de um urubu, que nos remete a pensar sobre algum desejo do urso em voar. Para acompanhar estas imagens, desenhos representativos. Na página ao lado da letra F, encontramos a ilustração de uma formiga, foto, faraó e um faisão (anexo 9).

Esta personificação dos animais é comum em obras infantis, pois é um “[...] recurso que visa provocar a empatia da criança, sinalizando, nos *textos visuais* em que ocorre, que o *leitor-alvo* (ou *leitor implícito*¹¹) é a criança”. (CAMARGO, 1998, p. 121).

A presença dos animais no plano visual ocorre devido à presença destes no plano verbal. No entanto, a ilustração dos poemas contempla apenas alguns elementos deste, talvez devido ao espaço reduzido que a ilustradora possui. Este fato torna-se um elemento positivo no conjunto das ilustrações, pois intencionalmente ou não, a literalização dos poemas nas imagens não acontece. As ilustrações não ampliam os sentidos dos versos, mas também não os restringe.

Walter Benjamin, em seu artigo *Livros infantis antigos e esquecidos* (1994), ao abordar a questão dos livros para crianças, aborda também a ilustração do livro infantil. De acordo com o ensaísta,

“[...] Nas imagens dos livros infantis, contudo, o objeto e a autonomia do material gráfico não permitem pensar numa síntese da cor e do plano. Livre de qualquer responsabilidade, a fantasia pura se entrega a esses jogos cromáticos. Pois os livros infantis não servem para introduzir imediatamente os seus leitores no mundo dos objetos, animais e homens -, na chamada vida. Só gradualmente o seu sentido exterior vai se definindo, e apenas na medida em que os dotarmos de uma interioridade adequada. (BENJAMIN, 1994, p. 240-241).

Considerando as afirmações de Benjamin e as ilustrações de *ABC... até Z* (2009), podemos perceber que este livro não permite a autonomia da criança para pensar na imagem, pois ele faz exatamente o que Benjamin diz que não deveria fazer: introduz objetos e animais, de uma maneira isolada, sem sentido exterior. As ilustrações de Julia Bianchi, ou são tão exatas que não dão margem a imaginação dos leitores ou ocupam um espaço reduzido no livro, que por ser destinado ao público infantil, peca neste quesito.

¹¹ Grifos do autor.

Analisando as cores de fundo das páginas, podemos perceber que não há espaços em branco, do começo ao fim dos poemas, ou seja, da letra A até a letra Z. Não há área de descanso para os olhos das crianças, que se cansam não pela intensidade das cores, pois a ilustradora utiliza-se de tom pastel, mas pela constância de cor em todas as páginas. Também não há vazios intencionais. De acordo com Ferreira (2012), estes vazios intencionais geram uma comunicação por meio da expectativa e da tensão. Além disto, “[...] o prazer da leitura de um livro ilustrado para crianças advém justamente da possibilidade de revisão de hipóteses e de vivência da fantasia e do ludismo, enfim da ampliação do imaginário”. (FERREIRA, 2012, p. 157).

Retornando as ilustrações feitas nas vinhetas, ao canto de cada folha esquerda, podemos perceber que os desenhos não se remetem exatamente ao conteúdo do poema, o que caracterizaria um critério de qualidade ao deixar em aberto para o leitor a interpretação da imagem. Porém, seu tamanho reduzido dificulta, para a criança, a compreensão das ilustrações e a visualização justamente das características lúdicas e fantasiosas, pois as imagens das páginas direitas - que ocupam maiores espaços – representam objetos e animais literalmente, como representações reais.

Podemos interir que a publicação deste livro repete fórmulas já consagradas, pois “[...] preocupam-se sobretudo em recheiar o livro infantil de muita ilustração em tamanho grande e colorida – independentemente de sua qualidade e do tipo de relações que estabelece com o texto verbal – e pouco têm a acrescentar ao universo da literatura infantil.” (CECCANTINI; AGUIAR, 2012, p. 309).

As representações denotativas nas imagens não abrem espaço para uma interpretação do leitor. O sentido do texto verbal ou visual não precisa ser preenchido, pois as imagens não amplificam os seus significados, ao contrário, em muitos casos acabam restringindo-os. Ferreira (2012) afirma justamente isto, que “[...] a imagem que ilustra um texto literário não visa superá-lo, antes adere a ele com a intenção de colaborar na sua percepção e, ao mesmo tempo, amplificar suas vozes [...]”. (FERREIRA, 2012, p. 184). Considerando as características das ilustrações de *ABC...até Z* (2009), explicitadas acima, há uma amplificação dos sentidos em algumas das imagens, enquanto outras apenas os restringe.

3.3.3 – Algumas considerações sobre *ABC...até Z!* (2009)

Neste livro de Queirós, encontramos pontos positivos e negativos em relação a sua composição. Não podemos nos esquecer de que é de extrema importância o trabalho com o

texto verbal e visual em um mesmo suporte, já que “alfabetizar” o olhar da criança auxilia na formação de leitores críticos, pois “[...] ativa sua memória transtextual ao permitir-lhes compreender o texto verbal e não verbal em interação, além do seu suporte.” (FERREIRA, 2012, 158).

A leitura da imagem, assim como a leitura da palavra, acontece a partir do momento em que a criança aprende a decodificar símbolos, visuais ou verbais. No entanto, a compreensão destes garantirá, ao leitor, uma visão crítica do objeto em questão. Observar, deduzir e inferir são ações comuns a leitura, seja ela imagética ou textual. Mas, para que os leitores não se tornem meros decodificadores, é preciso ir além da palavra escrita e é a escola que deverá iniciar este aprendizado no leitor, desenvolvendo “[...] o interesse por outras linguagens, o que certamente contribuirá para que seus alunos se tornem leitores mais críticos e observadores não só de textos e imagens, mas de um conjunto de formas expressivas e do próprio mundo em que vivem.” (CASTANHA, 2008, p. 145).

No entanto, esta alfabetização do olhar acontece por meio de textos com qualidades literárias verbais e visuais, características não localizadas em todas as obras, como Ceccantini e Aguiar (2012) afirmam no seu já citado artigo.

Apesar de *ABC...até Z!* (2009) não ser um livro com excelentes ilustrações e com um trabalho excepcional no plano visual, não podemos desmerecer o trabalho verbal de Bartolomeu Campos de Queirós. Como já apontamos anteriormente, o livro possui características da poesia infantil moderna e de qualidade, liberta dos ideais pedagogizantes e que realizam um diálogo efetivo com o leitor-criança. Queirós utiliza a linguagem como matéria viva, inventiva e experimental.

Apesar das características didatizadas do livro, no formato de Dicionário Larrouse, Queirós não peca pela falta de qualidade literária de seus poemas que, mesmo com ilustrações menores, não perdem seu valor poético. As características de seus poemas são as elencadas por Marisa Lajolo e Regina Zilberman (1991) ao abordarem a poesia infantil moderna:

O ponto de encontro entre o poeta e a criança, na poesia infantil contemporânea, ocorre ou pela tematização do cotidiano infantil ou pela adoção, por parte do autor, de um ponto de vista que compartilha com seus pequenos leitores a anticonvencionalidade, quer da linguagem, quer do recorte da realidade [...]. (LAJOLO; ZILBERMAN, 1991, p. 148).

Queirós realiza um trabalho com a linguagem poética com características de *nonsense* e liberta dos ideais da pedagogia. Figuras de linguagens, ludismo e rimas engraçadas atraem

os leitores e os fazem envolver-se com a leitura, apesar de um trabalho visual que não contemple estas características presentes no plano verbal.

Nestes poemas, Queirós tem um fazer poético como preconiza o também escritor Léo Cunha:

[...] seja apostando no lirismo, seja apostando no lúdico, ou ainda mesclando os dois, talvez o mais importante seja insistir sempre que a poesia (assim como qualquer) arte não deve ser feita para ensinar bons modos, ecologia, patriotismo, data comemorativas, regras de trânsito ou de acentuação. Deve ser, antes de mais nada, um espaço para o prazer, a diversão, o encantamento com a palavra e a partir da palavra. (CUNHA, 2005, p. 89).

De maneira engraçada e criativa, encontramos nos poemas de *ABC até Z!*, justamente isto: diversão e encantamento com a palavra, características próprias de Bartolomeu Campos de Queirós, além de percebermos o uso de versos curtos, sem o rebuscamento da linguagem e ou inversões na ordem direta da oração, com expressões e construções próximas da linguagem oral e conseqüentemente próximas também de seu destinatário, características estas que atribuem qualidade literária aos versos destes poemas infantis.

Outra característica importante do texto verbal deste livro e que reiteramos acima, é o fato de não possuir objetivo pedagógico em seus versos. Eles são criados visando apenas o humor e os jogos com a linguagem, mas livre do didatismo e do caráter utilitário da linguagem, sem alienação a um objetivo formador e ou moralizante. A manipulação das palavras se dá de maneira a proporcionar ao leitor criança efeitos inesperados e até mesmo imprevisíveis, proporcionados pelo lúdico e pelo fantástico presente em cada estrofe.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, apresentei resultados de pesquisa documental e bibliográfica, sobre Bartolomeu Campos de Queirós, cujo objetivo maior foi o de contribuir para a produção de pesquisas literárias que envolvam a temática da literatura infantil, auxiliando na formação de uma bibliografia crítica sobre o tema em questão.

Para o desenvolvimento da pesquisa, realizei a análise de duas obras: *Foi assim...* (2008) e *ABC...até Z!* (2009), ressaltando aspectos relativos à configuração verbal e imagética de ambas, análise que auxiliou na compreensão dos aspectos constituintes da literatura infantil e juvenil, além de elucidar as características das obras de Queiros.

Escrever para criança e fazer literatura não é uma tarefa fácil. Apesar de muitos pensarem que escrever para este público é extremamente simples, sabemos que esta não é a verdade. O depoimento de diversos escritores e ilustradores da área, os estudos apresentados por críticos e especialistas do tema, assim como as discussões desenvolvidas nesta dissertação, nos dá uma pequena dimensão da grandiosidade deste trabalho, aparentemente sem complexidades.

Para que o autor consiga uma obra de literatura infantil e ou juvenil de qualidade estética e literária, é preciso se desvencilhar de um setor que permeou os livros para crianças e jovens por muitas décadas: a pedagogia. Escrever sem pensar previamente em um objetivo, sem pretensões de ser adotado como modelo a ser seguido é tarefa complexa, mas não impossível. O que comprova nossa premissa são as diversas obras que chegam ao público, em especial o brasileiro, e que conseguiram soltar as amarras com a pedagogia, apresentando um trabalho artístico apurado e de excelente qualidade.

Atualmente, podemos localizar no mercado editorial diversos livros que respeitam seus destinatários, levando a eles um mundo de contradições, fantasias, sensibilidade. Personagens com dilemas reais, poesias permeadas de ludicidade, textos ricos em elementos literários que não objetivam moralizar seus leitores, apenas proporcionar-lhes a garantia do direito de acesso a literatura.

Neste cenário, muitos autores conseguem se destacar, como é o caso de Bartolomeu Campos de Queirós. Este apresenta, na maioria de seus livros, uma elaboração da linguagem que envolve o leitor, independente da idade deste. Quando conhecemos a fundo suas obras, entramos em contato com um mundo permeado de fortes emoções, lirismo e encantamento. A fantasia e a memórias são outros elementos presentes. Conhecendo o universo literário de Bartô, como era carinhosamente chamado pelos amigos, não há como evitar o encantamento por este autor.

No entanto, a excelência deste escritor em muitos de seus livros, além da preocupação deste com a formação do leitor literário – abordada no Capítulo 4 desta dissertação - não impediu que encontrássemos dois livros que destoam do restante de sua produção: *Foi assim...* (2008) e *ABC...até Z!* (2009). Apesar destas obras apresentarem características comuns às demais produções do autor, a relação entre projeto verbal e visual não foi plenamente satisfatória no segundo e a manipulação de uma linguagem culta, a presença de personagens estereotipados e as ilustrações restritas ao texto no primeiro desqualificam os aspectos de prosa poética encontrados em alguns momentos, além dos outros pontos discutidos ao longo da dissertação.

Não sabemos com exatidão os motivos que levam um autor renomado, com excelência em seus trabalhos publicados, que apresenta um comprometimento com seus leitores infantil e juvenil, extremamente esclarecido quanto ao papel da literatura a publicar obras menores, considerando sua vasta produção artística. Suspeitamos, como apontamos no transcórre deste trabalho, que a questão mercadológica influencia em algum ponto a produção dos artistas, sejam eles altamente reconhecidos ou não.

A pressão de editores, a necessidade de publicar obras assinadas por escritores renomados e que caíam na graça de pais e professores, muitas vezes acaba sendo o motivo dos livros atrelados aos ideais da pedagogia chegarem às livrarias. Apesar do grande avanço nesta área, das constantes discussões sobre a leitura literária não ter missão definida, além dos momentos de fruição, lazer e fantasia, muitos educadores e pais ainda escolhem livros com objetivos morais e ou educacionais, o que movimenta este lado da literatura infantil e juvenil brasileira. O formato de Larousse do livro *ABC...até Z!* (2009) e o assunto abordado em *Foi assim...* (2008) podem nos exemplificar o que acabamos de discutir.

Considerando estas duas obras acima mencionadas e a imensa produção de Bartolomeu Campos de Queirós, não objetivamos desmerecer o trabalho que este escritor desenvolveu. Sempre preocupado com a leitura e com os leitores, ativo na formação de professores e arte-educador – como gostava de ser chamado - além de aclamado escritor, Queirós desempenhou importante papel para a literatura infantil e juvenil brasileira, sendo um dos responsáveis pela renovação desta arte no país, a partir do *boom* editorial da década de 70.

De acordo com a hipótese formulada inicialmente, a análise das obras permitiu concluir que o projeto estético de Queirós está permeado de preocupação estética e que grande parte de seus livros são reais trabalhos artísticos. Porém, assim como outros escritores espalhados pelo Brasil, em alguns momentos os laços com a pedagogia e com o mercado

editorial acabam não sendo realmente cortados, havendo uma estreita relação entre as ideias educacionais relacionadas ao ensino de leitura e escrita e a sua obra publicada.

Muitas foram as dificuldades encontradas no desenvolvimento desta pesquisa e na elaboração desta dissertação, devido ao fato de não ser possível localizar todas as obras do escritor. Apesar das dificuldades, porém, consideramos que os resultados da pesquisa aqui apresentados possam contribuir para subsidiar pesquisas correlatas relacionadas ao estudo de literatura infantil e juvenil no Brasil, especificamente no que se refere ao autor em questão.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de. A palavra na boca do tempo *in* CECCANTINI, João Luís e PEREIRA, Rony Farto. *Narrativas juvenis: outros modos de ler*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís. Uma volta, volta e meia, vamos dar *in* _____. *Poesia infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- ARROYO, Leonardo. *Literatura Infantil Brasileira: ensaio de preliminares para a sua historia e suas fontes*. São Paulo: Melhoramentos, 1988.
- AZEVEDO, Ricardo. Aspectos instigantes da literatura infantil e juvenil *in* OLIVEIRA, Ieda (org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil: com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005.
- BENJAMIN, Walter. Livros infantis antigos e esquecidos *in* _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERNARDO, Gustavo. A qualidade da invenção *in* OLIVEIRA, Ieda (org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil: com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. 6. ed., São Paulo, Cia. Das Letras, 2000.
- BORDINI, Maria da Glória. *Poesia infantil*. São Paulo: Ática, 1986.
- BRANDÃO, Heliana Maria Brina; EVANGELISTA, Aracy Alves Martins; MACHADO, Maria Zélia Versiani. *A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil*. São Paulo: Editora Autentica, 2003.
- CAMARGO, Luís H. *Poesia infantil e ilustração: um estudo sobre Ou isto ou aquilo de Cecília Meireles*. São Paulo, 1998. 214p. Dissertação (Mestrado) – Unicamp.
- _____. A criança e as artes plásticas. In: ZILBERMAN, Regina (org). *A produção cultural para a criança*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990.
- _____. A poesia infantil de Cecília Meireles *in*: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (orgs.). *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.
- CANDIDO, Antonio. Direitos humanos e literatura. *in*: RIBEIRO FESTER, A.C. (org.). *Direitos humanos*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- _____. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2004.
- CASTANHA, Marilda. A linguagem visual no livro sem texto *in* OLIVEIRA, Ieda (org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008.
- COELHO, Nelly Novaes. *A Literatura infantil*. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.

CUNHA, Leo. Poesia e humor para crianças in OLIVEIRA, Ieda (org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil: com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo : Editora Ática, 1985.

FERREIRA, Eliane Galvão Ribeiro. Por uma piscadela de olhos: poesia e imagem no livro infantil in: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (orgs.). *Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

FITTIPALDI, Ciça. O que é uma imagem narrativa in OLIVEIRA, Ieda (org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 2006.

GENETTE, Gérard. *O discurso da narrativa*. Trad. De Fernando Cabral Martins. Lisboa: Arcádia, s.d.

GOMES, Rosane da Silva. *Entre Guimarães Rosa, Manuel de Barros e Bartolomeu Campos de Queirós: a criação de uma infância da escrita*. Dissertação de doutorado na Área de Poéticas da Modernidade. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011; 165 f.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

KHÉDE, Sônia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática, 1986.

LAJOLO, Marisa, ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. 3. ed., São Paulo : Ática, 1991.

LIMA, Ebe Maria de. *Literatura sem fronteiras: uma leitura da obra de Bartolomeu Campos de Queirós*. Minas Gerais: Editora Miguilim, 1998.

LUCAS, Fábio. *Mineiranças*. Rio de Janeiro: Editora Oficina de Livros, 1991.

LUIZ, Gláucia. *A poética da delicadeza e do essencial: Roseana Murray, Bartolomeu Campos de Queirós e José Jorge Letria*. Dissertação de mestrado na Área de Estudos Comparados de Literatura de Língua Portuguesa. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007; 103 f.

MACHADO, Ana Maria. *Contracorrente: conversas sobre leitura e política*. São Paulo: Ática, 1999.

_____. *Texturas: sobre leitura e escritos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MAGALHÃES, Ligia Cadermatori; ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil: autoritarismo e emancipação*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1987.

MARTHA, Alice Áurea Penteado. Pequena prosa sobre versos *In: AGUIAR, Vera Teixeira de; CECCANTINI, João Luís (orgs.). Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim.* São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

MELLO, Ana Maria Lisboa de; TURCHI, Maria Zaíra; SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura infanto-juvenil: prosa & poesia.* Goiânia: UFG, 1995.

MILLEN, Juliana de Castro. *Bartolomeu Campos de Queirós: semeador de memória e performance narrativa.* Dissertação de mestrado na Área de Estudos Literários. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora – MG, 2010; 92 f.

MORAES, Odilon. O projeto gráfico do livro infantil e juvenil *in OLIVEIRA, Ieda (org.). O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador.* São Paulo: DCL, 2008.

NIKOLAJEVA, Maria; SCOTT, Carole. *Livro ilustrado: palavras e imagens.* São Paulo: Cosac Naify, 2011.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa.* 2 ed. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, Maria Lilia Simões de. *A língua e o discurso da memória: a semântica da infância revisitada em Bartolomeu Campos de Queirós.* Minas Gerais: Editora Miguilim, 2003.

OLIVEIRA, Rui de. Breve histórico da ilustração do livro infantil e juvenil *in OLIVEIRA, Ieda (org.). O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador.* São Paulo: DCL, 2008.

_____. *Ilustração e pintura: os eternos conflitos da vizinhança e da distância.* Revista Palavra, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 42-47, jul/ 2012.

PELLEGRINI, Tânia. *A imagem e a letra: aspectos da ficção brasileira contemporânea.* Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesp, 1999.

PELLEGRINI, Stella de Moraes. *Caminhos e encruzilhadas: Os percursos poético e político de Bartolomeu Campos de Queirós - da formação do leitor à formação de leitores .* Minas Gerais: Editora RHJ, 1999.

PERES, Ana Maria Clark. *O infantil na literatura: uma questão de estilo.* Minas Gerais: Editora Miguilim, 1999.

PERROTI, Edmir. *O texto sedutor na literatura infantil.* São Paulo: Ícone, 1986.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *O peixe e o pássaro.* Minas Gerais: Formato Editorial, 1971.

_____. *Pedro.* Minas Gerais: Editora Miguilim, 1973.

_____. *Raul.* Minas Gerais: Editora RHJ, 1978.

_____. *Onde tem bruxa tem fada.* São Paulo, Editora Moderna, 1979.

- _____. *Ciganos*. 12ª Ed. Minas Gerais: Editora Miguilim, 1999.
- _____. *Mário*. Minas Gerais: Editora Miguilim, 1982.
- _____. *Considerações sobre a educação artística*. Minas Gerais: Coordenadoria de Cultura, 1982.
- _____. ...das saudades que tenho in ABRAMOVICH, Fanny (org.). *O mito da infância feliz*. São Paulo: Editora Summus, 1983.
- _____. *Ah!mar...* . São Paulo: Quinteto Editorial, 1985.
- _____. *As patas da vaca*. Minas Gerais: Editora Miguilim, 1985.
- _____. *Cavaleiros das sete luas*. Minas Gerais, Editora Miguilim, 1985.
- _____. *Coração não toma sol*. São Paulo: Editora FTD, 1986.
- _____. *Correspondências*. Minas Gerais: Editora Miguilim, 1986.
- _____. *Estória em 3 atos*. Minas Gerais: Editora Miguilim, 1986.
- _____. *Pintinhos e pintinhas*. São Paulo: Editora FTD, 1986.
- _____. *Apontamentos*. Minas Gerais: Formato Editorial, 1988.
- _____. *Indez*. 12ª ed. Minas Gerais: Editora Miguilim, 2004.
- _____. *Papo de pato*. Minas Gerais: Formato Editorial, 1989.
- _____. *Pé de sapo e sapato de pato*. São Paulo: Editora do Brasil, 1989.
- _____. *Escritura*. São Paulo: Quinteto Editorial, 1990.
- _____. *Faca afiada*. São Paulo: Editora Moderna, 1991.
- _____. *Minerações*. Minas Gerais: Editora RHJ, 1991.
- _____. *Diário de classe*. São Paulo: Editora Moderna, 1992.
- _____. *Por parte de pai*. Minas Gerais: Editora RHJ, 1995.
- _____. *Ler, escrever e fazer conta de cabeça*. Minas Gerais: Editora Miguilim, 1996.
- _____. Foram muitos os professores in ABRAMOVICH, Fanny (org.). *Meu professor inesquecível*. São Paulo: Editora Gente, 1997.
- _____. Menino temporão in PAULINO, Graça (org.). *O jogo do livro infantil*. Minas Gerais: Editora Graça Paulino, 1997.

- _____. O livro é passaporte, é bilhete de partida *in* CONDINI, Paulo; PRADO, Jason. *A formação do leitor: pontos de vista*. Rio de Janeiro: Argus, 1999.
- _____. *Os cinco sentidos*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1999.
- _____. *Para criar passarinho*. Minas Gerais: Editora Miguilim, 2000.
- _____. *Rosa dos ventos*. Minas Gerais: Miguilim, 2000.
- _____. *Bichos são todos... bichos*. São Paulo: Editora do Brasil, 2001.
- _____. *De não em não*. Minas Gerais: Miguilim, 2001.
- _____. *Flora*. Minas Gerais: Miguilim, 2001.
- _____. Onde tem bruxa tem fada *in* LEITE, Maristela Petrili de Almeida; SOTO, Pascoal. *Historinhas pescadas: contos*. São Paulo: Editora Moderna, 2001.
- _____. Pecados *in* BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; YUNES, Eliane. *Pecados*. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2001.
- _____. A ararinha azul *in* CUNHA, Leo; QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de; SORRENTI, Neusa. *Olhar de bichos*, vol. 2. Belo Horizonte: Editora Dimensão, 2002.
- _____. *A Matinta Perera*. São Paulo: Editora FTD, 2002.
- _____. Diário de classe *in* QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de (org.). *Gotas de poesia*. São Paulo: Editora Moderna, 2002.
- _____. Faca afiada *in* QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de (org.). *Nem te conto!* São Paulo: Editora Moderna, 2002.
- _____. Leitura: leitura do mundo, criação da palavra *in* YUNES, Eliane. *Pensar a leitura: complexidades*. São Paulo: Editora Loyola, 2002.
- _____. *Mais com mais dá menos*. Minas Gerais: Editora RHJ, 2002.
- _____. Não darás falso testemunho *in* BINGEMER, Maria Clara Lucchetti; YUNES, Eliane. *Os dezmandamentos*. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2002.
- _____. *Até passarinho passa*. São Paulo: Editora Moderna, 2003.
- _____. *Menino de Belém*. São Paulo: Editora Moderna, 2003.
- _____. *O piolho*. Minas Gerais: Editora RHJ, 2003.
- _____. *Vida e obra de Aletrícia depois de Zoroastro*. São Paulo: Editora Moderna, 2003.
- _____. *7 cores, 7 autores*. Minas Gerais: Editora Franco, 2003.

- _____. *De letra em letra*. São Paulo: Editora Moderna, 2004.
- _____. *Entretantos*. Minas Gerais: Conselho Regional de Psicologia, 2004
- _____. *Formiga amiga*. São Paulo: Editora Moderna, 2004.
- _____. *O guarda-chuva do guarda*. São Paulo: Editora Moderna, 2004.
- _____. *O pato pacato*. São Paulo: Editora Moderna, 2004.
- _____. Leitura, um diálogo subjetivo in OLIVEIRA, Ieda de. *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?* São Paulo: Editora DCL, 2005.
- _____. *Antes do depois*. São Paulo: Editora Manati, 2006.
- _____. *Sem palmeira ou sabiá*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2006.
- _____. *Somos todos igualzinhos*. São Paulo: Editora Global, 2006.
- _____. Traíra sem espinhos in BORJA, Maria Isabel; VASSALLO, Márcio. *O livro dos sentimentos: crônicas, contos e poemas para jogar com as emoções*. Rio de Janeiro: Editora Guarda-chuva, 2006.
- _____. Balanço in PRADO, Jason; DINIZ, Júlio (orgs.). *Vivências de leitura*. Rio de Janeiro: Leia Brasil, 2007.
- _____. *Para ler em silêncio*. São Paulo: Editora Moderna, 2007.
- _____. Por ser criança in Instituto Ecofuturo. *A vida que a gente quer depende do que a gente faz*. São Paulo: Ecofuturo, 2007.
- _____. *Sei por ouvir dizer*. Rio Grande do Sul: Editora Edelbra, 2007.
- _____. *O ovo e o anjo*. São Paulo: Editora Global, 2007.
- _____. *Anacleto*. São Paulo: Editora Larrousse Junior, 2008.
- _____. A nova fantasia do rei in CONDINI, Paulo. *Diferentes heróis, diferentes caminhos*. Rio de Janeiro: Editora Leia Brasil, 2008. Disponível em: <http://www.leiabrasil.org.br/pdf/livro_andersen_completo.pdf> Acesso em dez 2012.
- _____. *Foi assim...* . São Paulo: Editora Moderna, 2008.
- _____. *Menino inteiro*. São Paulo: Editora Global, 2008.
- _____. (sem título) in Instituto C&A. *Nos caminhos da literatura*. São Paulo: Peirópolis, 2008.
- _____. *ABC... até Z!* São Paulo: Larrousse Junior, 2009.

- _____. *Isso não é um elefante*. Minas Gerais: Editora Abacatte, 2009.
- _____. *Manifesto por um Brasil Literário*. Instituto C&A, 2009. Disponível em <<http://www.brasilliterario.org.br/manifesto.php>>. Acesso em nov 2011.
- _____. *Nascemos livres: a declaração universal dos direitos humanos em imagens*. São Paulo: Editora SM, 2009.
- _____. *O livro de Ana*. São Paulo: Editora Global, 2009.
- _____. *Tempo de voo*. São Paulo: Editora Comboio de Cordas, 2009.
- _____. *A árvore*. São Paulo: Editora Paulinas, 2010.
- _____. *Emoções em desalinho*. Minas Gerais: Clube de Edit. Mineira, 2010.
- _____. *2 patas e 1 tatu*. São Paulo: Editora Positivo, 2010.
- _____. *Vermelho amargo*. São Paulo: Editora Cosacnaify, 2011.
- _____. *A filha da preguiça*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012.
- _____. *O fio da palavra*. São Paulo: Editora Galera Record, 2012.
- _____. *Sobre ler, escrever e outros diálogos*. Júlio Abreu (org.) Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de; GONDIM, Maristella Miranda Ribeiro; CASASANTA, Therezinha. *Ora bolas!* São Paulo: Editora FTD, s/d.
- _____. *Dois em um*. São Paulo: Editora FTD, 1991.
- QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de (org.). *Cecília Meireles: as palavras voam*. São Paulo: Editora Moderna, 2005.
- _____. *Manuel Bandeira: para querer bem*. São Paulo: Editora Moderna, 2005.
- _____. *Henriqueta Lisboa: luz da lua*. São Paulo: Editora Moderna, 2006.
- _____. *Branca flor e outros contos*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2006.
- REGO, Zíla Letícia Goulart Pereira. Colasanti e as pérolas de Ana Z. In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura infanto-juvenil: leituras críticas*. Goiás: UFG, 2002.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.
- RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

_____. *Literatura Infantil & Juvenil* - Vivências de leitura e expressão criadora. São Paulo: Saraiva, 1993.

RIBEIRO, Marcelo. A relação entre o texto e a imagem in OLIVEIRA, Ieda (org.). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008.

SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Economia e eficácia: o projeto gráfico de Cavaleiro das sete luas* in MELLO, Ana Maria Lisboa de; SILVA, Vera Maria Tietzmann; TURCHI, Maria Zaira. *Literatura infanto-juvenil: prosa & poesia*. Goiás: UFG, 1995.

SIQUEIRA, Viviane Almeida de. *A experiência da jovialidade: uma cruzada poética*. Dissertação de mestrado na Área de Estudos Literários. Universidade Federal de Minas Gerais.

SISTO, Celso. A pretexto de se escrever, publicar e ler bons textos in OLIVEIRA, Ieda (org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil: com a palavra o escritor*. São Paulo: DCL, 2005.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento: caminhos e descaminhos*. Acervo UNESP, 2009. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40142/1/01d16t07.pdf>> Acesso em set. 2012.

SOSA, Jesualdo. *A literatura infantil*. São Paulo: Cultrix, 1978.

TURCHI, Maria Zaira e SILVA, Vera Maria T. (orgs.) *Literatura infanto-juvenil: leituras críticas*. Goiânia: Ed. Da UFG, 2002.

VIEGAS, Sonia. *Cinema comentado*. Minas Gerais: Editora Núcleo de Filosofia, 1990

YUNES, Eliana. A crítica da literatura infantil: coisa de leitor grande. In: TURCHI, Maria Zaira; SILVA, Vera Maria Tietzmann. *Literatura infanto-juvenil: leituras críticas*. Goiás: UFG, 1995, 2002.

ZELAQUETT, Andréa Garcia. *O lúdico no discurso poético de Bartolomeu Campos de Queirós*. Dissertação de Mestrado na Área de Estudos Literários. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003, 183 f.

ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro : Guanabara, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética (a teoria do romance)*. 3. ed., São Paulo : UNESP, 1993.
- BORDNI, M. da G.; AGUIAR, V.T..*Literatura e a formação do leitor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- CANDIDO, Antonio. *A literatura e a formação do homem*. Ciência e Cultura. São Paulo, 24:803-809, set. 1972.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1980.
- CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A Literatura Infantil*. 3a. ed. São Paulo: Global, 1984.
- COELHO, N.N. *Panorama Histórico da Literatura Infantil e Juvenil*. 4a. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. São Paulo: Global, 2003.
- HELD, Jacqueline. *O imaginário no poder: as crianças e a literatura fantástica*. Trad. de Carlos Rizzi. São Paulo : Summus, 1980.
- MARTINS, Maria Helena. *Crônica de uma Utopia*. Leitura e Literatura Infantil em trânsito. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- PENNAC, Daniel. *Como um romance*. Trad. de Leny Wernwck. Rio de Janeiro : Rocco, 1993.
- PIAGET, Jean. *A construção do real na criança*. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores/MEC, 1975.
- PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.
- TURCHI, Maria Zaira e SILVA, Vera Maria T. (orgs.) *Leitor formado, leitor em formação: a leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis, SP: ANEP, 2006.
- YUNES, Eliana e PONDÉ, M. da Glória. *Leitura e Leituras da Literatura Infantil*. São Paulo: FTD, 1988.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Editora Ática, 2004.

ZILBERMAN, Regina (org.) *A produção cultural para crianças*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

ZILBERMAN, Regina. *Roteiro de uma literatura singular*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1992

APÊNDICES

APÊNDICE 1
BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS:
O HOMEM ALÉM DOS LIVROS

1 - BARTOLOMEU: VIDA E OBRA

Bartolomeu Campos de Queirós nasceu no dia 25 de agosto de 1944, em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, chamada Papagaio. Faleceu em 16 de janeiro de 2012, em Belo Horizonte, capital do estado de Minas e cidade que escolheu para morar nos últimos anos.

Filho de pai caminhoneiro e mãe senhora de casa, Queirós aprendeu muito cedo o que era a vida ao perder a mãe vitimada pelo câncer quando ainda criança, tendo entre seis e sete anos. Em seus relatos, narra que o sofrimento da mãe muitas vezes era tanto que esta cantava para amenizar a dor. Memória que Bartolomeu nunca esqueceu.

Em algumas entrevistas, o autor relembra este fato e diz que, à maneira de sua mãe, quando sua dor era muito grande, ele escrevia. E transportava para os livros suas angustias e emoções. No entanto, apesar de perder sua mãe muito cedo, Bartolomeu Campos de Queirós começou a escrever apenas tempos depois, quando já adulto, aos 27 anos.

Antes de adentrar neste mundo da escrita, Queirós passou por diversas situações ao longo de sua vida: perdeu a mãe, morou com os avós, estudou em colégio interno. Todas estas informações são encontradas de maneira poética em suas obras, já que suas memórias sempre auxiliaram o escritor em seu processo criativo. Muitos livros do autor são reflexos de suas vivências, revividas e reorganizadas na forma de narrativas. Em uma declaração na PUC-Rio, relatada por Eliane Yunes no artigo *Memórias de menino: poesia e melancolia* (2012), confessou: “sem a morte precoce de minha mãe eu não me teria tornado escritor”.

Uma pessoa que o escritor considerou primordial para seu encantamento pela escrita foi o seu avô paterno, com quem morou durante algum tempo. Seu Queirós, como era chamado por todos, ganhou na loteria e não precisou mais trabalhar. Acordava cedo e passava o dia todo na janela, observando a vida da pequena cidade de Pitangui, no interior de Minas Gerais. Mas o avô não se restringia a observar os acontecimentos. Registrava-o no grande livro das paredes da própria casa. Bartolomeu sempre se referia a este fato singular como decisivo para seu encantamento pela palavra, sua necessidade de ler o que lá estava escrito o impulsionou em seu processo de descobrimento do mundo da leitura e da escrita.

Para percebermos a dimensão deste fato na vida de Queirós, além da presença dele em seus livros de memória, em pequeno artigo intitulado *Na estação, um último sorriso* (2012), Marina Colasanti escreve: “O escândalo da vida, que seu avô – de ficção ou de verdade, sabe-se lá – registrava escrevendo nas paredes da casa, foi registrado pelo neto em livros, peças,

ensaios. A casa do avô desfez-se, mas o trabalho do neto permanece [...]”. (COLASANTI, 2012, p. 99).

Apesar de ter publicado diversas obras com teor memorialista - *Ciganos* (1982), *Indez* (1989), *Por parte de pai* (1995), *Ler, escrever e fazer conta de cabeça* (1996), *O olho de vidro do meu avô* (2004), *Sem palmeira ou sabiá* (2006) e *Vermelho amargo* (2011) – todas já explicitadas no capítulo 1 desta dissertação, Queirós inicia suas publicações com o livro poético *O peixe e o pássaro*, em 1971, quando ainda era estudante no Instituto Pedagógico de Paris.

Quando retornou ao Brasil, o autor se inscreveu em um concurso literário em Belo Horizonte, para o prêmio João de Barro de Literatura. Ganhou o primeiro lugar e a partir de então, conheceu uma das juradas e ela tornou-se sua amiga: a poetisa Henriqueta Lisboa. Os laços de amizade entre os dois foram se estreitando ao longo dos anos e após a morte desta, Bartolomeu muda-se para seu antigo apartamento, local que morou até seus últimos dias. Bartolomeu herdou da poetiza não apenas o apartamento em Curitiba, mas o grande respeito pela literatura, em especial pela literatura infantil e juvenil.

Depois desta primeira publicação, surge *Pedro*, livro que ganhou o Selo de Ouro da Fundação Nacional do Livro Infantil. Bartolomeu continuou escrevendo, mas acumulava funções. Como ele mesmo disse em entrevista a Thiago Majolo, em fevereiro de 2009:

Com isso começo a escrever. Vou fazendo, escrevendo. Como continuo trabalhando na educação, continuo no Laboratório de Pesquisas Educacionais com as crianças. Mas ao poucos a gente vai acumulando coisas e não vai tendo tempo. Faz uma coisa ou outra. Aí escolhi mesmo a literatura. (QUEIRÓS, 2009).

Ao se dedicar a literatura, Bartolomeu não apenas escrevia livros. Realizou diversas outras atividades profissionais, sendo as mais significativas: colaborador da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), assessor da Fundação Nacional de Arte (Funarte), assessor cultural da Biblioteca Pública de Minas Gerais, palestrante em capacitações de professores pelo PROLER (Programa Nacional de Incentivo à Leitura), editor da RHJ e depois da editora Miguilim, membro da Academia Mineira de Letras, dentre outras.

Outros livros foram sendo lançados, outras premiações foram acontecendo e com o passar dos anos Bartolomeu Campos de Queirós alcançou grande prestígio no cenário literário nacional. E não apenas como escritor, mas como homem envolvido com as questões do ensino, principalmente com o ensino da arte e da formação do leitor, causas que o moviam a diferentes locais para palestras, conferências, diálogos e demais atividades com os mais

envolvidos neste âmbito: os professores. Pela afirmação de Elizabeth D'Angelo Serra, secretaria geral da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, podemos ter clareza do papel deste intelectual:

Além de exímio artista da palavra, nosso testemunho é de que ele pautou sua vida na defesa coerente da democracia, da liberdade e do direito a uma vida digna, onde a infância e a adolescência ocuparam sua atenção de maneira especial. Destacando a arte como a principal interlocutora para interpretar e entender a complexidade da vida, a literatura foi a sua principal bandeira para defender o que acreditava. (SERRA, 2012, p. 7).

Pelas palavras de Serra, percebemos o reconhecimento do envolvimento de Queirós em diversas instâncias, o que não deixou de fazer mesmo estando com a saúde debilitada nos últimos anos. Vitimado por uma embolia pulmonar, o artista nos deixou cedo demais, pois quem conhece sua obra sabe o imenso potencial criador deste escritor e com absoluta certeza, se ainda estivesse vivo, brindaria seus leitores com grandes livros repletos de sensibilidade e lirismo. Infelizmente, Bartolomeu faleceu. No entanto, o seu legado persiste e persistirá durante muito tempo, pois suas ideias presentes em tantos de seus trabalhos estão sempre florescendo e gerando frutos.

Neste capítulo, abordaremos os pensamentos e as ideias de Bartolomeu Campos de Queirós - dispersos em tantas obras, entrevistas, artigos -, demonstrando como o autor dialogava com as ideias de outros escritores renomados, estudiosos e críticos de literatura e de literatura infantil, confirmando a atualidade de seu pensamento. Tentaremos também explicitar como seus livros refletem seus ideais, mas principalmente, tentaremos realizar uma ligação direta entre as duas obras que estamos analisando *Foi assim...* (2008) e *ABC...até Z* (2009) e o que era defendido pelo autor no que diz respeito a escrita e a ilustração.

2 – BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS E A LITERATURA

A relação de Bartolomeu Campos de Queirós com a literatura foi muito além de seus papéis de leitor e escritor. O autor não se restringiu a ser leitor voraz e escritor renomado. Engajou-se na divulgação da importância destes atos, direito de todos. Em diversas entrevistas Queirós cita a literatura como um meio de se envolver com a fantasia e com a arte, pois é por meio delas que o educando toma consciência de quem é e de qual seu papel na sociedade.

Sonhava com um Brasil mais leitor, com leitores críticos e reflexivos e não apenas decodificadores das palavras. Para Queirós, apenas ensinar a ler não bastava. Era preciso

inserir o educando no universo da beleza e da fantasia por meio da arte e da literatura, ciências que possuem valores extremos para a formação do sujeito. É o que podemos verificar neste trecho de um artigo na Revista Nós da Escola, edição 46 do ano de 2007:

A arte, bem como a literatura, nasce da liberdade de fantasiar e não suporta prisões. Tentar engaiolar o fruto da liberdade é lhe cortar as asas, impedir seus voos, que alcançam maiores distâncias quando impulsionados por muitos sopros. Conhecemos a necessidade da liberdade mas desconhecemos sua extensão. Por ser assim, compreendo, como tantos outros, que o homem possui o tamanho de sua fantasia. O sujeito alcança onde sua fantasia toca. (QUEIRÓS, 2007).

Em uma entrevista ao repórter Carlos Costa, da revista Getúlio Vargas, o autor aborda novamente o tema acima, valorizando o papel da fantasia e da palavra escrita:

[...] Na medida em que se trabalha um texto, o mundo da fantasia é chamado a participar do desenvolvimento. Ou seja, ganhamos outra dimensão do mundo por meio da palavra. E a palavra dá autonomia ao sujeito. Uma sociedade que não domina a palavra é uma sociedade precária, de fato. (QUEIRÓS, 2009).

Em outra entrevista, agora à instituição Ecofuturo, no ano de 2010, Bartolomeu cita além da fantasia e da literatura, o papel que o diálogo entre estas duas instâncias exerce na formação do sujeito:

A literatura concorre para que educadores e educandos venham a tomar posse da importância da fantasia para o desenvolvimento do universo. Na medida em que reconhecemos que todo real é uma fantasia que ganhou corpo, que antes morou na fantasia de alguém, é que adjetivamos sua importância. A literatura vai estabelecer um diálogo com a fantasia do leitor. Desse diálogo profundo, pois a fantasia é o que há de mais íntimo em nós, é claro que um novo mundo vai surgir. É preciso compreender que a escola não pode ser apenas uma entidade consumidora. Deve ser, paralelamente, um espaço investidor. A fantasia nos garante isso. E investir movido pela arte é ir em direção ao afeto, à beleza. (QUEIRÓS, 2010).

Nos seus artigos e até mesmo nas tantas entrevistas que concedeu, Queirós expõe claramente seus pensamentos sobre a literatura, a fantasia e a arte. Seu posicionamento crítico estava sempre presente nas suas produções. É o que podemos observar também em seu *Manifesto por um Brasil Literário, escrito em 2009*, e lido na Festa Literária Internacional de Paraty deste mesmo ano.

O surgimento deste Manifesto não se deu apenas em ocasião da Feira de Paraty. Com o objetivo de mobilizar todos os segmentos da sociedade, incluindo a sociedade civil, Bartolomeu acreditava que para termos efetivamente um Brasil leitor, todas as pessoas deveriam estar envolvidas com este objetivo, sendo responsabilidade de todos e não apenas da

escola e dos professores a formação dos leitores. Para esta grande realização contou com o apoio do Instituto C&A e da Casa Azul, organizadora da Festa Literária Internacional de Paraty, juntamente com o Instituto Ecofuturo, o Centro de Cultura Luiz Freire e outras instituições.

No Manifesto (2009), o autor valoriza o papel da leitura e da escrita na vida das pessoas. Ler e escrever não são apenas mais uma necessidade da sociedade atual, tornaram-se direitos elementares e fundamentais para o desenvolvimento e sobrevivência de quaisquer pessoas. Porém, não é apenas ler e escrever o fundamental. Os cidadãos precisam ter acesso à fantasia, à ficção, à literatura para que sejam realmente livres e para que vivam em uma real democracia:

A leitura literária é um direito de todos e que ainda não está escrito. O sujeito anseia por conhecimentos e possui a necessidade de estender suas instituições criadoras aos espaços em que convive. Compreendendo a literatura como capaz de abrir um diálogo subjetivo entre o leitor e a obra, entre o vivido e o sonhado, entre o conhecido e o ainda por conhecer; considerando que esse diálogo das diferenças – interentes à literatura – nos confirma como rede de relações; reconhecendo que a maleabilidade do pensamento concorre com a construção de novos desafios para a sociedade; afirmando que a literatura, pela sua configuração, acolhe a todos e concorre para o exercício de um pensamento crítico, ágil e inventivo; compreendendo que a metáfora literária abriga as experiências do leitor e não ignora suas singularidades, que as instituições em pauta confirmam como essencial para o país a concretização de tal projeto. (QUEIRÓS, 2009).

Além desta importância dada à literatura, Queirós também entende que para a mudança do perfil das escolas atuais, seria necessário que esta arte estivesse presente nos currículos, de maneira a criar uma relação com a pedagogia, uma relação de espanto diante do mundo, função já exercida pela literatura e ainda distante dos bancos escolares. (QUEIRÓS, 2009, p. 21). Literatura e pedagogia não devem estar associados, mas sim relacionadas para a melhora da qualidade educacional. Pensamento também defendido por Regina Zilberman, que assim como Queirós, não aceita a associação da literatura infantil à pedagogia, pois isto faz com que o livro infantil não seja visto como arte e sim como um objeto comprometido com a dominação da criança (ZILBERMAN, 2003).

Em outro artigo publicado pela Biblioteca Ecofuturo, *A infância e o livro* (2010), Queirós discorre sobre a importância de relacionar estes dois temas. Para termos um mundo mais iluminado pela fantasia, ambos precisam estar juntos e em harmonia, sendo papel do livro ofertar mais imaginação a criança e não roubar-lhe a infância, como ocorre em muitas escolas. Este artigo também estabelece ligações com as observações de Regina Zilberman sobre o livro infantil. Para Zilberman (2003),

[...] a fantasia é um importante subsídio para a compreensão de mundo por parte da criança: ela ocupa as lacunas que o indivíduo necessariamente tem durante a infância, devido ao seu desconhecimento do real; e ajuda-o a ordenar suas novas experiências, frequentemente fornecidas pelos próprios livros. (ZILBERMAN, 2003, p. 49).

Percebemos também que o sentido de literatura está atrelado à fantasia e esta por sua vez relaciona-se diretamente a todos os leitores, inclusive às crianças. Todos tem direito a literatura e precisam dela para acessarem a fantasia do mundo, tornando-se críticos, reflexivos e educados em nossa sensibilidade.

Interessante ressaltar que, propositalmente ou não, as ideias de Queirós dialogam com as do crítico literário e ensaísta Antonio Candido. Este também possui artigo sobre o direito de todos os homens a terem acesso à literatura, considerando justamente a necessidade de fantasia humana. Candido (2004) afirma que aquilo que consideramos indispensável a nós também o é para o outro e, como indispensável, devemos incluir o direito a literatura e a arte de maneira geral:

[...] a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisas em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. [...] Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável. (CANDIDO, 2004, p. 191).

Antonio Candido defende este direito pelas mesmas razões que Bartolomeu o faz, ou seja, o desenvolvimento da criticidade, a compreensão da realidade, o conhecimento, além da própria humanização, que seria “[...] o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor.” (CANDIDO, 2004, p. 180).

Expostos os ensinamentos que a literatura nos proporciona, segundo Candido e Queirós, e demonstrada também a importância que ambos atribuem a esta arte, assim como a arte de uma maneira geral, analisemos agora a literatura infantil e juvenil sob o olhar do escritor, que foi e continua sendo relacionado diretamente a este segmento literário.

3 – OS ADJETIVOS INFANTIL E JUVENIL NAS OBRAS DE QUEIRÓS

“Não é tarefa simples escrever para crianças”. Este título de um artigo escrito por Bartolomeu Campos de Queirós nos remete a como o autor observava seu ofício. Bartolomeu Campos de Queirós possui obras de excelente valor estético, extremamente apreciados por públicos de qualquer idade. No entanto, seu nome sempre foi associado à literatura infantil e juvenil pelo fato de diversos títulos de suas obras serem despertarem o interesse deste público.

No Dossiê sobre o escritor, organizado pela Associação de Leitura do Brasil (ALB), intitulado *Bartolomeu Campos de Queirós: uma inquietude encantadora* (2012), há um artigo do jornalista João Paulo, publicado inicialmente no Jornal Estado de Minas. Neste, encontramos uma afirmação pertinente ao tema aqui discutido. Há uma discussão sobre o fato de Queirós ser conhecido apenas como escritor para crianças e jovens, mesmo após tantas publicações que não possuem destinatário implícito ou explícito:

[...] O julgamento é incorreto por vários motivos: Bartolomeu escreve para o ser humano, que não tem idade; destinar livros para as crianças é a mais nobre e ambiciosa das inclinações literárias; dar à criança acesso ao mundo da fantasia é tarefa civilizadora; despertar nas pessoas maduras o senso do mistério que nos visita de graça na infância é um presente generosa, quase magia. (PAULO, 2012, p. 36-37).

Apesar do grande número de obras infantis e ou juvenis do autor, Queirós nunca se considerou um escritor exclusivo de crianças e adolescentes. Como escreve no artigo referido acima, nunca teve a pretensão de escrever para as crianças. Segundo o escritor, esta definição de “para crianças” soava como algo concluído, acabado. E ele nunca se considerou assim. O adjetivo infantil em suas obras não as restringia, mas ampliava seu campo de ação. Como a também escritora Ana Maria Machado, Bartolomeu acreditava que a literatura infantil é aquela que também pode ser lida pelas crianças (MACHADO, 1999).

Em um trecho da já citada entrevista a Carlos Costa, ao ser indagado sobre sua produção ser de uma literatura infantil e juvenil, Bartolomeu responde usando palavras da poetisa e antiga amiga Henriqueta Lisboa:

A Henriqueta Lisboa me ensinou: “A natureza é muito sábia: conhece a hora de florescer, de dar o fruto, de amadurecer; sabe a época da chuva e da seca. A natureza divide o tempo em estações. E com toda essa sabedoria nunca fez uma árvore para criança e outra árvore para adulto; nem fez um sol para criança e outro sol para adulto. Se quisermos ser um pouquinho sábios, então não teremos literatura para criança e literatura para adulto. Ou é literatura ou não é”. Essa fala me marcou profundamente. E sempre procurei fazer um texto sem fronteira, uma literatura na

qual a criança também possa entrar; como o adulto. Cada um com a sua percepção. [...]. (QUEIRÓS, 2009).

Pela declaração acima fica evidente que Bartolomeu Campos de Queirós nunca pretendeu restringir suas obras a um público. Isto também não quer dizer que o autor não se preocupava com a questão da literatura infantil e juvenil. O fato de não se restringir neste campo literário não significa desinteresse pela área, pois a associação deste escritor às publicações infantis e juvenis também não são mera coincidência.

No artigo referido no início deste tópico, Bartolomeu afirma que elabora textos com o objetivo de que estes sejam claros, diretos, simples, mas que estes objetivos não deixam com que enfraqueça sua escrita. Para ele, o texto deve ser capaz de abrigar a especificidade de cada leitor. E, para isto, o adulto não pode ser considerado sinônimo de todas as verdades. Escrever para crianças e adolescentes é um ato voluntário, porém, sem restrições de qualquer espécie, sem menosprezo a este leitor em desenvolvimento.

Em artigo publicado no *Jornal da Hora*, intitulado apenas com o nome do escritor, Queirós faz a seguinte declaração sobre o livro infantil:

Então eu gosto sempre de pensar que é preciso oferecer pra criança um livro de literatura, não um livro de brinquedo, porque o livro de brinquedo é bom, mas não promove uma reflexão, e o texto de literatura propõe uma reflexão, e é bom porque cada um pensa o que quiser a respeito dele. (QUEIRÓS, 2010).

Ao responder a outra pergunta em sua entrevista ao repórter da Fundação Ecofuturo, Queirós nos define o que é o seu ato de escrita:

Escrever é procurar parceiros para decifrar a intensidade dos mistérios. Escrever é não saber e recorrer ao leitor para ajudar a decifrar o mistério que inaugura o escritor. Cada livro é um momento, é uma interrogação, é a busca de uma conversa. Escolher um tema é dar corpo ao que sufoca, é buscar razão para a fantasia, é dar forma ao imaginário. Escrever, digo sempre, é abrir a porta sabendo que o resto da paisagem está no coração do leitor. E mais: escrever é tomar posse dos limites. (QUEIRÓS, 2010).

Pela concepção de escrita que o autor possui, podemos inferir que este seja um dos motivos pelos quais seus livros ganharam tantos admiradores. Há um respeito muito grande ao papel do leitor, independente da faixa etária deste, além de uma valorização da fantasia e do imaginário, elementos suficientemente capazes de captar a atenção dos pequenos leitores. Serra e Parreiras (2012), ao abordarem as características da obra deste escritor, nos dizem que:

Sua linguagem, rebuscada na estética, trata de conteúdos complexos e filosóficos que ele consegue expressar de maneira própria e original. Pela lapidação que faz na busca das palavras e da construção das frases, seus textos são acessíveis a crianças pequenas e maiores. (SERRA; PARREIRAS, 2012, p. 10).

Em entrevista a Thiago Majolo, Bartolomeu diz que possui sim uma preocupação com a linguagem de seus livros. Todavia, esta preocupação não restringe sua escrita em uma literatura reduzida para a criança. Queirós escreve literatura, sem adjetivar seus escritos. O autor sempre deixou muito claro que não produzia uma escrita com destinatários específicos, pois “[...] se ela for com destinatário, está tendo serventia. E a literatura não serve para nada.” (QUEIRÓS, 2009).

Podemos concluir que o fato de Bartolomeu Campos de Queirós ser associado diretamente à produção de literatura infantil e juvenil não quer dizer que o escritor está restrito a este segmento da literatura. Muito pelo contrário. Objetivando uma literatura sem fronteiras, Queirós pode também ser lido e apreciado por leitores de todas as idades. Sua preocupação com a linguagem é para que ela justamente não seja um empecilho ao leitor e sim um elemento facilitador para a compreensão de seus textos.

Além deste elemento facilitador, temos também outras características em suas produções que auxiliaram Queirós a entrar para o rol dos melhores escritores nacionais. Nas palavras de Ana Maria Machado: “a obra dele fica, carregada de humor, poesia, senso crítico e esse nível altíssimo a que nos acostumou e os leitores adoram com toda razão. Um lugar garantido em nossa literatura.” (MACHADO, 2012, p. 90).

Bartolomeu Campos de Queirós nos deixou recentemente, mas seu legado demonstra ter capacidade suficiente de perdurar, mesmo sem sua presença física. Afinal, para que um livro receba a designação de literatura, deve sobreviver ao tempo e a época em que foi escrito. Capacidade já adquirida por seus livros.

4 - A NARRATIVA DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS E *FOI ASSIM...* (2008)

É muito difícil abordar exclusivamente as narrativas de Bartolomeu Campos de Queirós. Conhecido por alguns como o “poeta da prosa”, podemos afirmar que há uma impossibilidade de realizar um recorte das narrativas deste escritor sem entrar no campo da poesia. Sua linguagem não se restringe ao narrar. Queirós faz poesia até mesmo ao elaborar

suas narrativas. Na expressão de Frei Betto, Queirós criava *proesia*, ou seja, uma mistura da prosa e da poesia, atributo presente inclusive em *Foi assim...*, como já abordamos.

O crítico de arte Márcio Sampaio, resume as características da obra de Queirós:

Em sua já extensa obra, Bartolomeu de Queirós permanece fiel a um projeto de escritura que faz da invenção poética, do trabalho com a palavra nas suas diferentes instâncias um modo original de comunicação de experiências profundas: o verbo é o princípio, o núcleo da vivência do mundo. (SAMPAIO, 2012, p. 25).

Eliane Yunes, em *Memórias de menino: poesia e melancolia* também trata desta escrita poética tão presente na linguagem adotada por ele. Para a crítica, falar de poesia é um mote para encontrarmos Queirós. A poesia está na raiz do trabalho deste autor, mesmo em seus textos em prosa (YUNES, 2012).

A linguagem poética, muito comum nas obras de Queirós, como apontamos acima, é também presente em *Foi assim...* (2008), livro que analisamos nesta dissertação. No entanto, o livro parece destoar das demais publicações do escritor, devido à sua composição, com a presença da temática familiar, que acarreta certa postura pedagógica, considerando a aproximação deste livro com uma índole transmissora de normas e ensinamentos, como explicitado no capítulo anterior.

A presença da fantasia, por exemplo, tão defendida pelo escritor, não possui muito espaço neste livro. Sobre este tema, em entrevista concedida a Márcio Vassalo, para o *Folha Proler* no ano de 2001, Queirós responde sobre o que é fantasia, ao ser indagado pelo entrevistador: “A fantasia é o desejo. Criamos para fantasia, para suportar o nosso vazio. Somos a nossa falta. [...]” (QUEIRÓS, 2012, p. 67).

Se pensarmos que a fantasia é o desejo, talvez possamos encontrá-la no desejo do menino Edu em se alfabetizar, nas brincadeiras de Edu com as letras em alguns momentos da história. Porém, se pensarmos fantasia com outro sentido, aquele da invenção, do fora do comum, não localizaremos a fantasia neste livro. Isto porque grande parte da narrativa não possui elementos de *nonsense* ou do maravilhoso. Edu, personagem principal da nossa história, é um menino comum, com o desejo de aprender a ler e a escrever, como já o descrevemos anteriormente, mas se depara apenas com elementos da realidade, pois como expusemos no capítulo anterior, a presença da fantasia restringe-se ao sonho e este, muitas vezes, não nos é descrito.

Talvez pelo fato do livro abordar uma questão rotineira entre as crianças – o desejo de aprender a ler e escrever – Bartolomeu desejou escrever um livro em que estas crianças

pudessem criar uma relação de empatia, sendo a história verossimilhante as suas próprias trajetórias de leitores e escritores em processo de formação. Porém, não podemos concluir que o livro foi escrito com esta finalidade, pois nas palavras do autor:

Quando eu sento pra escrever, eu não penso se eu estou escrevendo pra criança ou pra adulto, eu estou fazendo o melhor de mim naquela hora. Se esse melhor também alcançar a criança, e ela escolher pra ler, é um privilégio, porque ter uma pessoa sem armaduras, sem o coração preso, diante do seu texto e gostar dele é muito bom. (QUEIRÓS, 2010).

Não podemos saber ao certo porque é possível localizar tantas diferenças deste livro de Bartolomeu Campos de Queirós com a grande maioria de suas obras. Talvez as afirmações de Tânia Pellegrini (1999) sobre a indústria do mercado editorial sirvam também para explicação esta publicação de Queirós. Um livro encomendado por alguma editora, com destinatário específico, com reflexos memorialísticos do próprio processo de aquisição da linguagem escrita pelo autor? Esta última questão foi levantada, pois em um artigo publicado pela Biblioteca Virtual Ecofuturo, intitulado *Para bem escrever*, Queirós afirma:

Em nossa memória mora o vivido e o sonhado. Sempre, na intimidade mais silenciosa, nosso real conversa com a fantasia. Não há memória pura. Estamos continuamente pensando que “foi assim”, mas poderia “ter sido assim”. Pela força da fantasia a cultura se renova e o mundo ganha em maleabilidade. A fantasia inaugura o novo no mundo. (QUEIRÓS, 2011, p. 3).

Foi assim... é algo vivenciado pelo autor, com traços imaginados ou apenas mais uma história elaborada, sem vestígios da memória. O fato é que o título desta narrativa pode ser entendido justamente como um processo acontecido, como algo rememorado. Mas, de quem seriam as memórias, do menino ou do escritor? Várias questões nos intrigam, mas infelizmente não possuímos respostas a todas elas. São apenas questionamentos em relação a esta obra do autor.

Considerando as características analisadas anteriormente e o confronto das ideias do autor com os elementos presentes em *Foi assim...* (2008) podemos afirmar que este livro destoa dos produzidos pelo autor. Sendo memorialístico, distancia-se dos demais livros publicados por Queirós, já que narra a história de uma família totalmente diferente da sua. Sendo apenas uma criação, não é possível localizar abundância de elementos fantasiosos, poéticos e humorísticos presentes em diversas outras narrativas por ele publicadas.

5 – A POESIA DE BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS E *ABC...até Z!* (2009)

Bartolomeu possui diversos livros de poesia infantil. Em todos eles, o escritor trabalha a linguagem de maneira a produzir efeitos de humor, sonoridade e confusão dos sentidos. Para Ninfa Parreiras e Elizabeth Serra, Queirós “[...] é também autor de poesia lúdica para crianças pequenas, [...] onde o autor brinca com a forma, sonoridade e semântica das palavras.” (SERRA; PARREIRAS, 2012, p. 10).

Diversos críticos e estudiosos de seus livros atribuem as mesmas características a sua poesia. Márcia Cabral da Silva, em artigo escrito para o *Dossiê Bartolomeu Campos de Queirós*, publicado na Revista Palavra, ressalta a grande habilidade do escritor ao construir seus enredos, pois há sempre a presença dos componentes lúdicos, além dos perceptíveis jogos de palavras, que mesmo organizados de maneira simples, jamais se tornam simplórias. (SILVA, 2012).

Nelly Novaes Coelho, em seu *Dicionário Crítico da Literatura Infantil e Juvenil Brasileira* (2006), nos diz que a poesia deste escritor era uma “[...] poesia arraigada no oculto dos seres em contraponto com a concretude visível das realidades, a de Bartolomeu Campos de Queirós é das que desafiam o leitor a decifrar o não-escrito.” (COELHO, 2006, p. 124).

Na já mencionada entrevista que o escritor concedeu a Thiago Majolo, em fevereiro de 2009, ao ser indagado sobre o tema poesia, Queirós declara:

[...] sempre gostei de poesia, uma escrita extremamente sofisticada. Acho a linguagem mais sofisticada que tem. Porque não define nada. A poesia é mais ou menos um crepúsculo. Não clareia e não escurece. Deixa tudo em suspenso. Acho que tem muito do sonho. [...] A poesia para mim também é um deslocamento e uma condensação. É densa. Reduz tudo e desloca tudo. (QUEIRÓS, 2009).

Ao associarmos as declarações de Queirós com suas obras poéticas, podemos perceber realmente estas características presentes em suas obras, principalmente ao pensarmos as poesias infantis, com a linguagem extremamente trabalhada, densa, deslocada para a formação dos versos permeados de humor e comicidade. Ideias também defendidas pela já citada pesquisadora Alice Áurea Penteado Martha, em seu artigo *Pequena Prosa sobre Versos* (2012):

As estruturas linguísticas, adequadas à faixa etária a que se destinam os poemas, devem permitir e incentivar a entrada do leitor e sua participação na construção dos sentidos dos textos. Como isso é possível? Com a escolha de vocábulos condizentes à realidade dos receptores; com o emprego de frases pouco elaboradas, preferencialmente, na ordem direta, sem inversões, sem rebuscamentos de

linguagem, com expressões e construções mais próximas da oralidade e, portanto, mais próximas dos destinatários pretendidos. (MARTHA, 2012, p. 51).

Os parâmetros defendidos pelo autor no que tange a poesia, assim como as características apresentadas por Martha (2012) em relação à poesia infantil, podem ser observadas na publicação dos trabalhos de Queirós. Na mesma entrevista mencionada acima, ao ser questionado sobre seu processo de trabalho, o autor responde:

Agora mesmo fiz um trabalho para a Editora Larousse, de São Paulo, que chama *ABC...até Z!* São as 26 letras do alfabeto, agora que entraram as outras três. Cada história, cada conto pequenininho, com a letra “a”, só tem a letra “a”. No “b” só tem a letra “b”. Isso me dá um trabalho! Fico pesquisando, pesquisando, pesquisando. Um pra zer muito grande. Pode ser que o leitor passe completamente despercebido. Para o leitor isso não choca, ele gosta por outras coisas. Gosta pelo ritmo, pela sonoridade. Você tem que fazer isso pelo prazer. (QUEIRÓS, 2009).

Pelas palavras acima, é possível concluir seu imenso trabalho para atribuir sentidos a cada verso, referente às 26 letras do alfabeto. E esta prática condiz exatamente com o que o autor declara acerca da poesia e também com as observações realizadas por críticos e leitores de suas obras.

Nos versos de *ABC...até Z!* podemos localizar várias rimas e brincadeiras envolvendo animais. Na entrevista já citada a Instituição Ecofuturo, Bartolomeu afirma que gosta de animais, pois estes o intrigam, questionam-no sobre seus instintos. E ao tomá-los como objetos para a reflexão, faz com que o autor mergulhe em grandes segredos. Os animais o encantam pela maneira que lutam para sobreviver em diferentes meios. O surgimento dos versos com animais nascem das observações do escritor em torno da palavra e principalmente da fantasia.

Em sua conversa com o jornalista Márcio Vassalo, Bartolomeu também realiza afirmações sobre a poesia. Para ele, “[...] a poesia faz com que o leitor se apossa da palavra e vá muito além dele mesmo. O bom texto permite que o leitor se expresse diante dele. É quando o leitor chega a um lugar onde o autor nunca esteve.” (QUEIRÓS, 2012, p. 78).

Considerando as ideias do autor sobre poesia e relacionando estas com o livro *ABC...até Z!* podemos afirmar que Queirós não se desvencilha de seu projeto ao criar esta obra, permeada de brincadeiras com o significado, com o som das palavras, recheada de versos com animais e situações de humor que envolvem o leitor, sendo este criança, jovem ou adulto.

6 – RELAÇÃO DO AUTOR COM AS ILUSTRAÇÕES DE SEUS LIVROS

Em muitas de suas entrevistas concedidas e artigos publicados, ao ser referido o tema da ilustração, Bartolomeu sempre demonstrou interesse e preocupação com as imagens estampadas em seus livros, como tentaremos demonstrar abaixo.

No artigo *Não é tarefa simples escrever para crianças*, Bartolomeu afirma:

Assim, no meu ato de escrever penso também no objeto livro. Se faço um texto com o que há de melhor em mim gosto de vê-lo apresentado de maneira sedutora. Para tanto, o ilustrador se faz indispensável. Mesmo compreendendo que literatura é feita de palavras e que ler é apropriar-se das palavras, e que as coisas são nomeadas pelas palavras, cabe ao ilustrador ser o meu primeiro leitor, capaz de expressar sua leitura por meio da linguagem plástica realizada a partir da sua liberdade e fantasia, para que o livro tenha outros entendimentos e outras admirações. (QUEIRÓS, 2007, p. 33)

O autor entende e valoriza o papel do ilustrador. Sabe diferenciar o plano verbal do plano não verbal e afirma que deve haver um diálogo entre estas duas linguagens. O ilustrador, como primeiro leitor de sua obra, precisa utilizar-se do elemento da fantasia – extremamente importante para Queirós – ao dar formas e cores na expressão de seu texto.

Em outro momento, ao ser questionado sobre a sua relação com o ilustrador, Bartolomeu declara:

Gosto do ilustrador que não repete o texto. Que faz outra leitura do texto. Gosto bem disso. Pensar o seguinte: o texto literário tem que ficar em pé sozinho. Se depender da ilustração não é literário. Porque literatura é palavra, é letra. Então, faço um texto e vejo se ele fica em pé sozinho. Quando você dá para o ilustrador, quer tornar o livro mais sedutor para o pequeno leitor. Quer que a criança pequena se interesse. Porque toda criança gosta muito do livro. [...] Então, esse livro com a ilustração para criança pequena é muito bom. Torna-o sedutor. Aproxima muito a criança do livro. Mas acho que há um determinado momento em que a ilustração tem que sair do texto. Literatura é texto, não é ilustração. Ilustração é uma coisa, literatura é outra. (QUEIRÓS, 2009).

Pelas suas declarações, a preocupação do escritor com as imagens que acompanhariam seus textos fica evidente. Bartolomeu possuía muita distinção sobre o que era o texto literário, o que era o texto não verbal e qual o papel de cada um deles dentro da obra. Gostava de imagens que acrescentavam outras visões ao texto e não apenas o restringia, ilustrações que representavam justamente o que não estava no plano verbal. Sem ser um especialista no assunto, o autor corrobora afirmações como a da estudiosa Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (2012):

A imagem, como apresenta o improvável, produz distanciamento para o leitor e deixa a interpretação suspensa. Desse modo, gera ambiguidades, sentidos simbólicos, instaurando lacunas que serão preenchidas pelo texto, na busca por uma realização comum de sentido. Neste caso, se estabelece entre texto e imagem uma função de amplificação, em que esta amplia os significados daquele e vice-versa, sem que ambos se repitam ou contradigam. (FERREIRA, 2012, p. 165).

Considerando as declarações de Queirós, de Ferreira (2012) e traçando um paralelo com as observações sobre as imagens dos livros aqui analisados podemos tecer alguns comentários. No capítulo anterior apontamos pontos nefrálgicos em relação às ilustrações de *Foi assim...* (2008) e *ABC até Z!* (2009).

As ilustrações de *Foi assim...*(2008), como citamos anteriormente, apenas retratam aquilo que está expresso no campo verbal. As imagens não complementam ou abrem possibilidades para a interpretação do texto. São como fotografias do texto verbal, fixam determinado momento da narrativa e o reproduz. No entanto, apesar da postura contrária de Bartolomeu em relação a este tipo de ilustração, o livro foi publicado.

O ilustrador Rui de Oliveira nos diz que apesar da condicionalidade da imagem à palavra escrita, a ilustração pode e deve assumir um caráter de transcendência do texto, o que não quer dizer que deva transgredi-lo. Para ele, onde termina a palavra começa a arte da ilustração. No entanto, as imagens não podem ser paráfrases do texto, nem seu espelho. Ela é um prisma do texto. (OLIVEIRA, 2012).

Relacionando as ilustrações de *Foi assim...*(2008) com as informações sobre a arte de ilustrar, tanto de Queirós quanto de Rui de Oliveira, podemos perceber a diferença qualitativa das imagens deste texto em relação a tantos outros publicados.

Já o livro de poesias *ABC...até Z!* percebemos uma tentativa de diferenciar as ilustrações. Porém, um dos problemas encontrados nestas imagens é a questão do tamanho e de sua disposição na página. Imagens muito pequenas acompanham cada poema e nas páginas ao lado de cada texto, elementos desconexos, como se fosse um dicionário de imagens, fator que também empobrece o livro no plano não verbal.

Quanto à ilustração dos poemas, sabemos que realmente não é tarefa simples, ainda mais pensando na presença constante do *nonsense* no livro em questão. O ilustrador Rui de Oliveira, faz a seguinte afirmação quanto a este tema:

A poesia é um dos gêneros literários mais difíceis de serem ilustrados. Em alguns casos pelo seu intimismo, pela sucessão de metáforas e alegorias encadeadas, sem dúvida um dos momentos máximos de qualquer idioma. Tudo isso dificulta qualquer tipo de concreção visual. (OLIVEIRA, 2008, p. 22).

Pela afirmação acima, é possível compreender a dificuldade encontrada pela ilustradora Júlia Bianchi em transformar em imagens, os versos presentes nos 26 poemas do livro *ABC...até Z!*. Outro fator que talvez tenha impossibilitado um trabalho mais elaborado é o próprio formato do livro, 24 x 17cm, mas não há como afirmar se foi ou não um empecilho a ilustradora.

Concluindo este item, podemos entender que as concepções de ilustração do grande autor Bartolomeu Campos de Queirós não estão de acordo com as ilustrações apresentadas nos dois livros em questão, questão a qual não podemos explicar e esclarecer os motivos que levaram a publicação destes livros.

7 – ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Bartolomeu acreditava que a literatura poderia transformar o mundo, deixando-o mais justo e mais belo. E por acreditar nisto, passou sua vida a escrever literatura e a defender o direito de todos de terem acesso a ela. Sua visão sobre a literatura, sendo ela infantil ou não, demonstra o profundo respeito deste arte-educador, como gostava de ser chamado, pelo leitor de qualquer idade.

Apesar desta clara posição de Queirós, ao analisarmos os projetos estéticos e gráficos dos dois livros mencionados nesta dissertação, encontramos momentos ou fragmentos sobre os quais se poderiam fazer algumas restrições nos plano estéticos e literários. Em *ABC...até Z!* temos um excelente projeto estético, prejudicado talvez pelo projeto gráfico, mas como o próprio autor defendia, o texto literário precisa ter vida independente de suas ilustrações, o que possivelmente este texto alcance. Problemas maiores localizamos na obra *Foi assim...*, elencados nos capítulos dois e três desta dissertação e retomados em alguns trechos deste capítulo.

Mesmo localizados estes problemas, não possuímos nenhuma pretensão de diminuir o valor literário das produções de Bartolomeu Campos de Queirós, pois qualquer bom autor possui obras mais valorizadas ou menos valorizadas em determinados momentos históricos. Além disso, a enorme contribuição que este autor trouxe a literatura de uma maneira geral e a literatura infantil e juvenil do nosso país não pode ser nublada em razão de alguns problemas estéticos localizados em duas de suas obras.

Logo, concordamos e acreditamos na profecia realizada pela Editora SM: “Um dos mais importantes nomes da literatura infantil e juvenil, cuja obra, repassada de lirismo e

abastecida pelos tesouros da memória, há de seguir alargando as fronteiras do presente.” (SM, 2012).

REFERÊNCIAS

COLASANTI, Marina. Na estação, um último sorriso *in* SERRA, Elizabeth (org.) *Bartolomeu Campos de Queirós: uma inquietude encantadora*. São Paulo: Moderna, 2012.

MACHADO, Ana Maria. Brechas para a liberdade *in* SERRA, Elizabeth (org.) *Bartolomeu Campos de Queirós: uma inquietude encantadora*. São Paulo: Moderna, 2012.

PAULO, João. Bartolomeu Campos de Queirós lança romance de maturidade *in* SERRA, Elizabeth (org.) *Bartolomeu Campos de Queirós: uma inquietude encantadora*. São Paulo: Moderna, 2012.

QUEIRÓS, BARTOLOMEU CAMPOS DE. *Não é tarefa simples escrever às crianças*. Revista Nós da Escola, Rio de Janeiro, v. 4, n. 46, p. 32-33, 2007.

_____. *Manifesto por um Brasil Literário*. Instituto C&A, 2009. Disponível em <<http://www.brasilliterario.org.br/manifesto.php>>. Acesso em nov 2011.

_____. *Memórias da literatura infantil e juvenil*. Museu da Pessoa, Belo Horizonte, 13 fev 2009. Entrevista concedida a Thiago Majolo. Disponível em:<http://www.museudapessoa.net/mdl/memoriasDaLiteratura/entrevista.cfm?autor_id=63>. Acesso em abr 2012.

_____. *O mundo é do tamanho do que sei dizer*. Revista Getúlio, São Paulo, 18 set 2009. Entrevista concedida a Carlos Costa. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/7052/Ed%20-%2017%20-%20Entrevista%20Bartolomeu%20Queiroz%20-%20%28Site%29.pdf?sequence=1>>. Acesso em abr 2012.

_____. *A infância e o livro*. Instituto Ecofuturo, 2010. Disponível em: <http://www.premioecofuturo.com.br/2010/tl_files/dl/pdf/EXE_Bartolomeu.pdf>. Acesso em nov 2011.

_____. *Palavras de Bartolomeu Campos de Queirós*. Jornal da Hora, São Paulo, agosto 2010. Disponível em <<http://espacojornaldahora.blogspot.com.br/>>. Acesso em jul 2011.

_____. *Entrevista com o escritor Bartolomeu Campos de Queirós*. Ecofuturo, São Paulo, 01 set 2010. Entrevista concedida a Instituição Ecofuturo. Disponível em: <<http://www.ecofuturo.org.br/premio/blog/show/53>>. Acesso em ago 2011.

_____. *Para bem escrever*. Instituto Ecofuturo, s/d. Disponível em: <http://www.ecofuturo.org.br/uploads/conteudos/textos_de_apoio/para_bem_escrever.pdf>. Acesso em nov 2011.

_____. O leitor de silêncios. Entrevista concedida a Márcio Vassalo. *in* SERRA, Elizabeth (org.) *Bartolomeu Campos de Queirós: uma inquietude encantadora*. São Paulo: Moderna, 2012.

SAMPAIO, Márcio. Por Márcio Vassalo *in* SERRA, Elizabeth (org.) *Bartolomeu Campos de Queirós: uma inquietude encantadora*. São Paulo: Moderna, 2012.

SERRA, Elizabeth. Bartolomeu: presente! *in* SERRA, Elizabeth (org.) *Bartolomeu Campos de Queirós: uma inquietude encantadora*. São Paulo: Moderna, 2012.

SERRA, Elizabeth; PARREIRAS, Ninfa. Dossiê BCQ apresentado pela FNLIJ como candidato ao Prêmio Hans Christian Andersen IBBY *in* SERRA, Elizabeth (org.) *Bartolomeu Campos de Queirós: uma inquietude encantadora*. São Paulo: Moderna, 2012.

SILVA, Márcia Cabral. *Bartolomeu Campos de Queirós: artesão da palavra escrita*. Revista Palavra, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 28-32, jul/ 2012.

SM Editora. Os editores de Bartolomeu lembram o amigo *in* SERRA, Elizabeth (org.) *Bartolomeu Campos de Queirós: uma inquietude encantadora*. São Paulo: Moderna, 2012.

YUNES, Eliana. *Memórias de menino: poesia e melancolia*. Revista Palavra, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 38-41, jul/ 2012.

APÊNDICE 2
QUADROS DA BIBLIOGRAFIA *DE E SOBRE* BARTOLOMEU
CAMPOS DE QUEIRÓS

Quadro 1 – Produção ativa de Bartolomeu Campos de Queirós: obra poética

Ano	Título	Editora	Local
1971	<i>O peixe e o pássaro</i>	Formato	Minas Gerais
1973	<i>Pedro</i>	Miguilim	Minas Gerais
1978	<i>Raul</i>	RHJ	Minas Gerais
1982	<i>Mário</i>	Miguilim	Minas Gerais
1985	<i>Ah!mar...</i>	Quinteto Editorial	São Paulo
1985	<i>As patas da vaca</i>	Miguilim	Minas Gerais
1985	<i>Cavaleiros das sete luas</i>	Miguilim	Minas Gerais
1986	<i>Coração não toma sol</i>	FTD	São Paulo
1986	<i>Correspondências</i>	Miguilim	Minas Gerais
1986	<i>História em 3 atos</i>	Miguilim	Minas Gerais
1986	<i>Pintinhos e pintinhas</i>	FTD	São Paulo
1988	<i>Apontamentos</i>	Formato Editorial	Minas Gerais
1989	<i>Papo de pato</i>	Formato Editorial	Minas Gerais
1989	<i>Pé de sapo e sapato de pato</i>	Formato Editorial	Minas Gerais
1990	<i>Escritura</i>	Quinteto Editorial	São Paulo
1991	<i>Minerações</i>	RHJ	Minas Gerais
1992	<i>Diário de classe</i>	Moderna	São Paulo
1999	<i>Os cinco sentidos</i>	Cia Editora Nacional	São Paulo
2000	<i>Para criar passarinho</i>	Miguilim	Minas Gerais
2000	<i>Rosa dos ventos</i>	Miguilim	Minas Gerais
2001	<i>Bichos são todos...bichos</i>	Editora do Brasil	São Paulo
2001	<i>Flora</i>	Miguilim	Minas Gerais
2003	<i>O piolho</i>	RHJ	Minas Gerais
2004	<i>Formiga amiga</i>	Moderna	São Paulo
2004	<i>De letra em letra</i>	Moderna	São Paulo
2004	<i>O guarda-chuva do guarda</i>	Moderna	São Paulo
2004	<i>O pato pacato</i>	Moderna	São Paulo
2006	<i>Somos todos igualzinhos</i>	Global	São Paulo
2007	<i>O ovo e o anjo</i>	Global	São Paulo
2008	<i>Anacleto</i>	Larousse Junior	São Paulo
2009	<i>ABC... até Z!</i>	Larousse Junior	São Paulo
2010	<i>2 patas e 1 tatu</i>	Positivo	São Paulo

Quadro 2 – Produção ativa de Bartolomeu Campos de Queirós: narrativas

Ano	Título	Editora	Local
1979	<i>Onde tem bruxa tem fada</i>	Moderna	São Paulo
2001	<i>De não em não</i>	Cia Editora Nacional	São Paulo
2002	<i>Mais com mais dá menos</i>	RHJ	Minas Gerais
2002	<i>A Matinta Perera</i>	FTD	São Paulo
2002	<i>Menino de Belém</i>	Moderna	São Paulo
2003	<i>Até passarinho passa</i>	Moderna	São Paulo
2003	<i>Menino de Belém</i>	Moderna	São Paulo
2003	<i>Vida e obra de Aletrícia depois de Zoroastro</i>	Moderna	São Paulo
2004	<i>Entretantos</i>	Conselho Regional de Psicologia	Minas Gerais
2006	<i>Antes do depois</i>	Manati	São Paulo
2007	<i>Sei por ouvir dizer</i>	Edelbra	Rio Grande do Sul
2008	<i>Foi assim...</i>	Moderna	São Paulo
2008	<i>Menino inteiro</i>	Global	São Paulo
2009	<i>Isso não é um elefante</i>	Abacatte	Minas Gerais
2009	<i>Nascemos livres: a declaração universal dos direitos humanos em imagens</i>	SM	São Paulo
2009	<i>O livro de Ana</i>	Global	São Paulo
2009	<i>Tempo de voo</i>	Comboio das Cordas	São Paulo
2010	<i>A árvore</i>	Paulinas	São Paulo
2010	<i>Emoções em desalinho</i>	Clube de Edit. Mineira	Minas Gerais
2012	<i>A filha da preguiça</i>	Autêntica	Minas Gerais

Quadro 3 – Produção ativa de Bartolomeu Campos de Queirós: memórias

Ano	Título	Editora	Local
1982	<i>Ciganos</i>	Miguilim	Minas Gerais
1989	<i>Indez</i>	Miguilim	Minas Gerais
1995	<i>Por parte de pai</i>	RHJ	Minas Gerais
1996	<i>Ler, escrever e fazer conta de cabeça</i>	Miguilim	Minas Gerais
2004	<i>O olho de vidro do meu avô</i>	Moderna	São Paulo
2006	<i>Sem palmeira ou sabiá</i>	Peirópolis	São Paulo
2011	<i>Vermelho amargo</i>	Cosacnaify	São Paulo

Quadro 4 – Produção ativa de Bartolomeu Campos de Queirós: artigos em livros

Ano	Artigo	Livro	Organização	Editores	Local
1983	“...das saudades que tenho”	<i>O mito da infância feliz</i>	ABRAMOVICH, F.	Summus	SP
1997	“Foram muitos os professores”	<i>Meu professor inesquecível</i>	ABRAMOVICH, F.	Gente	SP
1997	“Menino temporão”	<i>O jogo do livro infantil</i>	PAULINO, G.	Graça Paulino	MG
1999	“O livro é passaporte, é bilhete de partida”	<i>A formação do leitor: pontos de vista</i>	PRADO, J.; CONTINI, P.	Argus	
2001	“Preguiça”	<i>Pecados</i>	YUNES, E; BINGEMER, M.C.L.	PUC	RJ
2002	“Literatura: leitura do mundo, criação da palavra”	<i>Pensar a leitura: complexidade</i>	YUNES, E.	Loyola	SP
2002	“Não darás falso testemunho”	<i>Os dezmandamentos</i>	YUNES, E; BINGEMER, M.C.L.	PUC	RJ
2005	“Leitura, um diálogo subjetivo”	<i>O que é qualidade em literatura infantil e juvenil? Com a palavra o ilustrador</i>	OLIVEIRA, I.	DCL	SP
2006	Traíra sem espinhos	<i>O livro dos sentimentos</i>	BORJA, M.I.; VASSALO, M.	Guarda-chuva	RJ
2007	“Balanço”	<i>Vivências de leitura</i>	PRADO, J.; DINIZ, J.	Leia Brasil	RJ
2007	“Por ser criança”	<i>A vida que a gente quer depende do que a gente faz</i>	Ecofuturo	Instituto Ecofuturo	S. P.
2008	(sem título)	<i>Nos caminhos da literatura</i>	Instituto C&A	Peirópolis	S.P.

Quadro 5 – Produção ativa de Bartolomeu Campos de Queirós: ensaios

Ano	Título	Editora	Local
1982	<i>Considerações sobre a educação artística</i>	Coordenadoria de Cultura	Minas Gerais
2007	<i>Para ler em silêncio</i>	Moderna	São Paulo
2012	<i>O fio da palavra</i>	Galera Record	São Paulo
2012	<i>Sobre ler, escrever e outros diálogos</i>	Autêntica	Minas Gerais

Quadro 6 – Produção ativa de Bartolomeu Campos de Queirós: participação em coletâneas

Ano	Conto/poema	Livro	Organização	Editora	Local
s/d	-	<i>Ora bolas!</i>	QUEIRÓS, B.C.; GONDIM, M.M.R.; CASASANTA, T.	FTD	SP
1991	-	<i>Dois em um!</i>	QUEIRÓS, B.C.; GONDIM, M.M.R.; CASASANTA, T.	FTD	SP
2001	“Onde tem bruxa tem fada”	<i>Historinhas pescadas</i>	LEITE, M.P.A.; SOTO, P.	Moderna	SP
2002	“Faca afiada”	<i>Nem te conto!</i>	QUEIRÓS, B.C.;	Moderna	SP
2002	“Diário de classe”	Gotas de poesia	QUEIRÓS, B.C.;	Moderna	SP
2002	“A ararinha azul”	<i>Olhar de bichos</i>	CUNHA, L.; QUEIRÓS, B.C.; SORRENTI, N.	Dimensão	MG
2003	(não localizado)	<i>7 cores, 7 autores</i>		Franco	MG
2008	A nova fantasia do rei	<i>Diferentes heróis, diferentes caminhos</i>	CONDINI, P.	Leia Brasil	RJ

Quadro 7 – Produção ativa de Bartolomeu Campos de Queirós: organização de livros

Ano de publicação	Título	Editora	Local
2005	<i>Cecília Meireles: as palavras voam</i>	Moderna	São Paulo
2005	<i>Manuel Bandeira: para querer bem</i>	Moderna	São Paulo
2006	<i>Henriqueta Lisboa: luz da lua</i>	Moderna	São Paulo
2006	<i>Branca flor e outros contos</i>	Peirópolis	São Paulo

Quadro 8 – Produção passiva de Bartolomeu Campos de Queirós: livros

Ano	Título	Autor	Editora	Local
1998	<i>Literatura sem fronteiras: uma leitura da obra de Bartolomeu Campos de Queirós</i>	LIMA, Ebe Maria de	Miguilim	Minas Gerais
1999	<i>O infantil na literatura: uma questão de estilo</i>	PERES, Ana Maria Clark	Miguilim	Minas Gerais
1999	<i>Caminhos e encruzilhadas: os percursos poético e político de Bartolomeu Campos de Queirós - da formação do leitor à formação de leitores</i>	PELLEGRINI, Stella de Moraes	RHJ	Minas Gerais
2003	<i>A língua e o discurso da memória: a semântica da infância revisitada em Bartolomeu Campos de Queirós</i>	OLIVEIRA, Maria Lilia Simões de	Miguilim	Minas Gerais

Quadro 9 – Produção passiva de Bartolomeu Campos de Queirós: artigos em livros

Ano	Artigo	Autor do artigo	Livro	Autor/ Organizador do livro	Editora	Local
1985	“Características da obra infantil”	CUNHA, M.A.A.	<i>Literatura infantil: teoria e prática</i>	CUNHA, M.A.A.	Ática	SP
1988	“A dimensão poética da narrativa de Bartolomeu Campos de Queirós”	RESENDE, V.M.	<i>O menino na literatura brasileira</i>	RESENDE, V.M.	Perspectiva	SP
1990	“Indez” “O peixe e o pássaro”	VIEGAS, S.	<i>Cinema comentado</i>	VIEGAS, S.	Núcleo de Filosofia	MG
1991	“Circuito poético”	LUCAS, F.	<i>Mineiranças</i>	LUCAS, F.	Oficina de Livros	RJ
1993	-	RESENDE, V.M.	<i>Literatura infantil brasileira: vivências de leitura e expressão criadora</i>	RESENDE, V.M.	Saraiva	SP
1995	“Economia e eficácia: o projeto gráfico de Cavaleiro das sete luas”	SILVA, V.M.T.	<i>Literatura infanto-juvenil: prosa & poesia</i>	MELLO, A.M.L.; TURCHI, M.Z.; SILVA, V.M.T.	UFG	GO
2001	“Terceira parte do livro”	EVANGELISTA, A.A.M; BRANDÃO, H.M.B; MACHADO, M.Z.V.	<i>A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil</i>	EVANGELISTA, A.A.M; BRANDÃO, H.M.B; MACHADO, M.Z.V.	Autêntica	SP
2002	“A memória da infância no discurso literário de Bartolomeu Campos de Queirós”	OLIVEIRA, M.L.S.	<i>Literatura infanto-juvenil: leituras críticas</i>	TURCHI, M.Z; SILVA, V.M.T.	UFG	GO
2008	“A palavra na boca do tempo”	AGUIAR, V.T.	<i>Narrativas juvenis: outros modos de ler</i>	CECCANTINI, J.L.; PEREIRA, R.F.	UNESP	SP

Quadro 10 – Produção passiva de Bartolomeu Campos de Queirós: artigos que apenas se remetem ao autor

Ano	Artigo	Autor do artigo	Livro	Autor/ Organizador do artigo	Editora	Local
1991	“Brasil – século XX”		<i>Panorama histórico da literatura infantil e juvenil</i>	COELHO, N.N.	Ática	SP
1995	“Tendências da poesia infanto-juvenil brasileira”	TURCHI, M.Z.	<i>Literatura infanto-juvenil: prosa & poesia</i>	MELLO, A.M.L.; TURCHI, M.Z.; SILVA, V.M.T.	UFG	GO
2000	“A poesia destinada às crianças”	-	<i>Literatura infantil</i>	COELHO, N.N.	Moderna	SP
2005	“Poesia e humor para crianças”	CUNHA, Leo	<i>O que é qualidade em literatura infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador</i>	OLIVEIRA, I.	DCL	SP
2005	“Uma literatura & seu leitor”	AGUIAR, L.A.	<i>O que é qualidade em literatura infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador</i>	OLIVEIRA, I.	DCL	SP
2007	Poesia para crianças	-	<i>Literatura infantil: gostosuras e bobices</i>	ABRAMOVICH, F.	Scipione	SP
2009	“Da memória à letra”	-	<i>Confusão de línguas: o que o adulto escreve, a criança lê</i>	PARREIRAS, N.	RHJ	MG
2012	O poema narrativo para a infância	SALES, J.B.	<i>Poesia infantil e juvenil brasileira: uma ciranda sem fim</i>	AGUIAR, V.T.; CECCANTINI, J.L.	Cultura Acadêmica	SP

Quadro 11 – Produção passiva de Bartolomeu Campos de Queirós: teses e dissertações

Ano	Título	Autora	Local
1998	<i>A experiência da jovialidade: uma cruzada poética</i>	SIQUEIRA, V.A.	UFMG
2003	<i>O lúdico no discurso poético de Bartolomeu Campos de Queirós</i>	ZELAQUETT, A.G.	UFPA
2007	<i>A poética da delicadeza e do essencial: Roseana Murray, Bartolomeu Campos de Queirós e José Jorge Letria</i>	LUIZ, G.	USP
2010	<i>Bartolomeu Campos de Queirós: semeador de memória e performance narrativa</i>	MILLEN, J.C.	UFMG
2011	<i>Entre Guimarães Rosa, Manuel de Barros e Bartolomeu Campos de Queirós: a criação de uma infância da escrita</i>	GOMES,R.S.	UFMG

ANEXOS

ANEXO 1

1. Imagem Capa do livro *Foi assim...* (2008), de Bartolomeu Campos de Queirós

ANEXO 2



2. Primeira imagem de dentro do livro *Foi assim...*(2008), p.

ANEXO 3



3. Edu, em seu quarto, pensativo. Representação do livro *Foi assim...* (2008), p. 53.

ANEXO 4



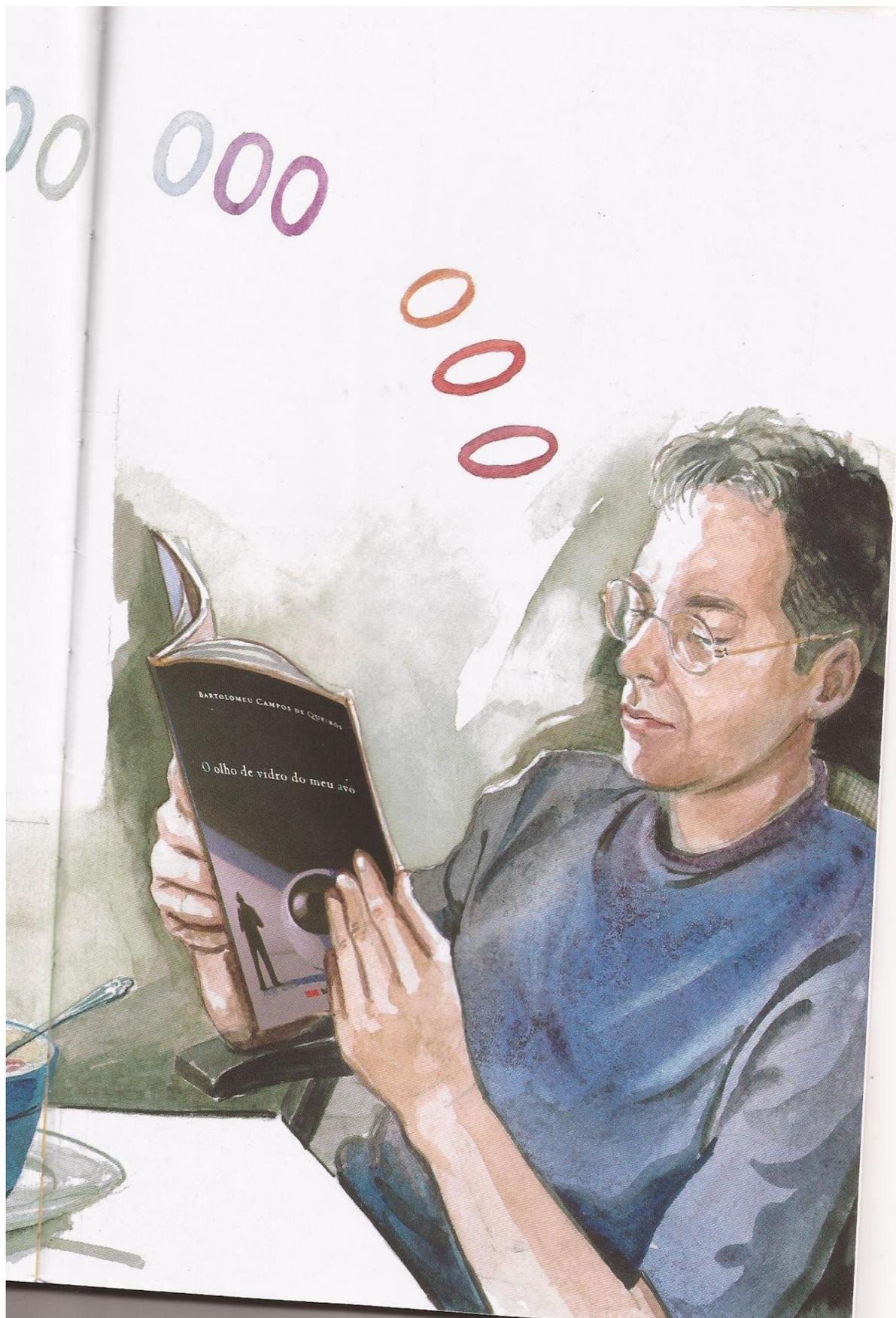
4. A mãe de Edu, Marina, observa o filho brincando com os amigos. Representação do livro *Foi assim...* (2008), p. 33.

ANEXO 5



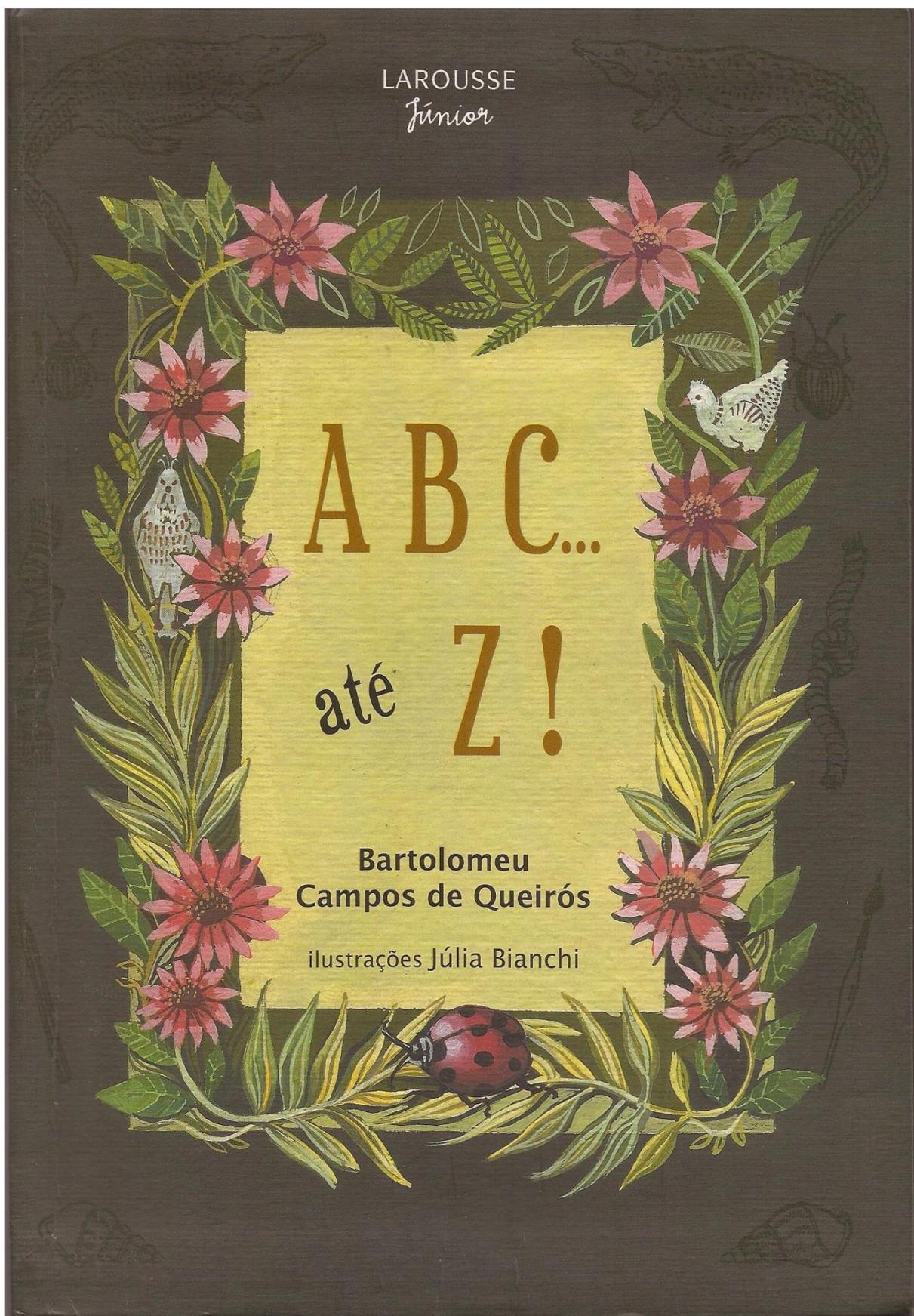
5. Edu e a mãe brincam com as letras. Representação do livro *Foi assim...* (2008), p. 37.

ANEXO 6



6. Ilustração final do livro *Foi assim...* (2008), p. 62.

ANEXO 7



7. Imagem Capa do livro *Foi assim...* (2008), de Bartolomeu Campos de Queirós

ANEXO 8

F

A foca fofa fofoca:
— Farofa de farinha fina,
feita na frigideira,
se fica fria,
é fogo!

A farinha fala:
— Faço farofa de fofoca
da foca faladeira,
frito no fogo
e me farto.
A fome é feia!



ANEXO 9



9. Ilustrações que acompanham o poema referente à letra F, do livro *ABC...até Z!* (2009), p. 19.